



O estado em que ficou a entrada da Casa de Macau atesta a violência da explosão ocorrida esta madrugada

*Lisboa e Évora
acordam com explosões*

Sete bombas contra alvos estrangeiros

Sete explosões visando interesses estrangeiros em Portugal foram reivindicados pelas FP-25 em telefonema para o «DL», ao fim da manhã de hoje. Os rebentamentos de média potência, registaram-se cerca da 1 e 30, em três locais diferentes de Évora, e entre as 2 e as 2 e 15 em quatro pontos de Lisboa e Queluz de Baixo. As empresas visadas eram a Siemens e a fabricante de «jeans» da marca «Lee», na cidade alentejana; o Crédit Franco-Portugais, uma seguradora inglesa e uma sociedade de investimentos, a Finc, no caso da capital.

Pág. 6

Terceiro líder em três anos Chernenko morreu



Vinte e oito meses depois de tomar o Poder, novamente a sucessão...



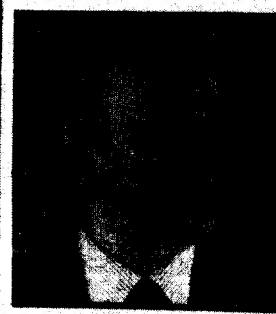
**Gorbachev
foi encarregado
de organizar
funeral o que
o coloca em
n.º 1 na lista
de sucessores**

Tanto Chernenko como Andropov tinham organizado os funerais dos seus antecessores. Desta vez será Gorbachev, tido como o mais forte candidato à sucessão. O falecimento do líder soviético foi anunciado hoje de manhã em Moscovo, dezoito horas depois da morte, que ocorreu após «grave doença», segundo informação oficial. Os funerais realizam-se na quarta-feira, depois do corpo de Constantin Chernenko ficar exposto na Sala das colunas da Casa dos Sindicatos, em Moscovo. Segundo informações veiculadas da capital soviética, o presidente falecido ficará sepultado na Praça Vermelha. Em Portugal, o Primeiro-Ministro em exercício, o presidente da Assembleia da República e o ministro dos Negócios Estrangeiros enviaram mensagens de condolências aos seus congéneres soviéticos.

Pág. 11

Cidades do Iraque estão a ser bombardeadas Aviões atacam Bagdade

Pág. 10



Golpe de teatro em vésperas de eleições

Karamanlis demite-se da presidência da Grécia

Pág. 10

**GARANTIMOS
RAPIDEZ E
EFICIÊNCIA**

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES

**SOS
CTE**

OS PROFISSIONALISTAS DO
SOM, TELEVISÃO E DO VÍDEO

**ESTACÃO DE SERVIÇO
PERMANENTE**

**88 27 86
89 98 26**

ANOS AO SERVIÇO DA ELECTRÓNICA E BOMBAZINHAS PARA TODOS OS FINS

AV. S. JOÃO DE DEUS, 13-B 8.º E. DE MACAU, 8.º 1.º — LISBOA

**A
MELHOR
ASSISTÊNCIA
TÉCNICA
AO SEU
TELEVISOR
E VÍDEO**

Se os jovens pudessem...



Tomás, 20 anos, a cumprir o serviço militar

«O queixume é uma característica dos portugueses»

- **Concorda com o serviço militar?**
- Sim.
- **Porquê?**
- Acho que faz parte da vida de qualquer português. No entanto, vejo que tem muitas coisas mal.
- **Que coisas?**
- Por exemplo as verbas que são desviadas. Pura e simplesmente desaparecem e ninguém sabe como nem para onde. É giro ver que eu fiz tudo para me «safar» e agora gosto imenso de estar na Marinha.
- **Se afirma que a tropa faz parte da vida de qualquer português, porque se tentou «safar»?**
- Por egoísmo, como toda a gente.
- **Concorda com as verbas despendidas para a Defesa?**
- Não concordo nada porque se despendem somas enormes e todo o material de Defesa de encontra a cair aos pedaços, até da vontade de ir, parece que andamos a brincar. Além disso, acho que esse dinheiro devia ser empregue em coisas mais importantes, como a Educação e a Saúde, por exemplo. Penso que se limitaram a estagnar na ideia de que a verba para a Defesa tem que constar do Orçamento, e que tem de ser aumentada todos os anos, esquecendo-se que a Saúde é primordial e necessária todos os dias, o que não acontece com a Defesa.
- **Como está a Saúde?**
- Muito pouco descentralizada. Faz impressão ir para o interior e ver pessoas que nunca foram ao médico, não sabem o que é um dentista e no entanto têm dores de dentes desde pequeninas.
- **O Governo tem tentado descentralizar a Saúde?**
- Penso que sim.
- **O que se tem feito nesse sentido?**
- Vêm-se as construções de uns hospitaisinhos. E vê-se um remexer no assunto, o que já é qualquer coisa.
- **Mas é muito pouco, não acha?**
- Acho, como qualquer pessoa acharia.
- **Além da Saúde, o que mais está mal no País?**
- A desorganização geral. Ao contrário do que se diz, há muita gente que trabalha, só que o seu trabalho é mal organizado e a produção torna-se pouca. No entanto as pessoas queixam-se muito, dizem mal, mas não fazem nada para alterar a situação. Ficam-se pelo protesto, que é a atitude mais fácil.
- **Têm razão para se queixarem?**
- Têm, mas podiam fazer algo em vez de só se lamentarem.
- **O queixume é uma característica dos portugueses?**
- Sem dúvida, desde o fado até tudo. O queixume e a lamentação fazem parte da maneira de estar na vida dos portugueses.
- **Se pudesse governar o que começava por mudar?**
- Para mim o primordial era mudar uma coisa que o Governo não pode fazer, pelo menos para já: a maneira de estar na vida dos portugueses. Talvez só fosse possível começando por uma nova educação de base, a todos os níveis.
- **E isso é possível com o apoio que a Educação tem?**
- Acho que sim, vão-se dando passinhos de bebé, mas sempre são passinhos.

Ana Merelo

Faltaria à verdade se tentasse esconder a emoção com que assisti, no passado dia 21 de Fevereiro, à apresentação, na Assembleia da República, do Projecto-de-Lei sobre o «Acesso ao Direito e aos Tribunais», feita pelo deputado do PCP José Magalhães.

Colocando o direito à Justiça em pé de igualdade com outros direitos fundamentais, o projecto de lei enterra definitivamente o actual sistema de assistência judiciária (dispensa ou redução de custos e preparos e nomeação oficiosa de advogado para os casos de comprovada miséria) que, além de inoperante é hipócrita.

Partindo da formulação do Art.º 20.º da Constituição da República, pretende-se assegurar a todos uma correcta informação das leis que nos regem, dos direitos de cada um e da forma e meios de os exercer.

Pois, se é certo que o factor económico é dos mais limitativos no acesso à Justiça não podemos ignorar o peso das condicionantes sociais e culturais.

A esmagadora maioria dos portugueses vê-se hoje totalmente desprotegida no emaranhado jurídico em que nos movemos, sem ter a quem recorrer para se informar dos seus direitos e deveres.

A consulta ao advogado, para além de necessariamente dispendiosa, implica sempre um conhecimento que não é acessível a qualquer cidadão.

A protecção jurídica tem pois de ser encarada, já não como uma mera caridade aos desvalidos mas como um direito constitucional.

Nesta óptica, a encara o projecto de lei do PCP, propondo a articulação de três sistemas, visando:

I - «Garantir a todos a necessária informação jurídica» (publicação de um **guia do cidadão, guias de utentes, criação de centros de informação, informação telefónica, publicidade sobre os direitos dos cidadãos** nos órgãos de Comunicação Social e nas salas de cinema).

II - «A prestação de serviços de consulta e apoio jurídico, extrajudiciário e prejudiciário sobre questões susceptíveis de afectar direitos e interesses em matéria civil, penal, laboral, administrativa, social, comercial e fiscal».

III - «Assegurar o patrocínio judiciário em qualquer jurisdição, o patrocínio oficioso em processo penal e a defesa oficiosa nos processos de ilícito de mera ordenação social».

A consulta e o patrocínio seriam prestados pelo Ministério Público e por advogados a quem ou em regime de dedicação exclusiva mediante a criação da carreira de advogado público ou em regime de prestação de serviço, seria estipulada remuneração condigna com a qualificação e a natureza do trabalho.

O projecto tem ainda em conta o contributo das entidades privadas que sem carácter lucrativo

têm vindo a desenvolver trabalho nesta matéria (sindicatos, associações de inquilinos e outros).

Assisti, assim, à apresentação de um projecto que, como uma pedrada no charco, nos obriga a todos - profissionais do Direito ou não - a repensar o sentido do direito à Justiça.

Claro que, de imediato, se levantaram vozes de apoio e de discordância. E, embora as questões levantadas em sede de apresentação de um projecto não tenham ainda a construção acabada dos argumentos de um debate, a tónica da discordância lá foi aflorada em jeito de pergunta: em que medida se pode conciliar a carreira de advogado público com a independência necessária ao exercício de tão nobre profissão?

A questão é tão bacoca que nos faria rir um riso solto se não soubéssemos que tão bem tem servido os interesses de alguns. Mas,

Como pode um advogado temer a perda da sua independência quando se identifica com os interesses do seu constituinte? E se não se identifica como pode ser seu advogado? Como pode temer ser mais ou menos independente por ser remunerado por este ou por aquele cliente? Como pode fazer crer que é mais independente ou criterioso na escolha dos clientes que frequentam o seu escritório do que num serviço público pago pelo Estado? Como pode um advogado vir, sem vergonha, pôr em causa a sua própria independência?

A independência do advogado mede-se pelo seu interesse em ser ou não um digno colaborador na administração da Justiça. E como é possível aspirarmos à defesa intransigente dos direitos de todos aqueles que não podem pagar-nos o trabalho ou que por razões de ordem social ou cultural não chegam a nós?

A situação de nos virmos designados defensores oficiosos em processo penal enquanto aguardamos vez para o julgamento do processo que cuidadosamente preparámos não é rara. Muitas são as vezes que os interesses em jogo - os constantes do nosso processo e os da defesa oficiosa - são equivalentes. É vexatório o contributo que podemos dar, confrontados com o assunto, ali em audiência, já sem possibilidade de carrear para o processo elementos que poderiam ser importantes para a defesa. Que sentido tem então falar-se aqui na independência do advogado?

Ocuparmo-nos tranquilamente dos interesses daqueles que nos procuram implica a consciência da escolha que por eles foi feita e a satisfação de saber que teriam um serviço público a quem recorrer se dele carecessem.

O acesso à Justiça e aos tribunais não pode ser filtrado pelas portas dos escritórios dos advogados.

Quem o defende são os guardiões castrados de uma Justiça injusta, são os eunucos do Direito.

Bulgária

Licenças por paternidade

O Estado búlgaro prevê outorgar aos homens licenças «por paternidade», porque a mãe e o pai têm os mesmos direitos e deveres relativamente aos filhos - disse em Sófia, um porta-voz do comité do Movimento das Mulheres.

Veska Andreeva disse à ANOP que existe a ideia de que os pais devem também desfrutar da licença de parto, embora ainda não se tenha chegado a uma decisão legislativa a este respeito.

Andreeva considerou que uma conquista importante da política social búlgara são as licenças correspondentes a 60 dias laborais por ano concedidas em caso de doença de um filho menor de 16 anos.

Estas licenças tanto podem ser disfrutadas pelo pai, como pela mãe e ainda existem outras que se concedem à mãe em caso de doença contagiosa da criança, por motivo de quarentena imposta pelas autoridades sanitárias ou ainda durante a hospitalização de um filho.

Nestes casos as licenças e a remuneração correspondente não têm limite prévio e duram até ao fim da doença ou quarentena.

Por outro lado, quando se trata de licenças de 60 dias para atender à criança doente a mãe, ou o pai, recebem uma indemnização pela sua incapacidade laboral.

Se a criança doente for menor de sete anos, o pai usufrutuário da licença recebe a totalidade do seu salário.

Em caso de doença ou morte da mãe por parto, o pai ou uma das avós, têm direito de utilizar a licença de maternidade.

A dirigente do comité do Movimento das Mulheres búlgaras indicam que está em preparação uma nova lei que entrará em vigor no corrente ano e que outorga «férias adicionais» para cuidar das crianças até aos dois anos, gozadas quer por um dos cônjuges, quer por uma das avós que pode pedir uma licença no emprego ou repor uma antecipa-

A porta-voz do comité salientou que a legislação búlgara aumentou as 12 semanas de licença de parto estabelecidas nos convénios internacionais.

Deste modo, todas as mulheres trabalhadoras obtêm uma licença de maternidade pelo primeiro filho equivalente a 120 dias, pelo segundo, 150 dias e pelo terceiro 180 dias.

Quarenta e cinco dias destas licenças desfrutam-se obrigatoriamente antes do parto.

A retribuição pela licença correspondente a 100 por cento do salário laboral ilíquido e não pode ser inferior ao salário mínimo nacional que é de cerca de 120 levas (equivalente a cerca de 22 000 escudos).

As mulheres que adoptam filhos gozam das mesmas licenças de maternidade, dependentes da idade da criança no momento da adopção.

Andreeva precisou que além desta licença por gravidez e parto, a mãe tem direito a uma licença suplementar imediatamente após expirar a primeira.

O tempo de licença suplementar também depende do número de filhos.

Para o primeiro correspondem mais seis meses, para o segundo mais sete meses e para o terceiro, mais oito. Para cada filho que nasça depois, correspondem mais seis meses. Durante estas licenças suplementares a mãe (ou mãe adoptiva) recebe um subsídio equivalente ao salário mínimo nacional.

Esta licença suplementar constitui, em princípio, uma facilidade para as mães que não conseguiram inscrever os filhos numa creche ou não têm ajuda familiar. Se, no entanto, preferem regressar ao trabalho, sem desfrutar da licença suplementar durante o tempo que lhes corresponde, auferem, além da remuneração laboral, a metade da recompensa estabelecida para poderem pagar a uma empregada.

Esta resolução jurídica considerou o interesse das mães no

emprego pois, por vezes, a desvinculação prolongada do trabalho pode repercutir-se desfavoravelmente no seu desenvolvimento profissional.

As mães ainda têm direito a licença não retribuída até os filhos completarem três anos, reconhecendo-se-lhes, no entanto, todo este tempo como antiguidade no trabalho e sendo-lhes reservado o posto laboral, além de poderem aceitar tarefas para efectuar em casa.

A consultora jurídica do comité das Mulheres Búlgaras informou, por seu turno, que para as mães domésticas, em caso de parto, é-lhes reconhecida antiguidade laboral que se determina de acordo com o número de filhos: pelo primeiro, 12 meses, pelo segundo, 14 meses, pelo terceiro, 18 meses e a partir do quarto e seguintes, 12 meses.

Após o parto a mãe doméstica recebe um subsídio que para o primeiro filho é o mesmo que para o quarto e seguintes e equivalente ao salário mínimo nacional. O auxílio que se outorga pelo segundo filho equivale aos salários mínimo e médio. Maior quantidade é concedida pelo terceiro filho e corresponde a cinco salários mínimos nacionais.

Andreeva informou que também as estudantes recebem, tal como as mães domésticas, um subsídio do Estado por parto e maternidade, equivalente ao salário mínimo nacional, durante o mesmo período que gozam as mulheres trabalhadoras, depois de vencidos estes prazos, as mães estudantes recebem um auxílio especial até ao fim dos estudos e basta que um dos pais seja estu-

dante para o subsídio seja auferido pelo casal.

A consultora jurídica salientou que a lei relacionada com a «protecção e estímulo da maternidade» obriga as empresas a oferecer postos de trabalho a tempo parcial, ou trabalhos mais leves. As mulheres trabalham a tempo parcial, gozam das mesmas regalias sociais que as restantes trabalhadoras.

O porta-voz do comité especificou que se uma mulher grávida pedir emprego, «as empresas socialistas são obrigadas a considerar apenas as suas qualidades morais e profissionais», sem levar em linha de conta o estado de gravidez, mesmo que avançado.

Estatisticamente falando, Andreeva informou que em cada cem mulheres fisicamente aptas, 86 trabalham fora de casa.

As jovens famílias gozam de privilégios especiais que incluem a atribuição de apartamentos quando casam.

A lei determina que, no prazo de um ano, se o casal não tiver arranjado habitação deverá receber um empréstimo de 1500 levas (cada leva corresponde presentemente a 180 escudos) para comprar um apartamento, ou terá prioridade no arrendamento de uma casa de renda estatal, que varia entre 10 e 30 levas.

Numa creche paga-se cerca de 12 levas por criança e nos jardins de infância a taxa é mínima, depende do salário dos pais ou só da mãe, se esta for solteira.

Susana Ruth Vasques
- ANOP



NAS PASSADEIRAS

Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa



política de A a Z

Reflectir para intervenir

 ABEMOS que certas iniciativas de reflexão política têm uma reduzida repercussão nos meios de Comunicação Social; sabemos que é muito possível que o seminário organizado pela UEDS sobre o sistema eleitoral presente e a sua eventual modificação, não venha a ser objecto de um programa na RTP; sabemos que é enorme a possibilidade de uma RTP que transmitiu as tradicionais e adventícias comemorações do 1.º de Dezembro, não se interessar pelo debate do problema da «Independência nacional» promovido por um grupo de cidadãos. E sabemos, também, que a **política nacional** se alimenta de especulações artificiosas, quando não mistificadoras, de intrigas, fulanismos, manobras de diversão e de intoxicação.

Mas sabemos que, do debate sobre o «sistema eleitoral», emergiu a preocupação relativa a um projecto de alteração do sistema vigente que em vez de lhe acrescentar virtualidades democráticas, o deformaria para uso e prolongamento de interesses partidários; e que, através do debate, e apesar das opiniões de alguns representantes partidários, se revelou o desejo de que se alargasse a participação dos cidadãos na vida política. Se foi contestado o artifício legal capaz de alterar formalmente a correlação de forças em sede parlamentar ou no quadro autárquico, foi defendido, com insistência, que aos cidadãos agrupados, sem qualquer estatuto partidário, fossem reservadas possibilidades de intervenção e de propositura de candidaturas.

Para além dos resultados do debate, o que eles exprimem — se acaso bem interpretamos —, é um movimento de fundo. Os cidadãos portugueses desencantados da «partidocracia», reúnem-se, ainda que ao apelo de «partidos» ou de cidadãos com conhecida posição partidária, para, em debates abertos, livremente defenderem formas complementares, ou supletivas, que contribuam para fortalecer e alargar a intervenção cívica. E não admira que este tipo de iniciativas, mesmo nos casos em que não pretenda, ou não logre, atingir forma orgânica represente um verdadeiro movimento no sentido de aprofundar a **Democracia política** com o propósito de criar condições de institucionalização e de aprofundamento da **Democracia económica e social**.

O problema do «sistema eleitoral» não é um problema técnico, é um problema político. As **soluções técnico-jurídicas** explicitam, ou ocultam, **objectivos políticos**.

E este problema, que é o da autenticidade da representação democrática, conduz-nos a outros: ao da «par-

tidocracia» e ao da «partidofobia». Não se trata, evidentemente, de organizar a «intervenção cívica» contra os partidos, mas de e apesar dos partidos, sem os seus condicionamentos das estratégias partidárias, trazer a debate público os grandes problemas nacionais. Entre os quais avulta, nos nossos dias, o problema da independência nacional.

Na noite de sexta-feira, reunidos para discutir aspectos do problema nacional, cidadãos de várias tendências, alinhados uns, independentes outros, sem outra delegação que o seu interesse pela matéria e sem outra autoridade que a de serem portugueses de nascimento e de fé, falaram de questões militares, diplomáticas, económicas e culturais. Um homem do Teatro e da Cultura, como Helder Costa, talvez tenha, no sarcasmo da sua intervenção, dado expressão ao desespero comum. Talvez tenha sido a voz da revolta de quantos consideram que, apesar de Abril, continuamos a fazer, ou melhor a deixar que em nosso nome se faça, uma política de compromissos que agravam dependências antigas e criam novas dependências.

Estratégias que não são nacionais, porque do estrangeiro impostas, ou porque servidas de interesses sectoriais ou de facção, condicionam não só a nossa política externa, como a nossa política económica e social.

Passam os anos, sucedem-se os governos, ministros substituem ministros, e questões como a das pescas, da indústria conserveira, da produção alimentar, da racionalização alimentar, da austeridade de consumos e a dos consumos sumptuários, não são objecto de medidas que tendam à sua solução. A dependência alimentar das importações com o seu peso na balança do comércio exterior, é um factor prejudicial à nossa independência nacional. Dependemos no plano da Tecnologia; dependemos no plano da Ciência. Consentimos, no plano da Cultura, a invasão e o abastardamento. A própria Língua não defendemos.

Nem defendemos a **segurança nacional**. Na medida em que nos enleamos, ou deixamos enlear, em teias que outros tecem e são as suas linhas de defesa e de ataque, de prossecução da sua política de paz e de guerra.

Parece ser natural que os cidadãos, em vez de cruzarem os braços, ou de se limitarem ao clamor dos protestos, promovam formas de contacto, de convívio e de intervenção cívica.

Debater o «sistema eleitoral», discutir o problema da «independência nacional», são iniciativas que merecem apoio. No fundo é a hora de não perder mais tempo. Hoje, agora, antes de nos deixarmos envolver no nevoeiro.

Folhetim artístico

A. C. T.

José-Augusto França

EXACTAMENTE «Arte Ciência Tecnologia» como título dum simpósio e colóquio público organizado no Centro Cultural de Paris da Fundação Gulbenkian por um grupo de instituições científicas e académicas, e artísticas também, que foram a WAAS (World Academy of Art and Science), o ICSU (International Council of Scientific Unions), a A.E. (Académie Européenne des Arts, des Sciences et des Lettres), a AICA (Association Internationale des Critiques d'Art), o Paris Art Center que aqui tem realizado notáveis exposições sob a direcção de A. Gibbota, por isso lhe competindo uma das finalidades da reunião: a organização duma vasta exposição internacional que, devidamente programada pelos trabalhos do simpósio, possa vir a oferecer, em Paris, em Veneza, em Chicago, (e no Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian, em Lisboa) uma problematização do estado presente da relação entre os três pólos históricos uma criatividade humana, no quadro da civilização ocidental. Se não é original o intento, já várias vezes insatisfeito em exposições também internacionais, a tentação é grande de lhe dar novas garantias conducentes a uma manifestação cultural (e social) de importância, e de utilidade histórica, neste momento de encruzilhada de caminhos e de ameaças, em face de uma mutação civilizacional que a informática provoca ou pode

provocar. Consciência disso, aproveitamento do que isso acarreta de obviamente positivo, e também, defesa contra o que daí possa resultar de empobrecedor para outras qualidades humanas — ou para uma humana é essencial qualidade de imaginação livre e feliz, tal foi a razão do encontro.

A exposição que venha a realizar-se deve obrigatoriamente partir duma reflexão sobre este magno problema e sobre ele levar a reflectir, espécie de juízo final da nossa condição de informatizáveis...

Porque de informática sobretudo se trata, hoje em dia, quando sobre técnica se pensa sem quase nunca se atingir a tecnologia que anglo-saxonicamente se avantaia na linguagem corrente, substituída ao de que na verdade se trata e que é apenas a técnica, não uma reflexão («logia»...) sobre ela, que os «tecnólogos» são os últimos a fazer ou a serem capazes de fazer, com consciência filosófica, epistemológica (e política) indispensáveis.

O programa do encontro, porém, nos seus cinco grupos de trabalho reunidos separadamente e depois em conjunto, e de novo publicamente, procurou perspectivar os programas de uma maneira contínua, introduzindo-os por uma reflexão sobre «história e linguagem» e rematando-os (antes da sessão final de reflexão programada) por uma própria exposição por considerações sobre «Ciência, arte e sociedade». Entre ambos os

pontos da discussão, trataram dois grupos de «Ciência, fonte de criação artística» e de «Luz, cor, estrutura», o primeiro procurando entender uma relação extremamente ambígua, e por vezes equivocada, em que as próprias técnicas, mecânicas e outras, se misturam, sendo a «fonte» inspiração ou instrumentalização, ou ambas as coisas; e o segundo pondo o problema fundamental das artes visuais que se definem em estruturas que a luz (e a cor) determinam para que visuais sejam.

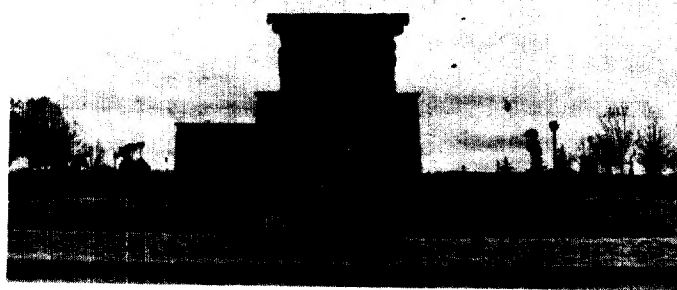
Indispensável era acertar as linguagens faladas na ciência e na arte, em sua diferença que vai do «saber» e do «fazer» ao «ser», referencial a linguagem da ciência, projectual a da técnica, em situação unívoca ou plurívoca, e auto-significativa (tautológica, digamos) a da arte, na polissemia do seu discurso consubstancial. E necessário também era fazer o historial da ciência e da (ou na) arte, pelo menos no nosso século, sem ignorar o próximo passado dum desfazer impressionista do espaço e, por isso, outro passado mais distante mas ainda assim muito em cima da nossa experiência mental quotidiana, que é o da perspetivação renascentista dum espaço obviamente adquirido e logo imposto em b-a-bá. Coube-me, num grupo de trabalho composto por René Berger e Rui Mário Gonçalves (e a que por doença faltou G.C. Argan, retido em Roma) tratar do assunto pela AICA, que assim colaborou no projecto A.C.T.

E indispensável era também reflectir sobre a função social da relação estabelecida entre os dois dados, ciência e arte, e essa foi a missão dum grupo organizado pelo prof. C. G. Heden contando com cientistas, biofísicos como F. Mayor, psiquiatras como E. Mudd, legistas como R. MacDonald, sociólogos como F. Ferrarotti, representando universidades de Madrid, Pensilvânia, Dalhousie (Canadá), Roma.

Coube ao prof. R. Daudel, da Univ. Paris dirigir, o segundo grupo com a colaboração do prof. R. Huyghe do Collège de France, de arquitectos (Wogensky, Langlois) e de artistas (Soto), e ao dr. Horácio Manzano, director do Instituto de Ciência da F.C.G. e ao prof. A. Forti, director do departamento de investigação científica da UNESCO (e organizador geral do encontro), ocupar-se do restante grupo, com físicos, matemáticos e artistas também (Schöffner, Perilli, Messagier) — enquanto na equipa de A. Gliotta se contava A. Crombi, professor da história da ciência em Oxford, V. Danilov, director do museu de Ciência de Chicago, especialistas de «laser» e de pesquisa em computador (H. Francke, da Univ. de Munique, Y. Frieman, da Univ. das Nações Unidas) e Otto Piene, director do Centro de estudos de pesquisas visuais do M.I.T. de Chicago.

Trabalhos em curso, chegados a um momento de encontro.

ponto a ponto



Os estados-maiores peninsulares, representantes das Forças Armadas de Portugal e de Espanha, iniciaram ontem em **Madrid** a trigésima primeira conferência anual conjunta para tratar «assuntos de carácter militar e interesse mútuo».

A conferência, que se realiza alternadamente em cada ano num dos países, prolonga-se até sexta-feira, na sede do Estado-Maior da Defesa.



O plenário nacional do Movimento para o Aprofundamento da Democracia (MAD) encerrou em Lisboa com a eleição dos seus órgãos nacionais. A mesa do plenário será constituída por **Teresa Santa Clara Gomes**, José Braga da Cruz e Joaquim Brandão. Para a comissão coordenadora nacional foram eleitos Álvaro Marques, Armando Pedroso Lima, Carlos Silva, Célio Costa, Cláudio Teixeira, Diogo Duarte, José Roseira, Mariano Calado e Nuno Fisher Pires.

Na sessão de encerramento, Maria de Lurdes Pintasilgo interveio sobre o significado da actuação característica do MAD e acentuou a necessidade de uma mobilização dos cidadãos para as próximas eleições presidenciais e autárquicas.

O ministro do Trabalho, Amândio de Azevedo, foi recebido em audiência privada pelo Papa João Paulo II. Amândio de Azevedo, que esteve em Roma, é também presidente da Liga Universitária Católica. Dado o carácter privado do encontro, o Vaticano não deu pormenores do encontro do ministro português com o Papa.



Lucas Pires defendeu eleições legislativas ao mesmo tempo que as presidenciais «ou imediatamente antes ou depois desse acto». Em entrevista ao programa «Fogo Cruzado» da Rádio Comercial, o líder do CDS manifestou-se contra as eleições antecipadas e acrescentou serem «os partidos do Governo que se têm esmerado em criar condições para as eleições antecipadas». «As eleições presidenciais não vão ser a panaceia dos problemas nacionais ao invés da febre que grassa por aí para onde a maioria dos partidos tem apontadas as suas estratégias. O CDS entende que não vai ser assim e que será preciso tomar muitas outras medidas, como a revisão da lei eleitoral, das leis económicas ou do referendo» — disse Lucas Pires.



O dirigente do CDS **Adriano Moreira** defendeu que o Presidente da República deverá ser «um homem a quem o País venha a reconhecer uma grande autoridade, uma coisa que é completamente diferente do poder». «A índole do povo português» — argumentou Adriano Moreira em entrevista ao programa «Cartas na Mesa» da Rádio Renascença — «exige que a Presidência da República tenha um função importante no Governo». Adriano Moreira ressaltou que «dadas as circunstâncias que existem, o que pelo menos o país exige é que ao Presidente da República seja reconhecida uma autoridade de tal ordem que todas as instituições políticas lhe prestem a devida atenção».

«E isso não está a acontecer» — acrescentou.

A Comissão da Condição Feminina recomendou aos órgãos de Comunicação Social que não atinjam as mulheres com gracejos de mau gosto como por vezes tem acontecido — disse Joana Barros Batista à ANOP. No seminário que se realizou em Lisboa sob o lema «a participação da mulher na vida política», outras recomendações foram feitas a organizações e partidos políticos, a entidades e a instituições, todas elas sublinhando que as mulheres devem: ser respeitadas e promovidas como indivíduo capaz e suficiente de cobrir cargos e responsabilidades que os homens detêm maioritariamente.

A mulher continua ausente dos centros de decisão, apesar do estatuto político prever a sua participação plena, quer nos partidos políticos, quer em organismos oficiais ou movimentos colectivos de interesse para a sociedade.



O chefe do Estado-Maior da Força Aérea, general Brochado de Miranda, deslocou-se recentemente a Monte Real, em visita de trabalho à Base Aérea n.º 5, ali sediada. Durante a manhã, após as honras militares e a apresentação de cumprimentos aos representantes de oficiais, sargentos, praças e civis, o chefe do Estado-Maior e comitiva assistiram a um «briefing» sobre o situação geral da Unidade apresentado pelo comandante da Base, coronel Costa Andrade e pelos oficiais responsáveis dos diversos sectores operacional, pessoal e logístico.

bons melões

**EXIGEM
BOAS
SEMENTES**

MELÃO VALENCIANO
MELÃO PELE DE SAPO
MELÃO BRANCO DO RIBATEJO
MELÃO AMARELO
MELÃO HÍBRIDO GALLICUM
SEMENTES DE PRODUÇÃO
DISPONÍVEIS EM LATAS DE 500 GRs
E BALDES DE 5 KILOS.


José Afonso Duarte

Rua de S. Nicolau, 24 Tel. 866754 863426
Rua de S. Mamede ao Caldas, 29 LISBOA
FILIAL EM FARO
Largo Dr. Francisco Sá Carneiro, 65 Tel. 25375



MINISTÉRIO DA SAÚDE

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO
SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

ANÚNCIO

Concurso Público n.º 3-0818/85
Fornecimento de fardamentos para pessoal masculino

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 3 de Abril próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Cívicos de Lisboa, em 4 de Março de 1985

O CHEFE DO SERVIÇO
a) Ilídio Luís de Sousa



**SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS
DA
CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO**

ANÚNCIO

**CONCURSO PÚBLICO PARA FORNECIMENTO
DE LUBRIFICANTES E GASÓLEO AOS SERVIÇOS
MUNICIPALIZADOS — TRANSPORTES
COLECTIVOS DO BARREIRO**

1. Faz-se público que está aberto concurso para fornecimento de lubrificantes e gasóleo aos Serviços Municipalizados do Barreiro.
2. Serão recebidas propostas em envelope fechado e lacrado no verso, na Secretaria destes Serviços até às 15 horas do dia 15 de Abril de 1985, procedendo-se à abertura das mesmas às 15.30 horas do mesmo dia.
3. O programa do concurso e o caderno de encargos estão patentes no Conselho de Administração dos Serviços Municipalizados, na Rua José Magro, N.º 2-A — 2830 BARREIRO, durante as horas de expediente, podendo ser fornecido pelo preço de Esc. 30\$00 cada exemplar.

Conselho de Administração dos Serviços Municipalizados da Câmara Municipal do Barreiro, 5 de Março de 1985

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
ALFREDO RODRIGUES DE MATOS

Mário Soares merece o Prémio Nobel da «fraude política»

— afirmou em Coimbra Álvaro Cunhal

A possibilidade de realização, ainda este ano, de eleições legislativas antecipadas, a «tragicomédia soarista» da adesão à CEE e a política antiangolana e anti-moçambicana do actual Governo — foram temas salientes das intervenções de Álvaro Cunhal, durante o fim-de-semana em Coimbra e em S. João da Madeira.

O secretário-geral do PCP, que presidiu em Coimbra a encontros de intelectuais e de quadros do seu partido, manifestou-se também contra a «apresentação precipitada de candidatura» à Presidência da República. «É necessário — frisou — desmistificar falsas ideias de que uma candidatura se impõe por si mesma e por si mesma pode alcançar a vitória».

Ainda a propósito das presidenciais, o líder do PCP salientou que «qualquer candidato para ser eleito tem de contar com um milhão de votos dos comunistas «e considerou que 1985 será o ano de «derrota para Mário Soares».

«Empregos superiores»

Na sua intervenção, de cerca de uma hora, em Coimbra, Cunhal comentou a recente adesão de 33 «personalidades» ao PS, dizendo que se tratava de 33 quadros superiores «a procura de empregos superiores» — e disse — «com tal e tal ciência que um deles entrou logo para o Governo».

«Se nos coubesse atribuir um Prémio Nobel por fraude política e ideológica, o dr. Mário Soares tinha inteiro direito a

recebê-lo», comentou o dirigente comunista, para acrescentar, a propósito de recentes afirmações de Soares sobre desemprego e salários em atraso: «se por cada mentira do Primeiro-Ministro lhe crescesse o nariz à maneira de Pinóquio, já o nariz teria dado, não voltas a Portugal, mas várias voltas ao Mundo».

Em relação à política africana, Álvaro Cunhal, acusou a coligação PS-PSD de «comprometimento com a estratégia norte-americana visando a destruição dos regimes angolano e moçambicano».

Sobre a CEE: «a tragicomédia soarista da adesão ao Mercado Comum continua a ilustrar-se pelo charlatanismo de declarações governamentais, pelas inadmissíveis pedinçices e pelas negras ameaças pairando sobre a economia portuguesa».

O dirigente do PCP acusou ainda o Governo de ter assinado um acordo laboral relativo à base das Lajes «pelo qual os trabalhadores portugueses deixam de ter as garantias da lei portuguesa e de serem protegidos pelos tribunais portugueses e ficam entregues ao despotismo militar norte-americano».

Rendas e novas eleições

Referindo a hipótese de novas eleições, Cunhal acentuou que o Governo «tem medo e sabe que o terreno lhe foge debaixo dos pés» e que no caso de legislativas antecipadas «os partidos da coligação pagarão com pesada

derrota todo o mal que fizeram ao povo português».

Criticou também o projecto de lei das rendas, tendo sublinhado que se ele for aprovado na Assembleia da República acarretará, só em Lisboa, mais de 50 mil despejos.

Acusou ainda o Governo de não cumprir cerca de 300 acórdãos do Supremo Tribunal Administrativo favoráveis aos trabalhadores da Reforma Agrária e de pretender aprovar novas leis eleitorais que permitam aos partidos do Governo cleger um candidato à Presidência da República, bem como manter «ou mesmo reforçar a maioria dos seus deputados e as suas posições autárquicas, mesmo perdendo a maioria dos votos».

PCP na Guarda

A assembleia da organização do distrito da Guarda do PCP protestou contra a política do Governo nas áreas económica, laboral, social e política, no decorrer da reunião daquela organização, que analisou a situação do distrito nos diferentes sectores.

Foi referido, a propósito, o encerramento de várias empresas nomeadamente da FENSA (fábrica multinacional de material eléctrico e mecânico), Herminhos, em Seia, Matos Cunha, em Manteigas e Fianreira Moderna, na Guarda.

Considera o PCP que esta situação «resulta da política social e económica seguida pelo Governo contra as conquistas de Abril e os interesses das populações regionais».



*Na sexta-feira
foi a Belém*

Pintasilgo continuará conselheira de Eanes

Uma fonte do Palácio de Belém disse, no sábado, à ANOP, que o Presidente Eanes recebeu Maria de Lourdes Pintasilgo, na sexta-feira, e que esta manterá as funções de consultora do Chefe do Estado, designadamente sobre as questões de Leste. A mesma fonte adiantou que na audiência com Lourdes Pintasilgo, «foram abordadas questões de Estado, algumas das quais relacionadas com Timor-Leste».

Segundo a ANOP, citando uma vez mais um informador do Palácio de Belém, «o Presidente da República tem intenção de promulgar o Orçamento Geral do Estado, embora o documento continue em apreciação». Interrogado sobre se o Presidente Eanes pondera a Dissolução da Assembleia da República, convocando eleições legislativas antecipadas, e se abordou este tema nas audiências com os conselheiros de Estado, aquela fonte negou em ambos os casos. Nem o Presidente nem qualquer dos seus conselheiros ponderaram essas hipóteses.

*Por iniciativa
da UEDS*

Sistema eleitoral debatido em Lisboa

As virtualidades e aspectos positivos do actual sistema eleitoral foram salientadas pelos intervenientes no seminário de dois dias, que a UEDS realizou neste fim-de-semana, em Lisboa.

No encontro, em que participantes de diversos sectores políticos falaram a título pessoal, não foram feitas críticas de fundo às actuais leis eleitorais para a Presidência da República, Parlamento e autarquias.

Entre os participantes encontravam-se, além de vários dirigentes e militantes da UEDS, Jorge Lacão, José Luís Nunes, Aquilino Ribeiro Machado e Marcelo Curto, do PS; Emílio Santana, do jornal anarquista «Batalha», António Taborda, do MDP/CDE, Luís Beiroco e Neiva Correia, do CDS.

Estiveram ausentes da reunião António Capucho, o secretário de Estado António Vitorino e Durão Barroso, do PSD, autores de estudos recentes sobre a revisão do sistema eleitoral.

Para assistir às cerimónias de investidura de Tancredo Neves

Mário Soares partiu hoje para o Rio de Janeiro

O Primeiro-Ministro partiu hoje para o Rio de Janeiro para assistir, na próxima sexta-feira, em Brasília, à tomada de posse do cargo de Presidente da República, de Tancredo Neves. Mário Soares levou consigo uma mensagem de Ramalho Eanes para o chefe do Estado brasileiro recém-eleito.

A sua partida para a capital do Brasil, o chefe do Executivo não prestou quaisquer declarações à imprensa. Todavia, e ainda hoje, Soares dará uma entrevista à TV bandeirante antes de ser observado com um jantar oferecido pelo Governador do Estado, Leonel Brizzola. Em Brasília, a

partir da tarde de quarta-feira, Mário Soares terá encontros com o presidente da Nicarágua, Daniel Ortega, e com os ministros dos Negócios Estrangeiros da RFA e da França, respectivamente Hans Dietrich Gensher e Roland Numa.

Durante a sua estada na capital brasileira, o Primeiro-Ministro português terá encontros com os presidentes do Uruguai e da Argentina e, também, com Sandro Pertini, chefe do Estado italiano, que o convidou já para um almoço.

Mário Soares oferece, por seu turno, um jantar aos chefes das

delegações dos países africanos de expressão oficial portuguesa, da Espanha e da América Latina presentes na cerimónia de posse de Tancredo Neves.

No sábado, Mário Soares desloca-se a Belo Horizonte a convite do Governador de Minas Gerais. A delegação portuguesa inclui na sua deslocação ao Brasil, o escritor Alçada Baptista, convidado pessoal do Primeiro-Ministro, Maria Barroso, o dirigente do PS António Janeiro, Rui Almeida Mendes, do PSD e o assessor, diplomático do chefe do Executivo, Nunes Barata, acompanhados também Mário Soares.

Mais uma originalidade portuguesa...

PPM quer emprestar o emblema à população de Vizela

O PPM dispõe-se a emprestar a sigla ao Movimento de Restauração do Concelho de Vizela para concorrer autonomamente às autarquias, na região, caso se não concretize a sua reivindicação — anunciou, no sábado, o líder do partido.

Ribeiro Teles disse que a disponibilidade do seu partido é para permitir ao movimento concorrer em todas as freguesias

abrangidas pelo projecto que prevê a criação do município de Vizela autonomizado em relação a Guimarães. Declarou, ainda, que o seu partido oferecerá a força que têm aos vizelenses, caso não se concretize a sua aspiração.

«O PPM tem interesse em apoiar os vizelenses se o município não for criado, desde que

as suas lutas sejam legais e legítimas, ou através das eleições legislativas ou por outra forma», acrescentou o líder monárquico.

Ribeiro Teles lembrou a propósito, que o seu partido foi o primeiro a apoiar publicamente a aspiração dos vizelenses, tendo conduzido para o Parlamento, em 1981, um projecto de lei para a criação de um novo município sediado em Vizela.

O Conselho Nacional do PSD e a coligação

Ai, se o coração mandasse...

Manuel Anta

Se o coração mandasse, não tenha dúvidas leitor: o PSD esganava a coligação, cortava-a aos bocadinhos e, em seguida, lançava-os aos bicharocos. Mas, em *Política*, há que ponderar os custos políticos dos nossos instintos assassinos. Por isso, e enquanto deita contas à vida — *Quando poderei dar cabo dela?...* Como?... —, vai flagelando o parceiro do lado — *PS faz assalto aos lugares públicos, Soarismo igual a situaçãoismo...* —, na tutela cesarista (eanismo), procurando um candidato presidencial e engolindo as ingerências de Ronald Reagan e de N.ª Sr.ª de Fátima. E como ainda lhe sobeja tempo, vai realizando Conselhos Nacionais e cortando as asas a Mota Pinto.

Cadê o PSD a que nos habituamos?... Durante mais de dia e meio, a pergunta instalou-se nos observadores presentes no Conselho Nacional social-democrata do último fim-de-semana. O PSD dos velhos tempos (a «tríca», as «bocas», o fernesim, as «omertás» ou as «vendetas») transformara-se num partido «arrumadinho», «chato», estranhamente monótono.

Monotonia gerada não só pela ausência de sobressaltos, mas também pela tónica que presidia aos debates: malhar no PS, malhar na coligação.

Nesse ponto, os conselheiros foram longe. Vários oradores, entre os quais os maiores da Comissão Política do PSD (Machete, Salgueiro e Rebelo de Sousa) destilaram por todos os poros o seu desamor pelo PS e pela coligação. «O confronto entre o PSD e o PS só pode ser evitado se houver resultados à vista»; «O PSD está a colaborar num modelo que não é seu»; «Não se pode ser de uma coisa em que não se acredita» (João Salgueiro). «Chegou o momento de perguntar se esta coligação continua a valer a pena e se o carácter instrumental continua a justificá-la»; «O PSD deve predispor-se, se for caso disso, para eleições antecipadas»; «PS está interessado em dominar o aparelho de Estado, continua a protelar as medidas necessárias para alterar a presente situação»; «Estamos fartos de promessas e de boas intenções» (Rui Machete). «O PSD deve ter uma firmeza progressiva e uma posição muito dura em relação ao Governo»; «Temos que chamar a atenção do PS para o facto de estar a expirar o prazo calendarizado para se introduzir na sociedade portuguesa algumas medidas estruturais» (Marcelo Rebelo de Sousa).

Civil / militar

Não se saía disso. Mas, atenção: se o PS e a coligação eram os bombos da festa, a «tutela cesarista» (eanismo) e «a solução totalitária e autoritária do PCP, que o eanismo arrasta atrás de si», também serviu de tubo de escape aos dirigentes do PSD.

Instalado (embora afirmem que não) numa estratégia de ruptura, o Conselho Nacional do PSD demorava a aquecer. A questão do candidato presidencial do PSD não trazia nada de novo. As posições eram firmes: os adeptos de um candidato militar não recuavam de um passo, os de candidato civil mantinham-se nas suas posições.

José Vitorino afirmava que «o candidato ideal seria um militante do partido. Só que, perdemos tempo, oportunidades, não criamos condições para termos um candidato civil com hipóteses de vencer. Logo, acrescentava o deputado algarvio, e se o PSD quiser vencer a corrida presidencial, temos que apostar num militar. Tanto mais que o CDS, é sabido, não apoiará um militante social-democrata...», dizia.

José Judice, civilista de gema, respondia que não. Para ele, a tese de que o candidato militar pode ser apoiado pelo CDS não é pacífica. «O CDS, afirmava em



Barbosa de Melo: O regresso a

Coimbra de um motapintista derrotado...

substância, poderá actuar da seguinte maneira: vai dando a entender que apoia um candidato militar, e depois de o termos escolhido diz que não apoia. A partir daí, o militar que escolhemos decide abandonar, porque não tem o apoio do CDS, e este partido avança com um candidato próprio — Freitas do Amaral, por exemplo. Que faremos em seguida?...», interroga José Judice.

Congresso: ponto quente

Entre o candidato militante do PSD — considerado por José Vitorino como «um suicídio político para o partido e um drama para o país» —, e o candidato civilista defendido por José Judice, Jaime Ramos e outros conselheiros, a decisão eternizava-se. Havia que passar adiante.

E no passar adiante ganhou-se alguma coisa: pelo menos a modorra dos trabalhos começou a atenuar-se, o ambiente começou a aquecer. O PSD tornava-se reconhecível...



José Vitorino: candidato militar...

Em discussão, o adiamento do congresso, arma principal do sector motapintista, o mesmo que há dois meses atrás ameaçava recolher 2500 assinaturas para realização de um Congresso extraordinário, caso a actual Comissão Política não realizasse o Congresso normal num prazo de dois meses.

Porquê tal reviravolta? Santana Lopes, no uso da palavra, traduzia o sentimento do sector que apoia a actual Comissão Política: «trata-se de uma jogada tendente à tomada de poder dentro do partido. Nada mais...».

E o mesmo Santana Lopes acrescentava: «Basta de palhaçadas, não podemos andar aqui a brincar com o partido e com o País. Ou fazemos o Congresso em Maio ou acabamos de dar cabo de Portugal. Basta!».

Maio! Junho!...

Brincadeira dos motapintistas, como dava a entender Santana Lopes? Claro que não. A aposta deste sector no adiamento do Congresso tinha como único objectivo o eventual regresso de Mota Pinto à liderança do partido, no momento ideal: ser ele a assumir os louros da ruptura, a impôr o candidato presidencial dos social-democratas.

Por outro lado, um eventual regresso, em Maio, de Mota Pinto à Presidência do PSD pô-lo-ia numa situação complicada: ter que regressar às lides de vice-primeiro-ministro de Soares, dar um trunfo de peso ao Presidente da República para dissolver o Parlamento e, porventura, convocar eleições antecipadas.

Mota Pinto quer jogar no seguro. Daí, os esforços dos seus apoiantes em fazer prevalecer a ideia de que Congresso nos finais de Junho é que é bom.

Tese defendida com denodo e com acento tónico na necessidade de «não se criarem condições para o derrube da coligação».

Adiamento, nunca!

Porque o discurso motapintista assumia aspectos de gato não escondido e, ainda por cima, com o rabo de fora, foi fácil à Direcção Política assestar baterias contra os adeptos do adiamento do Congresso.

Rui Machete colocou desde logo os trunfos na mesa: «A Comissão Política não pode aceitar

continuar a liberar o partido se a data do Congresso for adiada». Argumentando com «ética política» e com a sua firme intenção em não ver o PSD subalterno perante o PS, Rui Machete foi claro: Adiamento, nunca!

A par disso, acrescentou que durante a sua ronda pelas distritais do PSD, apenas uma (Coimbra) defendeu o adiamento do PSD. «Não é significativo...», diria mordaz. E culminou: «Não faz sentido dilatar, com o adiamento do Congresso, a prazo temporal para o qual a Comissão Política foi eleita, numa situação de emergência».

Marcelo Rebelo de Sousa também não se ficou pelo silêncio. Olhando para o sector motapintista, lançou ar acusador:

Não aceito que se possa sobrepor a luta pela liderança do PSD ao interesse nacional. Se não houver unidade dentro deste partido, o nosso candidato presidencial parte derrotado. Se não houver unidade, voltaremos à tripolarização no próximo Congresso».

João Salgueiro rebatendo a tese dos motapintistas — «Queremos o Congresso em Junho para não pôr em causa a estabilidade da coligação...», —, punha-se ao lado de Rui Machete e Marcelo Rebelo de Sousa: «A estabilidade não é tudo e, lembro, o confronto só pode ser adiado se houver resultados à vista. Não faz sentido prolongar a coligação até Junho se não obtivermos ganho de causa na questão das reformas estruturais...».

Os dados estavam lançados. A votação iria decidir a questão do Congresso, em Maio (embora não em 9, 10 e 11 por causa da «visita do Presidente Reagan e das celebrações de N.ª S.ª de Fátima, mas sim uma semana depois) ou Congresso em Junho.

O «suspense» era pouco. O conformismo do sector motapintista era evidente. Durante a manhã de domingo estiveram e maioria (há conselheiros que se levantam tarde...) e nada fizeram: não forçaram votações, não apostaram em escaramuças, por mais ligeiras que fossem.

Derrotados (46 contra o adiamento; 37 a favor; uma abstenção), os apoiantes de Mota Pinto ficam à espera de melhor hora para se desforrarem das derrotas que têm vindo a averbar nos últimos conselhos nacionais.

Mas, é ou não verdade que a vingança é um prato que quanto mais frio melhor?...



João Salgueiro: Alô, Dr. Soares?... Estamos numa de ruptura...

Conselheiros «dixit»

«Não podemos entrar para a CEE nem de cócoras nem a qualquer preço...»

partido, nem do Reagan nem da Nossa Senhora de Fátima...

Para nós, a maioria é MAIS um voto. Apoiar claros e inequívocos?... Não somos parvos...

Basta de palhaçadas...

«Se Soares votasse no nosso referendo, votava num militante do partido...»

Ninguém pode desunir a actual Comissão Política pela simples razão que ela não está unida...

Crise? Qual crise dentro do PSD? A crise entrou em crise, está exausta, tem falta de vitaminas...

Não se pode ser de uma coisa (coligação) quando nela já não se acredita...

«Adiar o Congresso por causa do Reagan e de Nossa Senhora de Fátima?... Absteve-me porque não aceito ingerências dentro do meu

«Seria ideal que existisse um candidato presidencial-proveta, pois, mesmo os que defendem um candidato civil, confrontam-se com o facto de se saber qual o candidato com força para assumir um programa de mudança...

Entre outras coisas...

Conselho Nacional do PSD decidiu:

— marcar para 13 e 14 de Abril uma reunião extraordinária do conselho nacional para «apreciação do cumprimento da calendarização de medidas estruturais e decidir da manutenção da coligação»;

— rejeitar o adiamento do congresso ordinário do partido para 28, 29 e 30 de Junho;

— não alterar o formulário do referendo sobre o candidato presidencial que o PSD deve apoiar;

— realizar o Congresso do PSD nos dias 17, 18 e 19 de Maio;

— mandar a comissão política para «contactos com as diferentes forças políticas democráticas e sociais, com vista ao apoio a uma mesma candidatura presidencial e que estabeleça ainda contactos com personalidades susceptíveis de virem a ser candidatos (militares: Firmino Miguel, Altino de Magalhães, Lemos Ferreira e Rocha Vieira; civis: Pinto Balsemão, Fernando Amaral, João Jardim e João Bosco Mota Amaral);

— constituir uma comissão encarregada de elaborar um contrato-programa para ser apresentado ao candidato a apoiar pelo PSD;

— encarregar a comissão política de averiguar o que se passa em relação a uma verba de 800 mil contos dispendida em 1984 pelo ministro Veiga Simão para apoios «personalizados» a empresas;

— romper com a coligação com o PS se as reformas estruturais não forem levadas a efeito nos prazos estabelecidos;

— exigir ao PS a urgente revisão da Lei Eleitoral para as Autarquias.

Sete bombas na madrugada tendo estrangeiros por alvo

■ Estragos materiais avultados em três residências de Évora e em três edifícios de Lisboa e Queluz de Baixo

Interesses estrangeiros parecem ter sido o alvo central de um conjunto de sete explosões ocorridas durante a última madrugada, três em Évora, três em Lisboa e uma em Queluz de Baixo, caracterizadas pelo facto de serem todas de média potência e terem ocorrido com uma relativa sincronização. As acções não foram reivindicadas ao longo da manhã de hoje.

As três explosões de Évora verificaram-se entre a 1 e 20 e a 1 e 25 da madrugada, junto das moradas de quadros da Siemens (um português e um alemão) e de um espanhol, gerente de uma fábrica de «jeans» (a «Lee»).

As quatro explosões ocorridas na área de Lisboa foram registadas entre as 2 e as 15, visando claramente agências do Banco Crédito Franco-Portugais (na Rua Ilha da Madeira e em Queluz de Baixo), as instalações da Newstead and Porter, uma seguradora britânica, instalada na Rua António José de Almeida, e aparentemente a Finc - Sociedade Portuguesa Promotora de Investimentos, cujas instalações estão situadas no edifício onde funciona a Casa de Macau, no Príncipe Real, em Lisboa.

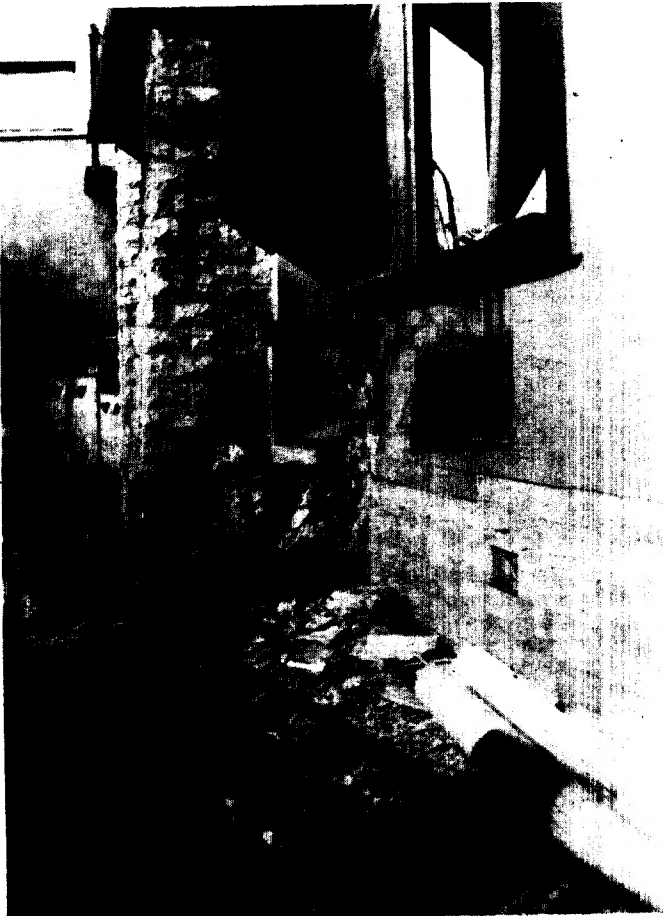
As três bombas de Évora tiveram em comum o facto de terem sido colocadas perto das residências de particulares dos responsáveis de empresas estrangeiras escolhidos como alvos. O técnico português da Siemens que foi objecto do atentado encontrava-se em casa, no Bairro da Vista Alegre, com a sua família. Mas apenas foram registados estragos no muro e na residência.

Também o director da fábrica Siemens se encontrava em casa com a família. Mas apenas o edifício, nomeadamente portas e janelas, sofreram prejuízos.

O gerente da fábrica espanhola de «jeans» não se encontrava na sua residência que igualmente registou avultados estragos materiais. Tinha viajado para Espanha, ao que apurámos.

Vidros partidos no Crédit de Queluz

O prédio de sete andares onde está instalada a agência do Banco Crédito Franco-Portugais de Queluz, hoje alvo de um atentado bombista, tem «praticamente todos os vidros partidos» - segundo uma testemunha da explosão.



Estragos causados nas instalações de Newstead and Porter, em Lisboa

mente todos os vidros partidos» - segundo uma testemunha da explosão.

O engenho explosivo foi colocado junto a uma janela das traseiras do edifício, fazendo, ao deflagrar, um buraco com um

metro de diâmetro - referiu a mesma fonte.

No final do ano passado, foi despoletada a tempo junto à mesma agência uma carga explosiva de TNT - disse à NP uma fonte policial.

A carga colocada hoje - adiantou a mesma fonte - é superior à do ano passado.

Dezenas de pessoas que habitam os prédios da zona vieram para a rua às 03 horas, tal como os bombeiros voluntários locais.

A explosão que visava as instalações do Crédito Franco-Portugais na Rua Ilha da Madeira não foi além do rebentamento do detonador, segundo informou, entretanto, a Polícia Judiciária, a meio da manhã de hoje.

A violência dos restantes rebentamentos ficou patenteado pelo facto de se registaram danos avultados, como é o caso do edifício onde se encontra instalada a Casa de Macau, no Príncipe Real, em Lisboa. Por outro lado, nas instalações da seguradora Newstead and Porter, foi mesmo destruído um pilar do edifício.

Em todos os casos, registaram-se sérios danos em carros estacionados nas ruas onde ocorreram os atentados.

«Não sei porque me fizeram isto»

«Não sei porque me fizeram isto» - disse à NP o técnico da Siemens, João Nogueira Araújo, cuja casa e carro foram danificados por uma bomba que explodiu junto à sua residência da Quinta da Vista Alegre, em Évora.

João Araújo, engenheiro na empresa Siemens, afirmou que nunca recebeu qualquer ameaça.

O engenho explosivo de média potência, um dos três que rebentaram hoje de madrugada em Évora, foi colocado na caixa do correio da casa de João Araújo.

O técnico apenas admite uma explicação para o atentado: «trabalho numa multinacional e parece que eles queriam atingi-las».

O director da fábrica da Siemens de Évora, Christian Kolling, disse por seu turno não perceber porque é que a sua casa foi praticamente destruída por um engenho explosivo colocado num muro.

«Nunca fui ameaçado de nada» - disse Kolling.

A sua casa da Avenida Dona Leonor Fernandes encontra-se muito danificada e o mobiliário praticamente destruído - referiu.

Câmara repudiou

A Câmara Municipal de Évora manifestou o mais «vivo repúdio pelos atentados bombistas ocorridos hoje de madrugada e exigiu a imediata detecção e punição dos responsáveis».

Em comunicado, a autarquia lamenta os prejuízos e as perturbações causadas e sublinha que estes actos «só contribuem para apoiar os que pretendem impor ao país uma Lei de Segurança Interna virada não contra o terrorismo mas contra as liberdades fundamentais dos cidadãos».

As manifestações dos trabalhadores que se vão desenrolar neste concelho «contra a fome e o desemprego são acções democráticas e constitucionais que nada têm a ver com os actos de terrorismo como os que esta madrugada se verificaram» - refere o documento da Câmara de Évora.

O presidente da Câmara, Abílio Fernandes (APU), acompanhado de dois vereadores esteve no local dos rebentamentos.

12 acções bombistas desde o começo do ano

As sete explosões ocorridas hoje de madrugada na área da Grande Lisboa e em Évora constituem a 12.ª acção do género registada em Portugal desde o início do ano.

As explosões visaram sobretudo representações de interesses económicos estrangeiros. Segundo a polícia, os engenhos, hoje utilizados eram de fraca potência e poderiam ter provocado vítimas se tivessem deflagrado durante o dia.

O primeiro atentado de 1985, não reivindicado, registou-se no dia 2 de Janeiro, quando um engenho artesanal deflagrou junto da torre de menagem do castelo da Guarda.

Oito dias depois, uma bomba explodiu junto à residência de um industrial de Barcelos, acção que foi reivindicada pelas FP-25.

No dia 12 de Janeiro explodiu um engenho em Alcoentre, destruindo uma escola de condução alegadamente propriedade

de um graduado da GNR, acção igualmente reivindicada em nome das FP-25.

Dia 14, explodem dois petardos em Miraflares e Parede sob as viaturas de dois administradores de uma empresa comercial do ramo automóvel.

No dia 18 de Janeiro, uma bomba explodiu na garagem do comandante do posto da GNR de Vimieiro, acção reivindicada pelas FP-25, que assumiram igualmente a responsabilidade das duas bombas que deflagraram no dia seguinte em Beja.

No dia 28 de Fevereiro, foram disparados vários morteiros contra navios da NATO ancorados no estuário do Tejo e uma encomenda armadilhada mata um empresário de Vila Real.

Dia 29 de Janeiro, explodiu uma bomba em Castro Verde e no dia 1 de Fevereiro explodem mais oito no bairro alemão de Beja.

No dia 21 de Fevereiro, uma bomba de média potência explodiu junto ao posto da GNR no Cacém.

CEE traz regata a Lisboa em Agosto

Barcos à Vela de toda a Europa devem chegar a Lisboa, a 25 de Agosto, a meio de uma regata internacional patrocinada pela CEE, soube a agência NP de fonte comunitária.

É a primeira vez que as comunidades europeias promovem uma iniciativa de carácter desportivo com fins propagandísticos, utilizando para o efeito um novo orçamento para essa área desbloqueado pelo novo presidente da comissão, o francês Jacques Delors.

A volta à Europa em vela parte de Kiel, na Alemanha Federal, a nove de Agosto, com uma trinta de embarcações, na maioria francesas, britânicas, italianas e alemãs. A chegada está prevista para seio de Setembro em Porto-Cervo, na Sardenha.

Em termos náuticos, os organizadores decidiram considerar Portugal e a Espanha como países comunitários, numa antecipação «a todo o pano» à prevista adesão, pelo que os velejadores tocarão portos dos dois países ibéricos.

A Lisboa deverão chegar a 25 de Agosto para uma permanência de dois dias preenchida com actividades culturais, sociais e artísticas.

Em contrapartida, a volta da CEE omite três estados membros: a República da Irlanda e a Dinamarca mostraram-se desinteressados e a Grécia foi considerada «fora de mão» para a passagem dos veleiros.

Apesar da sua marca europeia, a prova é, em parte, subsidiada pelos interesses financeiros árabes de uma empresa que desenvolve técnicas de vanguarda.

Abelhas exaltadas atacam galináceos e cães

Após alguns anos de bom convívio com as galinhas e cães da propriedade onde viviam em Lousisqueira, Mira no conselho de Cantanhede, as abelhas do apicultor Fernando Grosso, atacaram de surpresa as dezenas de galinhas e os cães da quinta.

Apesar da enérgica intervenção do proprietário, que devidamente apetrechado conseguiu dominar a fúria dos enxames, os canídeos ficaram muito mal tratados e várias galinhas foram mortas tendo as restantes debandado para tão longe que ninguém mais lhes pôs a vista em cima.

APENAS 10 DIAS

OFERECEMOS MÓVEIS ESTOFOS

MAIS DE 50% DE DESCONTO PARA RENOVAÇÃO TOTAL DE «STOCKS»



INTERDECO
AV. ALMIRANTE REIS, 89-A - LISBOA



concurso



NOME
Idade Profissão
Morada
Localidade Cod. Postal
Telefone
Freguesia Concelho
Tem televisor? N.º Licença
ACOMPANHANTE
Idade Profissão

IMPORTANTE: Preencher em letras maiúsculas, recortar pelo tracejado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso Um, Dois, Três, Apartado 4315 - 1508 Lisboa Codex

Primeiro Encontro Nacional de Ecologistas, em Tróia

Conservação do ambiente venceu urgência de fórmula organizativa

Unidos na preocupação de conservar o ambiente, os ecologistas portugueses independentes demonstraram no final do seu primeiro encontro nacional em Tróia, não terem alcançado uma fórmula organizativa, ou a demarcação como estrutura autónoma.

As preocupações relativas à independência dos ecologistas face a qualquer estrutura partidária já existente marcaram grande parte das polémicas discussões no decorrer do encontro, e à polémica não foram alheias a presença dos ex-dirigentes do PRP Isabel do Carmo e Carlos Antunes, entendia por vários participantes como «inesperada e exterior» ao movimento.

«Não se pode ser simultaneamente ecologista e estar de acordo com a social-democracia, ela própria de pendor antiecológico», afirmou Isabel do Carmo, numa reunião em que estavam representados 26 grupos ecologistas, entre os quais um, o GEOTA, constituído por elementos afectos ao IPSP.

A impossibilidade de se estabelecer um consenso, quer quanto à fórmula organizativa, quer, até, quanto a uma forma de relacionamento posterior à realização do encontro, foi considerada por alguns grupos, — nomeadamente «Os Amigos da Terra» — como «uma situação lamentável».

Aliás, no final do encontro, apenas se conseguiu aprovar uma declaração de «princípios mínimos».

Aplaudidos princípios mínimos

A declaração, intitulada «princípios mínimos para um entendimento máximo» foi recebida por muitos dos presentes com uma salva de palmas mas dificilmente pode ser encarada como o estabelecer de um programa geral do movimento.

Os ecologistas, que se mantêm divididos nas estruturas já existentes, vão continuar a exercer a sua acção em espaços regionais ou locais como aconteceu até agora.

Para Jofre Justino, do grupo «Amigos da Terra», o consenso obtido, relativamente ao documento aprovado não terá «qualquer significado».

«Não se trata de estabelecer princípios programáticos, pois esses já os grupos tinham e, provavelmente, será por eles que vão continuar a guiar-se — disse. «O que teria sido importante era estabelecer uma estrutura organizativa o que, infelizmente não foi possível» — sublinhou.

Jofre Justino, representou um dos grupos que maior «alegria» mostrou à presença de Isabel do

Carmo e Carlos Antunes no primeiro Encontro Nacional de Ecologistas Independentes.

Também para os promotores da iniciativa — o «Projecto Setúbal Verde» — a experiência revelou-se um tanto amarga, já que o encontro se saldou por um «prejuízo» de cerca de 200 contos, sem que o principal objectivo tivesse sido alcançado.

Para alguns, no entanto, o consenso estabelecido sobre os princípios mínimos terá representado «um primeiro passo, o possível», traduzindo o estadiamento em que o movimento ecologista se encontra.

Assim o entendeu José Carlos Marques, do grupo ligado ao jornal «Terra Mágica» e autor do texto proposto para debate no decorrer do encontro.

Falharam objectivo de federação nacional

Ecologistas portugueses, reunidos três dias em Tróia, chegaram ao fim do encontro sem conseguir lançar uma federação nacional, um dos objectivos da reunião.

Após três dias de debates, por vezes vivos, os cerca de 120 participantes não lograram criar uma estrutura organizativa que coordenasse as actuações de grupos locais ou regionais ecologistas, mas aprovaram um documento programático que estabelece princípios comuns ao movimento ecológico independente.

Denominado «princípios mínimos para o máximo entendimento», o texto aprovado no encontro de Tróia afirma que os ecologistas entendem que «observar o ambiente é também defender a paz».

«Os ecologistas vêem com apreensão as ameaças de carácter bélico e ambiental que tornam cada vez mais indispensável a cooperação de todas as pessoas e instituições que, em todo o mundo, procuram evitar as actividades destrutivas de carácter civil ou militar», diz o documento.

A plataforma subscrita pelos participantes diz ainda que são «inadequadas as orientações económicas e políticas» (...) desligadas de uma análise ecológica».

No entanto, iniciado no dia 8, participaram cerca de 120 activistas de organizações, núcleos ou grupos ecológicos de todo o País.

A reunião foi promovida pelo grupo «Projecto Setúbal Verde» e teve também a participação de «Os Amigos da Terra», Centro Ecológico de Lisboa, Grupo de Estudos sobre o Ordenamento Territorial e Ambiente (VEOTA) e do Grupo Libertário de Almada, entre outros.

Duas tendências

Para José Manuel Marques, do Centro Ecológico de Lisboa, houve conclusões importantes a reter do primeiro Encontro Nacional de Ecologistas Independentes.

A essencial foi: «existem duas tendências no movimento português, uma conservacionista (dos «habitats» naturais e dos «habitats» artificiais e urbanos) e outra, representada pelas correntes pacifistas e libertárias».

«Estas duas correntes podem estabelecer uma plataforma conjunta, mas apenas em relação a acções concretas, pontuais e, numa perspectiva nacional, já que é esse o único ponto de convergência dos diversos grupos» — afirmou José Manuel Marques.

Em Tróia, no entanto, não só as presenças de Isabel do Carmo e de Carlos Antunes foram motivo de polémica.

O representante de «Os Mágicos da Terra» queixou-se à NP do «mau tratamento» concedido ao convidado daquela organização, o deputado do Partido Radical Italiano ao Parlamento Europeu, Marco Panella.

«Ele foi marginalizado como se fosse exterior ao movimento ecologista, o que não aconteceu com os convidados do grupo promotor do encontro, Frieder Wolf, deputado «verde» alemão ao Parlamento Europeu e com o presidente dos «Verdes» espanhóis» considerou Jofre Justino.

O «Projecto Setúbal Verde» convidou ainda para participar no encontro, Afonso Cautela e José Carlos Marques, personalidades consideradas por diversos ecologistas como «os mais presidenciáveis», caso fosse criado um Partido Ecologista Português, possibilidade que, não chegou, no entanto, a ser discutida em Tróia.

Fernanda Ribeiro, NP/«DL»

Unico concorrente mobilizou 44% dos eleitores

CDS ganha eleições em freguesia de Viana

O CDS ganhou as eleições para a Assembleia de Freguesia de Portela de Suza (entre os vales do Neiva e do Lima), no concelho de Viana do Castelo. O acto eleitoral ficou, no entanto, assinado pelo facto de apenas 44 por cento dos eleitores nele terem participado. A abstenção foi superior à capacidade mobilizadora dos centristas locais.

O CDS foi o único partido que concorreu às eleições para a AF de Portela de Suza e nele votaram, dos 481 eleitores inscritos, trinta por cento: 163. No total os votantes foram 181, registando-se 10 votos nulos e 11 em branco. Uma fonte ligada ao CDS local sublinhou que a maioria dos suzenses que não votaram é constituída pelos emigrantes, «o que explica o elevado índice de abstenções», acrescentou.

Divergências entre membros da anterior Assembleia de Freguesia estiveram na origem da demissão da AF: primeiro, há dez meses, do seu presidente; depois, dos restantes membros. A Assembleia cessante era constituída por nove elementos da ex-

AD e três do PS. Este partido e o PSD não puderam concorrer a estas eleições por não terem apresentado os seus cabeças de lista dentro do prazo legal. Nas últimas eleições a ex-AD tinha alcançado 205 votos e o PS 110. Manuel Pedroto da Silva Rodrigues, ex-presidente da AM, eleito pela ex-Aliança Democrática, ocupará as mesmas funções depois dos resultados de ontem.

Resolver os problemas graves que a freguesia da Portela de Suza tem, concretamente ao nível do ensino e dos transportes, é o objectivo dos novos membros da Assembleia de Freguesia, na qual apenas há uma sala de aulas para cinco professores e 150 alunos.

A extracção de pedra é uma das principais actividades, de par com a agricultura, da freguesia. Os pedreiros têm uma «gíria organizada» para comunicarem entre si e que poucos forasteiros entendem. Sabe-se que, por exemplo, para avisarem que o dono (ou patrão) da pedreira está a chegar, dizem isto: «olhego pateia-se aquece».

«Uma torrente de graças»

Arcebispo de Braga não acredita nos milagres de Lanhoso

O arcebispo de Braga contestou a verificação de milagres ou aparições que alegadamente se teriam dado em Janeiro na aldeia do Lanhoso.

D. Eurico Nogueira, que falava durante a missa que encerrou a peregrinação da imagem da Virgem de Fátima pelo concelho da Póvoa do Lanhoso, disse que «não são os milagres retumbantes que fundamentam a fé e a devoção à Santíssima Virgem».

O prelado absteve-se de julgar a natureza dos fenómenos solares que habitantes do Lanhoso disseram ter visto, mas reconheceu que «por onde passa a imagem peregrina da Senhora de Fátima desencadeia-se uma torrente de graças».

«São aquelas graças, acrescentou, que contam para a salvação mais, muito mais, do que outros prodígios ou milagres que não se negando gratuitamente, também não se aceitam de animo leve».

No resto da homília, o arcebispo primaz falou de política, principalmente da «crise socio-política» e do «sombrio panorama que nos envolve e nos enche de preocupação».

«A fome em inúmeros lares, o Orçamento de Estado sempre deficitário e a permanente chapéu na mão a mendigar empréstimos internacionais» — é assim que prelado vê a situação portuguesa.

Alinhando com teses político-partidárias diferenciadas, D. Eurico Nogueira criticou também «o insaciável sorvedouro de muitas empresas públicas ou intervencionadas, a falência de empresas que eram e deviam continuar rentáveis, o desemprego generalizado, o não pagamento de salários», para depois condenar o absentismo e as greves com motivações políticas.

Amanhã à

MESA

Helena Vaz da Silva



a partir de
30 de março



de ontem para hoje

Liga de Deficientes Motores recebeu três computadores

A Liga Portuguesa dos Deficientes Motores passou a dispor de três computadores destinados a cursos de informática, abertos a todos os jovens e orientados por deficientes. A LPDM é uma instituição de utilidade pública e reparte a sua actividade pelas áreas da prevenção e pedagogia para crianças e adolescentes, formação profissional para adultos e programas comunitários. O Centro de Produção e Formação Profissional da Liga, em Chelas, tem já em actividade vários sectores nomeadamente das artes gráficas, encadernação, tapeçaria, ortopedia, alimentação, fotografa, para além de escolas para calceteiros e jardineiros. Os três computadores foram oferecidos pela Secretaria de Estado das Comunicações.

Burlões procurados pelo JIC de Portimão



Três indivíduos, acusados de burlas calculadas em cerca de um milhão de contos, estão a ser procurados mediante mandados de captura emitidos pelo Juízo de Instrução Criminal (JIC) de Portimão. As burlas lesaram meia centena de empresas do Centro e Sul do

País, ligadas aos mais diversos ramos de actividade. Os presumíveis burlões, procurados pelas autoridades, são Fernando Gonçalves Rodrigues, António Maria Godinho, ambos na «foto», e Manuel Ladeira Ferreira.

Suspeito de assassinar a mulher

Por suspeita de ter assassinado a mulher foi detido pela P.J. de Chaves um agricultor de apelido Alves, residente em Vale de Nogueira. A vítima, de 60 anos, faleceu no Hospital de Vila Real, sete dias após ter sido encontrada em estado de coma, devido a ferimentos provocados por um «objecto corto-perfurante».

Quadrilha condenada no Tribunal de Gaia

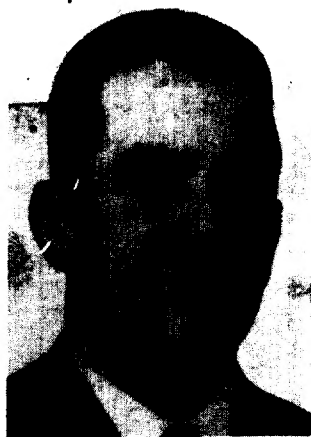
Sete indivíduos, pertencentes a uma quadrilha que actuava nas zonas de Vila Nova de Gaia, Aveiro e Bairrada, acabam de ser condenados em penas que variam entre os dois e os seis anos e meio de prisão. A quadrilha foi referenciada a partir de um assalto ao estaleiro do construtor civil António Correia, em Arcozelo, que foi ferido ao reagir de pistola em punho. Na altura, António

Correia reconheceu o carro utilizado pelos assaltantes, propriedade do mecânico António Moreira, de 20 anos, que acabaria por ser detido juntamente com os restantes elementos da quadrilha: Jorge Bandeira, de 23 anos, Guilherme Rodrigues, de 24, José Carlos Melo, de 22, José António Santos, de 21, José David da Conceição, da mesma idade, e António Manuel de Sousa, de 20.

Três automóveis roubados no Barreiro

Três automóveis foram roubados, por cinco homens armados e embuçados, de uma garagem situada na Rua Vasco da Gama, no Barreiro. Os assaltantes actuaram depois de terem dominado o guarda de serviço, a quem fecharam na casa de banho. Os três carros roubados são um «Datsun Sunny», cinzento-prateado, matrícula IC-01-51; um «Renault-12», com a chapa AT-48-93, e um «Ford Cortina», matrícula DU-81-18.

Desapareceu duma pensão de Lisboa



De uma pensão, na Avenida Duque de Ávila, em Lisboa onde estava hospedado há algum tempo, desapareceu, no passado dia 1 de Janeiro, José Fernandes da Fonseca. Segundo a P.J., o desaparecido, de 59 anos, que sofre de surdez e de perturbações mentais periódicas, tem olhos azuis, cabelos castanhos escuros e é de altura mediana. Qualquer informação sobre o seu actual paradeiro deverá ser comunicada para a Secção Central de Prevenção Criminal da P.J. ou para o piquete daquela corporação, através dos telefones 533131 ou 535380.

Bebé abandonado na serra da Lousã

Uma menina recém-nascida, ainda viva e com um ferimento na cabeça, foi encontrada por crianças, numa mata próxima da serra da Lousã. As autoridades suspeitam que a mãe da pequenita seja uma jovem de apelido Pereira que, a pretexto de uma hemorragia menstrual, se deslocara horas antes à serra. A recém-nascida foi transportada à maternidade dos Hospitais da Universidade de Coimbra, onde já se encontra livre de perigo.

Pára-quedista caiu do comboio do Algarve

Um soldado pára-quedista, da Base Escola de Tancos, ficou ferido com gravidade ao cair do comboio Barreiro-Algarve, entre as estações da Funcheira e Garvão. O jovem João Carlos Jerónimo Gervásio, natural de Portimão, foi transportado para o Hospital de Beja, onde ficou internado. Não são ainda conhecidas as causas que motivaram a sua queda da composição.

Com o cemitério de Setúbal encerrado esta tarde

Exumação de Rolão Macedo para encontrar «terceiro homem»

A existência de um «terceiro atirador» na morte do psiquiatra Rolão Macedo, presumivelmente não pertencente aos quadros da Guarda Fiscal, foi admitida pela primeira vez publicamente no «DL» do dia 12 do mês passado. Posteriormente, a hipótese ventilada pelo nosso jornal acabou por ser retomada, e oficializada, pelo advogado de defesa do soldado da Guarda Fiscal, José António Salgueiro, indiciado pelo juiz de Instrução Criminal (JIC) de Setúbal, e neste momento detido como alegado autor do disparo que vitimou aquele clínico. O «DL», nessa mesma edição, anunciava que a exumação de Rolão Macedo iria ter lugar no passado dia 25 de Fevereiro. Razões que nos ultrapassam, dado terem sido guardadas pelas autoridades judiciais como «segredo de justiça», levaram o JIC de Setúbal a adiar «sine die» a exumação. Só esse «sine die» acabou por ser de curta duração, tendo o JIC de Setúbal avançado com uma data bem próxima no tempo: às 14 e 30 de hoje, havendo para o efeito ordenado o encerramento do cemitério da capital do Sado até às 17 e 30.

Para quem tem acompanhado de perto todo este processo, procurando situar-se (movimentar-se) bem próximo dos perso-

nagens e factores que envolveram a tragédia da serra da Arrábida, no dealbar da noite tempestuosa de 18 de Janeiro último, a exumação para esta tarde anunciada constitui motivo de satisfação profissional e cívica. Mais que não seja pelo facto de as autoridades jurídico-policiais deste País, ao caso representadas pelo JIC de Setúbal e pela Guarda Fiscal, terem tomado em linha de conta as interrogações surgidas na área da Comunicação Social. Numa demonstração salutar de como deveriam funcionar, por regra, outros departamentos ou corporações congêneres, em situações similares.

Recebido pelo bispo da diocese

Recorde-se que o dr. Rolão Macedo era acompanhado na altura do incidente por Maria Helena Pinto, senhora de 30 anos a quem dava assistência clínica, e que testemunharia a trágica odisséia nos seguintes termos: «Eu ia com o dr. Rolão Macedo na sua carrinha. Chegámos ao local (um restaurante que encontraram fechado) e voltámos para trás por já ser bastante tarde. De súbito, vimos um

pouco à frente um vulto cosido na parede. O doutor perguntou-me: «Helena, não é um homem que está ali?». É, respondi-lhe. E ele acelerou. Passámos o vulto e ouvimos um tiro. O doutor inclinou-se sobre o volante e continuou a acelerar pensando que estávamos a ser atacados por assaltantes. Ninguém nos fez sinal para parar. Isso é completamente falso. Ouvi um segundo tiro, ao mesmo tempo que vi um clarão e o pára-brisas se estilhaçou, tudo em simultâneo. A furgoneta descontrolou-se, bateu na parede do lado esquerdo, e derrapou para o lado direito. Percebi que iam cair no precipício e fechei os olhos. Senti carro ir de encontro a qualquer coisa e parar. Só então voltei a abrir os olhos. Olhei para o lado. O doutor estava caído para a frente, sobre o volante, cheio de sangue. Chamei-o: doutor, doutor, mas ele não respondeu. Inclinei-o para trás e reparei numa espécie de coágulo que tinha sobre a vista direita. O carro continuava a trabalhar. Devagarinho dei a volta à chave de ignição. O motor parou!» A partir deste depoimento, e não só o JIC de Setúbal, solicitado pelo advogado do soldado da GF, José António Salgueiro, entendeu existirem motivos (indícios) para proceder a nova au-

tópsia.

Por sua vez, a mulher de Rolão Macedo, a professora primária Antonieta Saragoça, revelaria ao «DL» que o seu marido, militante do PCP, coordenava na altura uma comissão encarregada de elaborar um estudo sobre os efeitos da fome no distrito de Setúbal, tendo nessa condição sido recebido pelo bispo da diocese, D. Manuel Martins.

A morte de Rolão Macedo leva-nos por associação de ideias a retomar a morte de Fitz Quintela, também ele militante do PCP, também ele profundamente empenhado na luta contra as injustiças sociais, enquanto advogado e cidadão. Só que Fitz Quintela, alvejado em Monsanto, a 18 de Maio de 1977 por um disparo da PSP, ao ser confundido (versão oficial) com um vulgar assaltante de supermercado, não teve exumação. Não teve nenhum JIC interessado em ir mais longe nas investigações. Daí que oito anos decorridos sobre a morte de Fitz Quintela, o processo de Rolão Macedo, embora sendo ainda um pequeno passo do JIC de Setúbal, possa vir a representar, de futuro, um passo significativo (e animador) para uma aplicação mais correcta da justiça em Portugal!...

Manuel Geraldo

Presos na Feira da Ladra

Agentes da Judiciária e da PSP actuando em conjunto detiveram na última terça-feira na Feira da Ladra ao Campo de Santa Clara em Lisboa, quatro indivíduos, um dos quais tinha contra si mandado de captura. Esta acção policial foi justificada pelo facto de contra os presos haver fortes indícios de se dedicarem à prática de furtos, recepção de artigos furtados e sua comercialização de forma habitual.

As autoridades policiais tiveram ainda oportunidade de apreender inúmeros objectos provenientes daquela actividade ilícita, em especial material fotográfico, aparelhagem sonora, equipamento musical, electrodomésticos, roupa, acessórios de automóveis, material desportivo, livros, estatuetas e outros adereços decorativos num montante que atinge largas centenas de contos.



Parte dos artigos apreendidos pela Polícia na Feira da Ladra

DELEGADOS DE PUBLICIDADE PRECISAM-SE

Para empresa gráfica com várias publicações de grande expansão.

Pretende-se pessoas que obedeçam aos seguintes requisitos:

- 1 - Bom nível cultural;
- 2 - Gosto pelas relações públicas;
- 3 - De preferência com alguns conhecimentos da actividade publicitária.

OFERECE-SE:

— Ordenado + comissões + subsídio de deslocação.

Resposta ao n.º 3101 deste jornal

PÁSCOA-85
ESCOLHA O SEU DESTINO

Cruzeiro e IBIZA - PALMA
* MARROCOS * LOURDES * TORREMOLINOS
* ANDORRA * SEVILHA
* MADRID * GIBRALTAR
* MINHO * GRANADA *
CEUTA * TÁNGER *
MONFORTINHO * GALIZA
* VIGO * MÉRIDA *
ALGARVE * SALAMANCA
* BRAGA, etc., etc.

31 VIAGENS - 5 ALMOÇOS

Consulte o n.º CATÁLOGO

LUSANOVA - TOURS
GROSSISTA N.º 435/83
RESERVAS NA SUA
AGÊNCIA DE VIAGENS



NÃO FUME

EM RECINTOS FECHADOS

Ribeiro Seca só quer Martins Júnior

Carmelita rezou missa em Machico escoltado por quarenta polícias

Um padre carmelita rezou ontem, de manhã, missa na igreja da Ribeiro Seca para sete paroquianos, escoltado por quatro dezenas de polícias. Foi a primeira vez que as portas do templo da Ribeiro Seca se abriram nos últimos quinze dias, depois de o padre Martins Júnior dele ter sido violentamente «despejado» e de lhe terem sido retiradas as chaves, por ordem do bispo D. Teodoro Faria que a PSP cumpriu com forte aparato policial.

Forte aparato policial que, de resto, ontem de manhã protegeu um padre carmelita não identificado que manhã cedo compareceu na igreja da Ribeiro Seca para rezar missa. O sino não tocou a rebate nem nada que se pareça, mas em poucos instantes os fiéis da terra souberam que havia ali padre estranho para as orações dominicais. E apareceram: apenas oito polícias de guarda à igreja, ontem. Aos poucos, a PSP tem vindo a retirar-se, e há vários dias que a custódia do templo é garantida por poucos efectivos. A população não quer uma prova de força com as autoridades policiais, bem longe disso.

Quando ontem apareceu o padre carmelita — vestes castanhas e capuz a identificarem a Ordem —, a PSP recebeu, talvez, o pior. E avisou que ninguém lhe ousasse tocar. Falar, sim; criticar, tocar (eufemismo que substitui agredir, ferir, espancar, bater), isso não,

nunca. O padre carmelita terá dito — de acordo com um ribeirense contactado esta manhã pelo «DL» — que ia em «missão de paz e amor para rezar missa». Ai, os adeptos do padre Martins Júnior retorquiram (ainda segundo o mesmo ribeirense): — Quem vem em missão de paz para rezar missa não tem armas a guardá-lo.

«Parece Barrabás a entrar no templo»

O padre não terá apreciado nada a observação, dando meia volta, retirou-se do adro do templo, cujas portas ainda não tinham sido abertas. Hora e meia depois (às 9 e 30) voltou, mas então acompanhado de forte dispositivo policial. Uma mulher achou por bem dizer: — «Parece Barrabás a querer entrar no templo». Um dos quarenta polícias interveio, detendo-a. Minutos depois, também um homem (igualmente por identificar) seria intimado a comparecer no posto da polícia de Machico para prestar declarações.

Abriam-se as portas da Igreja e nela, além do padre carmelita, entraram sete paroquianos. Os únicos que, numa população de quatro milhares de pessoas, não apoiaram o padre Martins Júnior. Todos clientes da «Tasca do Gomes», uma taberna que fica a poucos metros da igreja e da qual o padre Martins sempre procurou afastar os seus fiéis: em dias de

missa. Sete deles resistiram aos seus rogos e hoje não o apoiaram. O dono da tasca está entre eles, de acordo com o que esta manhã nos foi contado.

A população da Ribeiro Seca que não entrou no templo disse ao padre carmelita que não tem contra ele, mas que considera como único e verdadeiro pároco da freguesia o padre Martins. E mais lhe terá dito, segundo o nosso informador: se o padre Martins não foi indicado pelo bispo do Funchal para pároco da Ribeiro Seca, ele que experimente ir lá rezar missa...

Os ânimos exaltaram-se ontem, um pouco mais que nos últimos dias, devido à inesperada visita de um padre carmelita que rezou missa para sete paroquianos. A população da Ribeiro Seca está firmemente disposta a recusar qualquer outro padre que não seja o padre Martins, que estudou no mesmo seminário e é contemporâneo do bispo do Funchal.

Bordadeiras vêm a Lisboa

A União das Bordadeiras da Madeira prepara uma conferência de imprensa em Lisboa, para tornar pública a decisão do Supremo Tribunal Administrativo sobre o seu despejo de um edifício ocupado pela organização há

dez anos e que o Governo Regional diz ser património da Região.

Esta iniciativa da Cooperativa das Bordadeiras da Madeira fica a dever-se ao facto da Comunicação Social da Madeira ter tentado de tomar público essa decisão, que contraria tudo o que o Governo Regional afirmou em nota oficiosa sobre o assunto e que a mesma Comunicação Social (regional) amplamente divulgou.

Face à barreira noticiosa que a Comunicação Social lhe tem oposto, a União das Bordadeiras tentou divulgar essa decisão através de publicidade paga. Mas nem mesmo esse direito, pago como a lei prevê, lhe foi assegurado. Por isso, dirigentes da União das Bordadeiras da Madeira virão a Lisboa dar público conhecimento da decisão do STA que suspende a executividade da acção de despejo que a PSP levou a cabo por ordem do Governo de Alberto João Jardim.

Pequeno jornal sobre a situação

O grupo afecto ao padre Martins e à Junta de Freguesia da Ribeiro Seca preparava esta manhã a distribuição de um pequeno jornal (no formato e no

número de páginas) em todo o território da Madeira sobre a realidade do que se passa na Ribeiro Seca, no Machico e no Funchal (quanto ao comportamento dos órgãos da Comunicação Social).

O pequeno jornal, que populações da Ribeiro Seca e do Machico vão distribuir por toda a Madeira gratuitamente, insere todos os pormenores sobre os últimos acontecimentos no Machico e na Ribeiro Seca, através da transcrição do que a Imprensa do continente disse sobre essas ocorrências. Ilustrado com fotos, esse pequeno jornal dará também a conhecer o que a Comunicação Regional omitiu, designadamente a cópia da decisão do Supremo Tribunal Administrativo sobre a suspensão da acção de executividade do despejo da União das Bordadeiras.

O pequeno jornal publica a decisão do STA ao lado da nota da União das Bordadeiras da Madeira, negando ambos, sem margem para qualquer dúvida, o que a nota do GT da Madeira há dias afirmava sobre a suposta legalidade da sua acção. Aliás, a mini-edição publica igualmente a nota oficiosa do Governo Regional da Madeira, convidando os seus leitores a compararem todos os documentos e perguntando à largura da página: «Afinal, quem é que mente na Madeira?»

ARTIGO DE FUNDO



MÁRIO CASTRIM

«**S**enhor doutor juiz, os factos são bem claros e, como sói dizer-se, falam por si.

«O caso é o seguinte: «la eu muito sossegado no meu caminho quando, de súbito, encontro a vítima.

Começo por lhe pedir que se afastasse ao que ele não anuiu de imediato. Chegou mesmo a esboçar sinais de contrariedade dizendo mais ou menos o seguinte: que eu cabia perfeitamente naquela margem da estrada e que, se ele se afastava um pouco mais, era apenas para evitar conflitos inúteis. Terminou invocando em seu favor a Constituição e aí sou franco, senhor doutor juiz, soltei uma gargalhada...

«Em resposta, disse-lhe que os seus salários ficavam retidos até nova ordem. Que faz ele? Em vez de se mostrar humilde declarou alto e bom som que se ia queixar ao Sindicato! Coitado do homem, ainda pensa que está no tempo do gongalvismo!

«Não pude conter a indignação, como é lógico, e dei-lhe um soco no nariz. «Agora vai-te queixar à Intersindical» disse-lhe.

Enquanto a vítima limpava o sangue do nariz, ferrei-lhe uma canelada, em legítima defesa, e acrescentei: «Agora vai-te queixar à OIT».

«Nesse instante, e só então, reparei na sua cara de poucos amigos. Ele projectava nitidamente agredir-me, o que é inconcebível num Estado de direito. Acto contínuo, ferrei-lhe uma série de golpes de Karaté que o deixaram abanando. Houve até uma altura em que o julguei «fora de questão». Mas enganei-me. Estes tipos têm fôlego de sete gatos...

«A solução era pedir-me desculpa. Recusou-se, abanando a cabeça, pois já mal podia falar. Tinha a língua entaramelada, só dizia «Minha mulher... meus filhos». Delirava. «Pedes desculpa?» perguntei eu, e já o senhor doutor juiz pode ver a minha boa vontade. E ele a abanar a cabeça...

«Confesso: fiquei cego, como é de calcular. Puxo da arma, disparei vários tiros para o ar, e o resultado foi o estado lastimoso em que se encontra a vítima.

«Por todas estas razões, senhor doutor juiz, espero que a vítima venha a merecer, da parte de V. Ex.^a, um castigo exemplar».

Em Ferreiros, perto de Braga

Um morto e três feridos graves numa passagem de nível sem guarda

Um homem de 33 anos morreu ontem de manhã numa passagem de nível sem guarda perto de Braga, quando o automóvel que conduzia foi colhido por um comboio que circulava entre Braga e Tadm, em direcção ao Porto. O acidente ocorreu em Ferreiros pouco depois das 9 horas e nele ficaram ainda três pessoas gravemente feridas.

A tentativa de atravessar a passagem de nível sem guarda de Ferreiros por parte de Manuel Pereira Dias, de 33 anos, casado, residente nesta localidade, custou-lhe a vida e atingiu ainda os seus três acompanhantes, que ficaram gravemente feridos. Dois deles, por o seu estado inspirar cuidados, foram transferidos para o Hospital de S. João, no Porto: Manuel Rodrigues Pinto e José da Silva Pereira. O terceiro ferido grave, embora o seu estado não inspire os mesmos cuidados que aqueles dois (que se encontrem em observação na «urgência» do S. João), António da Silva Pereira, está na

sala de ortopedia (também serviço de urgência) do Hospital de S. Marcos, em Braga.

Dois dos ocupantes do «Fiat 850» que Manuel Pereira Dias conduzia e que ficou reduzido a montões de chapa desfeita, tendo sido alguns dos seus pedações projectados a duzentos metros, são irmãos, ambos solteiros e residentes no Bairro da Cruz Ferreiros, em Braga.

Uma fonte do Centro Regularizador da CP de Campanhã afirmou ontem que «a imprudência do condutor do automóvel terá concorrido para o desastre», já que o local não reúne as condições de segurança necessárias para o atravessamento de veículos. A passagem de nível sem guarda, a cem metros de Aveleda, de mau piso e com fraca visibilidade, fica a menos de duas centenas de metros de uma outra, com visibilidade, guarda e total segurança para os veículos, atravessada por uma boa estrada.



Mário Viegas leu, no sábado, uma mensagem de Otelio Saraiva de Carvalho, durante o espectáculo de homenagem a José Afonso (Foto de Aristides Mendes)

Homenagem numa «cidade sem muros nem ameias»

Zeca Afonso: «Exorto o povo a que lute sem tréguas...»

José Afonso apelou, no sábado, em Setúbal, a que «o povo lute sem tréguas pelos seus direitos». A noite, mais de vinte artistas actuaram num espectáculo em sua homenagem realizado no Clube Naval Setubalense, integrado numa semana nacional sob o tema «Cidade sem muros nem ameias».

Por recomendação médica, Zeca Afonso não esteve presente devido ao estado emotivo que provocaria no cantor o carinho e o aplauso do público.

Mas Zeca Afonso participou também no sábado numa conferência de imprensa concretizada no Círculo Cultural de Setúbal.

Segundo Nelson Matias, dirigente do Círculo Cultural de Setúbal, a conferência de imprensa, subordinada ao tema da fome e dos salários em atraso, teve por fim «dar um cariz político à forma do Zeca estar na vida».

Uma dirigente do Sindicato de Hotelaria do Sul e empregada numa empresa com salários em atraso e uma professora rural falaram das suas experiências, das reacções dos trabalhadores à falta de dinheiro e dos insucessos escolares dos alunos cujos pais não recebem salários.

Sobre os salários em atraso falou Carlos Peres, do Conselho Distrital da União dos Sindicatos de Setúbal, que afirmou: «Temos 21 mil trabalhadores com salários em atraso no distrito. As empresas devem mais de três milhões de contos aos trabalhadores e a dívida do patronato à Previdência é de seis milhões de contos. Estamos numa situação em que

o patronato só paga se quiser».

«O governador Civil de Setúbal está a fazer propaganda eleitoral com as verbas do plano de emergência, distribuindo-as a colectividades. Que a Comunicação Social vá junto das empresas em situação difícil para saber se receberam dinheiro do plano de emergência. A Rádio e a TV estão ausentes desta conferência de imprensa, mas se fosse o Mário Soares estavam cá» — adiantou.

O vereador Dórdio Godinho, do pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Setúbal, falou das dificuldades do Poder Local.

«Chovem na Câmara de Setúbal pedidos de emprego, de alimentação e de habitação. Este Governo é demagógico e faz aumentar os encargos das autarquias a fim de alijar as suas responsabilidades, mas os órgãos do Poder Local não têm capacidade para resolver os problemas», declarou.

A terminar, Zeca Afonso manifestou a sua satisfação pelo trabalho do Círculo Cultural ao qual esteve ligado desde antes do 25 de Abril.

«Regozijo-me que a festa organizada pelo círculo tenha coincidido com esta conferência de imprensa para fazer a denúncia pública das situações de conformismo e cumplicidade. Os responsáveis por este país continuam a falar em democracia, a fazer leis contra o povo, a cortar fitas e a aparecer satisfeitos na RTP. Exorto o povo a que lute sem tréguas pelos seus direitos e a que os explorados e violentados se unam e partam as grades» — afirmou o cantor.

Caso das FP-25 presos contra julgamento público

Os presos do caso FUP/FP-25 insurgiram-se contra afirmações recentes de magistrados públicos de que a defesa está a tentar fazer o julgamento dos réus nos órgãos de informação», em detrimento dos tribunais.

Em comunicados separados ontem divulgados, as presas do caso FP-25 na cadeia das Mónica e os presos do caso FUP/FP-25 detidos em Custódias afirmam que o segredo de justiça fora já «traído, quase diariamente, de forma indiscriminada

e atentatória» designadamente pelo juiz de Instrução do processo.

Segundo estes, o juiz de Instrução, Almeida Cruz, e a procuradora do Ministério Público, Cândida de Almeida — afirmam os comunicados — e de forma «regular e sistematicamente, não só consentiram fugas de informação do processo, em fase de segredo de justiça, como ainda intoxicaram a opinião pública com notícias falsas».

PASOK «deixara-o cair»

Karamanlis demitiu-se da presidência da Grécia

O presidente grego, Constantino Karamanlis, demitiu-se ontem depois de o Partido Socialista, no poder, ter decidido não apoiar a sua candidatura para um segundo mandato.

A demissão foi anunciada numa declaração do gabinete de Karamanlis.

A declaração do presidente dizia: «Devido a possíveis acontecimentos nos quais não quero participar, deixo a partir de hoje de exercer as minhas funções de presidente da República, não cumprindo o resto do mandato».

A declaração de Karamanlis foi enviada ao presidente do Parlamento grego, Yannis Alevras.

De acordo com a Constituição, Alevras, do PASOK, assume a partir de agora o cargo de presidente da República interino, até ser eleito novo chefe de Estado.

A eleição do novo presidente estava anteriormente marcada para 15 de Março.

A decisão do Partido Socialista grego, PASOK, de escolher como candidato à presidência o juiz Christos Sartzetakis, surgiu inesperadamente, mesmo no seio do próprio partido.

No sábado passado, Karamanlis tinha anunciado que não se recandidataria à chefia do Estado, devido à decisão do PASOK.

Na sessão do Comité Central do PASOK em que foi unanimemente aceite a proposta do primeiro-ministro socialista, Andreas Papandreu, os dirigentes do partido beijaram-se de alegria com a escolha de Sartzetakis.

A decisão de Papandreu põe termo a um compromisso histórico entre a esquerda e a direita gregas desde a restauração da democracia.

A direita governou a Grécia até à vitória eleitoral dos socialistas, em 1981.

Karamanlis dirigiu o partido da Nova Democracia até assumir a chefia do Estado. As últimas sondagens indicavam que o PASOK estava a perder apoio popular, sendo a diferença entre os dois partidos de apenas três ou quatro por cento.

A decisão de Papandreu de escolher Sartzetakis foi vista por alguns comentadores como uma forma de reaver apoios entre a esquerda do PASOK e o Partido Comunista.

Os mesmos comentadores políticos consideram que Papandreu poderá agora avançar com uma política externa mais radical.

Embora com poderes reduzidos, Karamanlis era visto como um travão à política socialista, cada vez mais contrária à Aliança Atlântica.

A influência política de Karamanlis verificou-se, segundo os comentadores, em diversas ocasiões:

— O referendo sobre a perma-



Sartzetakis, o próximo presidente grego.

nência na CEE, prometido pelo PASOK, nunca chegou a realizar-se. O referendo necessitava da aprovação do presidente;

— cancelamento de uma visita a Atenas do dirigente líbio Moamar Khadafi, proposta pelo PASOK. Karamanlis recusou-se a recebê-lo;

— decisão de não receber numa ilha grega os combatentes palestinos cercados por Israel em Beirute em 1982, como chegou a ser proposto pelo PASOK.

Por outro lado, as relações entre Karamanlis e o PASOK melhoraram, quando o governo, que se manifestava disposto a encerrar as bases norte-americanas na Grécia, adiou a decisão por cinco anos.

Por seu turno, Sartzetakis, de 56 anos, ganhou notoriedade em 1963, como magistrado, ao investigar a morte do deputado de esquerda Gregory Lambrakis, num acidente de viação alegadamente preparado por extremistas de direita.

O filme «Z», do realizador Costa-Gravas e que obteve várias distinções internacionais, baseou-se naquele caso.

«Aceito esta honra excepcional, conhecendo as responsabilidades e que a presidência está acima da política partidária», afirmou Sartzetakis, numa declaração.

Nenhum outro partido político propôs um candidato para a presidência.

O Parlamento grego, com 300 deputados, elegerá o novo chefe de Estado, que terá de obter uma maioria de dois terços na primeira ou na segunda volta da votação ou 180 votos numa terceira e última volta. A vitória de Sartzetakis deverá ser garantida pelos 165 votos do PASOK, aos quais se deverão juntar os dos 12 deputados do Partido Comunista (KKE) e de alguns dos 11 deputados independentes.

Se o Parlamento não conseguir eleger um presidente à terceira votação, seguir-se-ão eleições gerais.

Segundo anunciou a agência IRNA

Bombas do Irão sobre Bagdad

A agência IRNA informou que cinco aviões da Força Aérea iraniana «bombardearam na madrugada de hoje a capital iraquiana, Bagdad, e as cidades de Khumatu, Amadya e Aara (...) em represália pelos bombardeamentos iraquianos contra zonas residenciais iranianas».

A informação divulgada pelo Estado-Maior das Forças Armadas em Teerão precisa que a operação teve lugar às 3 horas (tmG) e que os aparelhos iranianos abateram um MIG iraquiano e regressaram sem incidentes às respectivas bases.

O comunicado iraniano acrescenta que «os inimigos da Revolução islâmica do Irão compreenderam agora que as forças da República Islâmica do Irão são capazes de atacar os palácios governamentais baassistas iraquianos e que a operação de hoje é apenas um começo».

Entretanto, Teerão entrou em estado de alerta, tendo soado sirenes em prevenção contra um possível ataque iraquiano, depois do bombardeamento de Bagdad pela aviação iraniana. A cidade portuária de Bassorá, no Sul do Iraque, estava hoje sob o mais violento bombardeamento em vários dias de ofensiva iraniana, enquanto as sirenes avisadoras de ataques aéreos se faziam ouvir em Bagdad.

Habitantes de Bassorá disseram que uma barragem de artilharia iniciada na noite de domingo ainda continuava, com as bombas a caírem à média de duas por minuto.

Uma fonte local citou responsáveis militares como tendo dito que dezenas de pessoas foram mortas.

As sirenes faziam-se entretanto ouvir na capital iraquiana pela primeira vez em dois anos, confirmaram habitantes de Bagdad, que acrescentaram ter ouvido fogo de armas antiaéreas.

O último ataque aéreo e Bagdad ocorreu em Julho de 1982, quando dois jactos iranianos atacaram Daura, um subúrbio a sul da capital, onde se situa uma grande refinaria. Mas não foram lançadas bombas e um dos aviões atacantes foi abatido.

Fontes diplomáticas disseram que tanto Bagdad como Teerão

podem tornar-se alvos de ataques, à medida que os dois países aumentam os ataques contra alvos civis.

O líder iraniano ayatollah Khomeini ameaçou lançar uma grande ofensiva por terra contra o Iraque.

O rádio Teerão anunciou ontem, sexto dia da denominada «guerra das populações» entre o Irão e o Iraque, que o líder iraniano jura «vibrar o golpe final» contra os iraquianos para vingar os ataques com mísseis e aviões-bombardeiros que vitimaram mais de 1500 pessoas desde a passada segunda-feira.

O governo de Bagdad respondeu à ameaça, num artigo hoje publicado no jornal militar «Yarmouk», afirmando que poderá «voltar o Irão do avesso» se resolver lançar toda a capacidade da sua força aérea contra as cidades iranianas.

Um apelo para o cessar-fogo feito pelo secretário-geral das Nações Unidas, Javier Perez de Cuellar, não passará de mera «formalidade verbal», para as duas nações beligerantes do golfo — consideram os observadores.

Dezenas de milhares de refugiados das localidades fronteiriças iranianas encetaram um êxodo em massa para as zonas do interior, para prevenir a aguardada escalada dos ataques, que continuam a registar-se quase ininteruptamente.

O Iraque admitiu entretanto a realização dos ataques a que se referia Khomeini, mas disse que eles não violavam o acordo firmado em Junho, sob a mediação das Nações Unidas e que previa a salvaguarda de alvos civis, em contraste com os ataques iranianos contra «áreas puramente civis».

Cada um dos países tem afirmado repetidamente que o outro tem de «parar primeiro» com os ataques a alvos civis para então fazer o mesmo, e têm lançado apelos às populações para destruir os seus governos, como única forma de terminar uma guerra que dura já 53 meses.

Um relatório da IRNA refere finalmente que mísseis terra-terra do Iraque atingiram hoje de manhã a cidade Ramhormoz, na província de Khuzestão, tendo provocado pelo menos 10 mortos e mais de 100 feridos.

Terminada a primeira volta das cantonais francesas

Direita fala já de nova maioria e Le Pen volta a cantar vitória

Partidos conservadores na oposição obtiveram mais votos do que os candidatos de esquerda na primeira volta das eleições cantonais realizadas domingo em França.

No entanto, o Partido Socialista, do presidente François Mitterrand parece ter melhorado a sua popularidade.

Resultados não-oficiais dão à «União para a República» (RPR) e «União para a Democracia Francesa» (UDF) e seus aliados, exactamente 50 por cento dos votos e aos partidos de esquerda apenas 41 por cento.

O Partido Socialista, no poder, conseguiu até agora 25,8 por cento dos votos expressos e os comunistas 12,9 por cento. Outros grupos de esquerda obtiveram 2,4 por cento no total.

Analistas políticos salientaram que a Frente Nacional, de extre-

ma-direita, teria ultrapassado os 10 por cento se tivesse apresentado um candidato em todos os dois mil cantões onde se realizaram eleições.

Os resultados, considerados uma «grande vitória» pelo líder da Frente Nacional, Jean-Marie Le Pen, confirmaram a força que este partido anti-imigrantes está a obter entre o eleitorado francês, depois dos 11 por cento conseguidos nas eleições para o Parlamento Europeu, em Junho último.

Em alguns cantões, nas áreas de Marselha e Toulon, os candidatos de Le Pen obtiveram mais de um quarto dos votos, superando outros candidatos da oposição.

Ex-oficial dos pára-quedistas, Le Pen tem desmentido que o seu partido seja racista, mas as suas posições sobre o problema

da imigração fizeram com que se envolvesse numa polémica azeda com a hierarquia da Igreja Católica.

O ministro do Interior, Pierre Joxe anunciou que a segunda volta às eleições decorrerá no próximo domingo em cerca de metade dos dois mil cantões que votaram domingo passado.

Nos outros cantões não se realizará segunda volta, porque um único candidato obteve maioria absoluta. A maior parte dos vencedores da primeira volta registou-se em cantões, onde os partidos UDF e RPR, na oposição, apresentaram um único candidato.

A esquerda e a direita obtiveram menos de 50 por cento cada nas últimas eleições cantonais, efectuadas em 1982. Nessa altura não concorreu a Frente Nacional.

Líderes dos dois principais partidos da oposição — UDF e PRP — disseram que os resultados mostram que eles comandam agora uma maioria no país, não precisando de se aliar a Le Pen.

Jean Lecanuet, presidente da UDF, centro-direita, comentou que três em cada quatro eleitores franceses rejeitaram o Governo socialista.

«O povo francês já se está a preparar para uma nova maioria em 1986» — afirmou.

Comunistas e socialistas anunciaram que na segunda volta apoiarão o candidato da esquerda com mais votos. O RPR e UDF também fizeram um pacto semelhante entre eles e garantiram que não abandonarão a corrida em favor de um candidato da Frente Nacional.

Teste eleitoral também na RFA:

Lafontaine e o SPD ganham no Sarre

Liberais ressurgem e Verdes descem

A coligação democrata cristã-liberal do chanceler alemão federal Helmut Kohl manteve o Poder nas eleições realizadas ontem em Berlim ocidental, mas perdeu no Sarre a favor dos sociais-democratas, na oposição.

As duas eleições regionais deram uma indicação da força dos partidos dos anos antes das próximas eleições parlamentares.

Os liberais, o pequeno parceiro de coligação dos democratas cristãos, puseram fim a um declínio que ameaçou a existência da coligação de Bona, conseguindo lugares nas duas assembleias regionais.

Os Verdes, um partido ecologista e antinuclear, não conseguiram lugares no Sarre e em Berlim ocidental. Os seus 15 lugares não foram suficientes para lhes dar o equilíbrio do Poder na assembleia de 143 membros.

Os resultados dissiparam os receios de que os Verdes fossem tão fortes e os liberais tão fracos que nem a coligação nem os sociais-democratas pudessem formar governos no Sarre ou em Berlim ocidental.

No Sarre, os sociais-democratas, liderados pelo presidente da Câmara de Saarbrücken, Lafontaine, conseguiu 27 dos 51 lugares no Parlamento estadual e pôs fim a 30 anos de domínio dos democratas cristãos.

A campanha de Lafontaine poderá ter sido a responsável pela descida dos Verdes no Sarre, que passaram de 2,9 por cento de votos nas últimas eleições para 2,5 por cento.

Em Berlim ocidental, a coligação governamental conseguiu 81 lugares no Parlamento, os sociais-democratas 47 e a lista alterantiva 15.

Com 32,4 por cento dos votos, os sociais-democratas tiveram o seu pior resultado em Berlim ocidental desde a Segunda Guerra Mundial.

O presidente do município de Berlim ocidental, Eberhard Diepgen, surgiu, depois das eleições de domingo, com uma das principais figuras dos democratas cristãos, enquanto Lafontaine se colocou como um dos principais candidatos ao cargo de chanceler pelos sociais-democratas em 1987.

Oskar Lafontaine

O social democrata Oskar Lafontaine, que ontem acabou com mais de 30 anos de hegemonia democrata cristã no Sarre, ganhou a sua popularidade como presidente da Câmara da capital estadual, Sarrebrücke.

O seu êxito parece converter em realidade uma profecia do presidente do partido, Willy Brandt, de que o PSD começa a ressurgir, embora os críticos possam evocar as perdas sofridas em Berlim ocidental pelo candidato social-democrata, Hans Apel, da ala direita do partido.

Lafontaine, de 42 anos, portavoz da ala esquerda da Social Democracia alemã federal, surge como uma grande estrela nascente do PSD, carecido de uma figura carismática que o chefie nas eleições gerais de 1987.

Católico educado em escolas jesuítas e licenciado em física, aderiu ao PSD em 1966 e uma década depois, aos 33 anos de idade, foi eleito presidente da câmara de Sarrebrücke.

Muito próximo de Willy Brandt,

impos-se rapidamente como uma das figuras de vanguarda do movimento antinuclear e não hesitou em proclamar a sua oposição à presença dos «euromísseis» na Alemanha Federal, que denunciou como resultado de uma política assente na previsão de «assassinios em massa».

Lafontaine também tem declarado abertamente o seu desejo de reduzir a dependência do país em relação aos Estados Unidos e a sua adesão ao que os alemães federais chamam «socialismo ecológico», a «legislação da luta contra a exploração das pessoas com a luta contra a exploração da natureza».

Para o chanceler democrata cristão Helmut Kohl, Lafontaine é «um azar para Sarre», enquanto outros políticos conservadores lhe chamam o «ayatollah» da região.

Os «Verdes», que o acusam de os querer ultrapassar pela esquerda e absorver-los no PSD, tentaram combatê-lo, insinuando que uma vez no Poder perderá o seu radicalismo e esquecerá as suas promessas.

MINISTÉRIO DA SAÚDE

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO
SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

ANÚNCIO

Concurso Público n.º 3-0807/85

Fornecimento de «Equipamento de Medicina Física e Reabilitação»

Recebem-se propostas até às 15 horas do dia 28 de Março próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 e das 14 às 16 horas, as respectivas condições.

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1985

O CHEFE DE SERVIÇO
a) Ilídio Luis de Sousa

Terceiro líder soviético em 28 meses

Morreu Chernenko

Todos os observadores estrangeiros iniciaram às primeiras horas da manhã de hoje a contagem decrescente do anúncio da morte de Constantin Chernenko, depois de em Moscovo se terem avolumado os indícios naquele sentido. Finalmente, cerca de 18 horas depois da morte se ter registado, chegou o anúncio oficial feito pelo Governo e pelo Partido Comunista soviético e divulgado pela agência TASS. Constantin Chernenko faleceu às 16 horas e 20 minutos, hora de Lisboa, de ontem, domingo, depois daquilo que o comunicado oficial soviético descrevia como «grave doença».

Os jornalistas ocidentais estacionados em Moscovo haviam sido alertados sobre a possibilidade do acontecimento quando ontem as rádios e a televisão soviéticas alteraram as respectivas programações, passando a transmitir música clássica. Ao mesmo tempo, várias delegações soviéticas que se encontravam no estrangeiro cancelaram as visitas e regressaram a Moscovo, enquanto na Casa dos Sindicatos, na capital soviética, onde são depositados os restos mortais dos principais dirigentes, era cancelada, sem explicações, uma homenagem a trabalhadores e vários sectores de produção.

A morte de Constantin Chernenko representa para a URSS a terceira perda de um presidente e secretário-geral do PCUS no curto espaço de 28 meses.

A permanência de Chernenko no poder foi a mais curta de qualquer líder soviético e ele foi também o mais idoso dirigente da URSS a assumir o cargo mais alto da nação.

O anúncio oficial da morte foi o seguinte:

«O Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, o Presidium do Soviete Supremo e o Conselho de Ministros da URSS anunciam com profunda consternação ao partido e a todo o povo soviético que Constantin Ustinovich Chernenko, secretário-geral do Comité Central do PCUS e presidente do Presidium do Soviete Supremo da URSS, morreu às 19.20 horas (hora de Moscovo), do dia 10 de Março de 1985, após uma grave doença».

«O nome de Constantin Ustinovich Chernenko, um destacado líder do Partido Comunista e do Estado soviético é um firme combatente pelos ideais do comunismo e da paz, permanecerá para sempre nos corações do povo soviético e toda a humanidade progressista».

Desaparecimentos e férias

Constantin Chernenko, o terceiro líder soviético noutros tantos anos, foi alvo de rumores sobre o seu estado de saúde quase desde que tomou posse, em Fevereiro de 1984, mas essas informações aumentaram de volume desde o início do ano.

Chernenko tornou-se em 13 de Fevereiro de 1984, o mais velho dirigente escolhido para assumir a liderança soviética e desde então foi palavra corrente que sofria de enfisema pulmonar.

Até finais de Fevereiro, quando apareceu por duas vezes na televisão soviética, Chernenko, 73 anos, não foi visto em público durante dois meses, estando ausente de cerimónias como a do aniversário da Revolução de Outubro e o funeral do ministro da Defesa, Dimitri Ustinov, que normalmente não falharia.

Durante a sua última aparição em público, dia 28 de Fevereiro, quando recebeu as suas credenciais para o parlamento, pareceu afectado por problemas respiratórios ao proferir um discurso.

Dias antes, Chernenko foi ainda visto a votar durante eleições parlamentares, mas eram tão fortes os rumores de que o seu estado de saúde era grave que jornalistas ocidentais especularam que a urna de voto fora levada ao hospital para que o dirigente soviético votasse.

Já durante a Primavera de 1983, Chernenko tinha «desaparecido» durante dois meses, e entre as cerimónias a que não esteve presente contou-se o desfile do Primeiro de Maio na Praça Vermelha. A explicação oficial então foi a de que sofria de pneumonia.

Outra larga ausência de Chernenko aconteceu de 13 de Julho a 3 de Setembro do ano pas-

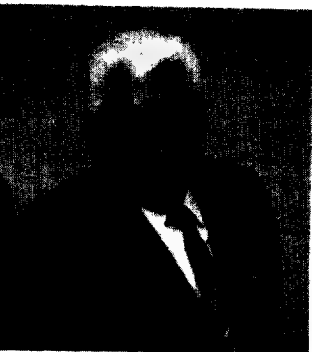
sado. Durante esses 54 dias sem ser visto foi oficialmente dito que o líder «estava em férias».

Mas de novo foram fortes os rumores de que estava a ser tratado num hospital de Moscovo e de que fora inclusive visto numa cadeira de rodas.

Para os observadores ocidentais, o problema de saúde mais visível em Chernenko foi sempre de respiração: mesmo antes de ser eleito para suceder a Yuri Andropov mostrava algum cansaço ao fazer discursos.

Ano de transição

Inflexibilidade nas negociações sobre desarmamento e o



A última foto de Chernenko

boicote aos Jogos Olímpicos de Los Angeles ficam a constituir marcos no ano de liderança de Constantin Chernenko, olhado como «ano de transição» pela maioria dos comentadores.

Ao ser eleito para suceder a Yuri Andropov, em Fevereiro de 1983, Constantin Chernenko, 72 anos, foi visto como homem de transição, limitado inclusive a isso por visíveis problemas de saúde.

Sob a sua chefia, a União Soviética necessitou de mais de um ano para se decidir a regressar à mesa das negociações com os Estados Unidos para continuar conversações interrompidas em final de 1983.

«Faltaram as iniciativas inteligentes e as ofertas flexíveis que caracterizaram o trabalho de Andropov», comentou um jornalista ocidental num balanço a este ponto específico.

O boicote aos Jogos Olímpicos de Los Angeles foi das medidas tomadas em 1984 pela liderança soviética uma das que mais destaque mereceu, mas constituiu um relativo falhanço, pois ape-

nas foi seguido pelos países socialistas, e ainda assim nem por todos.

Durante os «Jogos de Hollywood», os norte-americanos puderam falar nos soviéticos como «os grandes vencidos».

Chernenko foi obrigado a fazer algumas concessões ao presidente norte-americano Ronald Reagan depois de a imprensa ter tratado este durante um ano como «terrorista estatal ao regressar à mesa das negociações, já depois de os Estados Unidos terem estacionado mísseis na Europa Ocidental».

A nível de política interna, Chernenko colocou a tónica em promessas à população de que tempos de maior consumo estavam para vir.

Combateu a corrupção e a negligência e exigiu «ideais estritos» na arte e na cultura.

Mas nem o mercado negro deixou de florescer nem alguns artistas deixaram de protestar por alegado «controlo estatal da criatividade».

Comentadores em Moscovo opinam ainda que Chernenko não terá conseguido resolver a questão da sucessão, permitindo até que a luta no interior do partido se tornasse visível.

Como exemplo desta última opinião é apontada a demissão em Setembro de Nikolai Ogarkov, num momento em que Chernenko estava «fora de circulação», doente.

Machete comenta

O Primeiro-Ministro em exercício, Rui Machete declarou hoje a propósito da morte do presidente soviético, Constantin Chernenko, que «do ponto de vista humano é sempre de lamentar a morte de uma pessoa».

Rui Machete, vice-primeiro-ministro e ministro da Defesa, declarou esperar que «O processo de sucessão agora desencadeado e o líder escolhido não criem riscos à paz mundial, antes pelo contrário contribuam para o desanuviamento».

Rui Machete, que chefia o Governo devido à ausência no Rio de Janeiro do Primeiro-Ministro, Mário Soares para a posse do presidente Tancredo Neves, sublinhou que a «gerontocracia» na URSS cria uma situação de instabilidade que é sempre preocupante».



Grigori Romanov



Mikhail Gorbachev



Nikolai Tikonov



Andrei Gromyko

Uma sucessão problemática

A sucessão de Chernenko — um processo que se encontra aberto desde que o líder «desapareceu» em Dezembro — vem sendo objecto de análise e especulações por parte de especialistas em questões soviéticas.

Mikhail Gorbachev, o «ben-jamim» do Politburo e do Secretariado, apresenta-se como a personagem mais bem colocada, se se atender à rápida ascensão a n.º 2 da hierarquia soviética e ao êxito que constituiu a sua visita à Grã-Bretanha. Para além disso, Gorbachev conseguiu alguns êxitos num sector tão delicado como é o da agricultura e é hoje tido como o responsável pelas questões ideológicas do partido.

Contudo, Gorbachev apresenta um grande óbice: conta apenas 35 anos, é considerado um «andropoviano» e, para a «velha guarda», não está ainda suficientemente rodado na liderança política.

Grigori Romanov, com 61 anos, tem sido outro dos nomes falados, mas apresenta inconvenientes idênticos aos apontados a Gorbachev, para além de, na hierarquia soviética, se encontrar abaixo daquele dirigente e de ter menor experiência em questões internacionais. Para além disso, o seu nome foi em tempos ligado a pequenos escândalos ocorridos quando era líder do partido em Leninegrado. Apesar de ser o responsável por questões militares junto do Politburo, não foi no entanto apontado para suceder a Ustinov no Ministério da Defesa — embora esta «falha» tanto possa ser interpretada como uma derrota ou como uma forma de o conservar disponível para mais altos voos.

Se os dois mais jovens membros da direcção suprema soviética não forem os escolhidos, entrar-se-á então num novo período de transição na liderança da URSS através da eleição de um dirigente com um horizonte temporal mais estreito.

A verificar-se uma tal situação,



Viktor Grichin

três figuras da velha guarda perfilam-se como sucessores de Chernenko: Viktor Grichin, o eterno chefe do partido em Moscovo, 70 anos de idade, Andrei Gromyko, 75 anos, o grande sobrevivente da direcção soviética, desde há décadas à frente do Ministério dos Negócios Estrangeiros, e o primeiro-ministro Nikolai Tikonov, 79 anos, que gozou abertamente dos favores da liderança de Chernenko.

Tudo indica que a luta será travada entre os adeptos das reformas iniciadas por Andropov e travadas por Chernenko, e os conservadores da velha guarda brezhneviana, todos eles com horizontes limitados devido à idade, mas, por isso mesmo, tementes quanto à perda de posições que não poderão recuperar.

Em torno de uns e de outros, giram vastas clientelas políticas, com assento no Soviete Supremo e no Comité Central, que ganharão ou perderão consoante a escolha do sucessor de Chernenko. Há ainda que contar com o sector militar, que terá desempenhado papel decisivo na eleição de Yuri Andropov e que poderá exercer agora, mais uma vez, todo o seu peso.

A carreira de um burocrata

O presidente soviético, Konstantin Chernenko, hoje falecido em Moscovo, nasceu em 24 de Setembro de 1911 em Bolchaia-Tes, província de Krasnoarski, oriundo de uma família de camponeses.

Sétimo líder da União Soviética após a revolução socialista de 1917, Chernenko esteve durante três décadas directamente ligado à administração de Leonid Brejnev, de quem foi considerado «homem de confiança».

Efectivamente, nos últimos anos da presidência de Brejnev, Chernenko substituiu Mikhail Suslov, o ideólogo do partido, ascendendo então a «número dois» na hierarquia do PCUS, chefiando o seu departamento geral.

A carreira política de Chernenko inicia-se na direcção de organizações do Komsomol (juventudes comunistas), em 1929, onde é encarregado da direcção do sector de «Agitação e Propaganda» do distrito de Novoselovski.

Em 1930 alista-se como voluntário no Exército Vermelho e em 1933 é colocado no serviço de fronteiras. Torna-se mais tarde secretário da organização do partido, ao qual aderiu em 1931, num posto fronteiriço da União Soviética.

Chernenko desenvolve a partir de então a sua actividade partidária como chefe dos comités do Partido Comunista nos distritos de Novoselovsk e Quirski e ainda como director do Centro de Instrução Política do partido para a província de Krasnoarski.

A experiência como chefe do departamento de «Agitação e Propaganda» (AGITPROP) vale-lhe, pouco tempo depois, a designação para o cargo de secretário do comité do partido para todo o território de Krasnoarski.

A partir de 1943, Konstantin Chernenko inicia estudos na Escola Superior dos Dirigentes do Partido, instituição dependente do Comité Central da Federação da Rússia.

Em 1945, é nomeado secretário do Comité do Partido para a região de Penza e três anos mais tarde é transferido para a República da Moldávia, para assumir o cargo do departamento de «AGITPROP» do Comité Central do partido na Moldávia.

Aí encontra pela primeira vez Leonid Brejnev, então primeiro-se-

cretário do CC do partido naquela República soviética, a quem não mais deixaria de estar politicamente ligado.

Em 1956, Chernenko é já o chefe do secretariado do serviço de «AGITPROP» junto do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética.

Em simultâneo, trabalha como redactor principal na revista de propaganda «AGUITATOR».

Em 1960, Konstantin Chernenko assume um alto cargo junto do Presidium do Soviete Supremo, na qualidade de secretário-geral e cinco anos depois, em 1965, desenvolve a sua actividade política como chefe dos serviços gerais do Comité Central, passando a controlar a expedição de todos os documentos importantes do PCUS.

De 1966 a 1977 Chernenko torna-se membro suplente do Comité Central e após o Vigésimo Quarto Congresso do PCUS, em Março de 1971, é sucessivamente eleito membro do Comité Central, suplente do Bureau Político (1977) e titular do mesmo Bureau, um ano mais tarde.

A ascensão de Yuri Andropov ao poder representa para Chernenko um revés político, sendo afastado do cargo de chefe do departamento geral do PCUS, depois de ter disputado e perdido a favor de Andropov a liderança máxima da União Soviética.

Descrito por alguns círculos como «burocrata» no seio do partido, Chernenko prova como autor de várias obras de cariz ideológico, nas quais versa temas sobre os métodos de actividade do partido e do Estado e o desenvolvimento da «democracia socialista», que as suas aspirações ao posto supremo na hierarquia política do país se mantêm.

Assim não é propriamente uma surpresa para os analistas políticos que Chernenko venha a suceder a Yuri Andropov na chefia do Presidium do Soviete Supremo, o título oficial para o chefe de Estado, em Fevereiro de 1984.

O dirigente hoje falecido era titular de duas condecorações de Herói do Trabalho Socialista, três Ordens de Lenine, três Ordens da Bandeira Vermelha do Trabalho e numerosas distinções da União Soviética, de países socialistas e do estrangeiro, sendo um dos raros dirigentes condecorados com o «Prémio Lenine», a mais alta condecoração da União Soviética.



MUNICÍPIO DE LISBOA EDITAL

N.º 17/85

Classificação como imóvel de interesse público do edifício do «Diário de Notícias», na Av. da Liberdade, 226-226-A, em Lisboa.

Faz-se saber que, nos termos e para os efeitos constantes do Decreto-Lei n.º 181/70 de 28 de Abril, por despacho de Sua Excelência o ministro da Cultura, foi determinada a classificação como imóvel de interesse público do edifício do «Diário de Notícias», na Av. da Liberdade, 226-226-A, em Lisboa, do que resulta a constituição da zona de protecção, conforme consta da planta topográfica que junto se afixa.

A zona abrangida por esta classificação fica sujeita às disposições legais em vigor, designadamente os art.ºs 25.º a 48.º do Decreto n.º 20985, de 7 de Março de 1932, do Decreto n.º 38 888, de 29 de Agosto de 1952, do Decreto-Lei n.º 28 468, de 15 de Fevereiro de 1938, do Decreto-Lei n.º 39 600, de 3 de Abril de 1954, e do n.º 2.º do §1.º do Art.º 19.º do Decreto n.º 46 349, de 22 de Maio de 1965, do Decreto-Lei n.º 1/78, de 7 de Janeiro, do Decreto-Lei n.º 59/80, de 3 de Abril e Decreto Regulamentar n.º 34/80, de 2 de Agosto.

Os interessados podem, dentro do prazo de 30 dias, contados da data da afixação deste edital, apresentar quaisquer reclamações tendo por objectivo a ilegalidade ou inutabilidade da constituição da servidão resultante do estabelecimento da referida zona de protecção ou a sua excessiva amplitude ou onerosidade. Essas reclamações devem ser formuladas por escrito e entregues na 2.ª Secção - Expediente e Contabilidade da 1.ª Repartição da Direcção dos Serviços Centrais e Culturais desta Câmara Municipal, no prazo referido.

Paços do Concelho de Lisboa, em 1 de Março de 1985

O Presidente da Câmara Municipal

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 13.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm editos de trinta dias, que começarão a contar-se da 2.ª e última publicação do presente anúncio citando o réu **ANTÓNIO ALVES PARAISO PEREIRA** para no prazo de vinte dias, findo o dos editos, contestar querendo a acção, na qual o Autor José Dimas, pede a condenação do réu no pagamento da quantia de 3 850 000\$00, por incumprimento de contrato, custas e procuradoria e para garantia de tal crédito deve ser reconhecida ao A. o direito de retenção da fracção até integral pagamento.

Acção ordinária n.º 9856 2.ª Secção.
Autor José Dimas residente Route de Pernay, 1214, Vernier, Suisse.
Réu António Alves Paraíso Pereira, com última residência conhecida na Av. Defensor de Chaves, 31-4.º Lisboa.

Lisboa, 14 Janeiro de 1985

O Juiz de Direito,
Jaime Manuel Santana Guapo

Pe'l'O Escrivão de Direito,
Raul João Santos Pimenta

"D.L." 11/3/85 - 1.ª Pub.

OLHE O PERIGO DE FRENTE!



Encontro da EDP

Exigido o fim do «recurso sistemático» ao crédito externo

O fim da imposição, pelo Governo, «do recurso sistemático ao crédito» é uma das reivindicações aprovadas este fim-de-semana pelos 229 delegados ao primeiro Encontro dos Trabalhadores da EDP.

A resolução final dos trabalhos, que decorreram nas instalações do INIP, em Algué, pede também o acesso da EDP ao crédito interno «em condições de juros consentâneos com o fim social da empresa».

O encontro exigiu que seja solucionado «o problema das dívidas à EDP e a renegociação da sua dívida externa, da responsabilidade do Governo», ao qual pediu que assumia as suas obrigações quanto aos encargos resultantes da desvalorização do escudo, consequência da «execução das suas próprias directivas».

A resolução final contempla 40 medidas prioritárias, que têm em vista a defesa da EDP como empresa única e nacionalizada de abastecimento de energia eléctrica e dos seus cerca de

40 000 postos de trabalho, considerados ameaçados pela «situação de quase ruptura a que os sucessivos governos a conduziu, com a cobertura do conselho de gerência».

O documento salienta que os trabalhadores da EDP não são responsáveis «pelo estado de degradação de imobilismo a que chegou» a empresa, porque a situação tem sido denunciada e os principais responsáveis alertados para a necessidade de se inverter a actual política.

O texto, que vai ser entregue ao Presidente da República, Primeiro-Ministro, presidente da Assembleia da República, grupos parlamentares, ministro da Indústria e conselho de gerência da empresa, pede que o Governo aumente as dotações de capitais e que estas sejam pagas no ano em que são atribuídas.

Reclama a revogação da legislação publicada depois de 1980, «que veio por em causa o quadro legal definido para a empresa em 1975 e 1976», e exige ao Go-

verno a autonomia administrativa, financeira e patrimonial, conforme o previsto no estatuto da EDP.

A resolução final reivindica o empossamento imediato do representante da empresa no conselho de gerência, a criação de um serviço técnico de apoio aos consumidores e a criação imediata de condições para a eficiência das comissões de segurança e higiene.

Uma das intervenções produzidas durante os trabalhos revelou que os acidentes de trabalho vitimam mortalmente seis a dez trabalhadores da EDP por ano.

O documento pede que se acabe com os «empreiteiros» e se recorra a trabalhadores contratados a prazo unicamente nos casos previstos no acordo de empresa.

O encontro considerou que a utilização das novas tecnologias, nomeadamente a informatização, seja precedida de estudos que garantam os postos de trabalho e a formação e reconversão dos trabalhadores.

Plenário das ORT's da Petrogal

As ORT's da Petrogal reúnem-se em plenário amanhã, às 11 horas, com a finalidade de «responder às medidas preconizadas pelo Governo de ataque às empresas nacionalizadas», particularmente as que visam desmantelar aquela empresa, entregar as suas partes mais rentáveis ao capital privado e «pôr em causa os postos de trabalho». Da ordem de trabalhos consta «a análise das medidas do Governo contra a Petrogal; medidas a tomar; e o aniversário das nacionalizações».

Plenário de agricultores

Os cerca de cem trabalhadores agrícolas que no sábado participaram na assembleia-geral do seu sindicato realizada em Setúbal, aprovaram uma moção onde se considera que a grave situação com que se debatem é derivada da política seguida pelos últimos Governos.

Os trabalhadores, segundo a moção, consideram que a «ofensiva dos Governos tem levado à destruição de muitas UCP's/cooperativas agrícolas, o que originou a que haja no distrito mais de três mil desempregados agrícolas e a que «as terras roubadas às UCP's/cooperativas tenham na sua quase totalidade ficado abandonadas ou subaproveitadas».

«Esta política - diz a moção - só serve os grandes agrários monopolistas e latifundistas».

Leis laborais

O ministro do Trabalho, Amândio de Azevedo, disse que dois dos cinco diplomas sobre matéria laboral em discussão hoje no Conselho de Concertação Social irão a Conselho de Ministros «em breve e definitivamente».

Trata-se da Lei Orgânica do Instituto de Emprego e Formação Profissional e do Regime de Formação Profissional em Co-Operação - disse.

Quanto aos três diplomas restantes (Regime de Cessação de Contrato de Trabalho, mais conhecida por Lei dos Despedimentos individuais e colectivos, Regime dos Contratos a Prazo e de Trabalho Temporário), o ministro disse que serão postos à discussão pública brevemente.

Governo ainda não tem solução para a Messa

A solução do problema da Messa só em última alternativa passará pelo Instituto de Participações do Estado (IPE), disse uma fonte governamental, em declarações à ANOP.

«Ainda não se avançou com a ideia de entregar a empresa ao IPE, já que estão em curso grandes esforços que apontam noutros sentidos», acrescentou a mesma fonte, que se recusou a revelar o teor das diligências em curso.

Os trabalhadores da Messa difundiram um documento em que acusam o Governo, na pessoa do ministro de Estado, Almeida Santos, que detém a tutela da empresa, de ser responsável pela situação (três meses de salários em atraso dos 950 trabalhadores).

O documento dos trabalhadores da Messa refere que está a verificar-se grande número de

encomendas, nomeadamente por parte da empresa norte-americana Triumph-Adler, que «está interessada na compra de metade da produção possível da fábrica e na máquina eléctrica construída pela Messa a partir de um projecto da Universidade de Coimbra».

A Messa chegou a estar vendida pelo Estado à Centrel, que durante sete meses assegurou a sua gestão.

A Centrel posteriormente abandonou a gestão da Messa, alegando «falta de cumprimento dos compromissos assumidos pelo Estado».

O documento dos trabalhadores da Messa atribui ao ministro de Estado, Almeida Santos, a afirmação de que a «Centrel queria a Messa praticamente de borla e ainda mais 900 mil contos».

Nova greve contra extinção da CTM e CNN

A greve por tempo indeterminado, iniciada às zero horas pelos trabalhadores da Marinha Mercante, registada a meio da manhã uma adesão da ordem dos 82 por cento, sendo totais os seus reflexos na frota, que se encontrava imobilizada em vários portos - disse ao «DL» um porta-voz sindical.

Numa primeira fase, os trabalhadores de terra paralisam no período da tarde, e os do mar durante todo o período de trabalho em todos os portos nacionais, durante uma semana.

Uma fonte da Frente dos Sindicatos da Marinha Mercante e das comissões de trabalhadores da CTM e da CNN, que decretou a greve, disse que, nesta primeira fase, a paralisação afecta

11 navios das duas companhias. Na segunda fase, a greve do pessoal de terra é efectuada durante todo o período de trabalho e a paralisação do pessoal de mar torna-se extensiva aos trabalhadores a laborar em qualquer porto do mundo.

O Governo decidiu extinguir a CTM e a CNN, criando em sua substituição duas novas empresas - a Transinsular e a Portline.

Os diplomas de extinção das duas companhias encontram-se em poder do Presidente da República, a quem cabe a sua promulgação, depois de o Tribunal Constitucional se ter pronunciado, em resposta a um pedido de Ramalho Eanes, sobre a constitucionalidade dos decretos.

EXPRESSOS RN

EXPRESSO «SORRAIA»

ALTERAÇÃO
DE HORÁRIOS

HORÁRIO

A		B
13h45	LISBOA	08h30
14h30	SAMORA CORREIA	10h00
14h40	BENAVENTE	09h15
14h47	SALV. DE MAGOS	09h05
15h15	CORUÇHE	08h58
	COUÇO	08h30
	MORA	07h15
	MONTARGIL	06h55
	PONTE SOR	06h40
		06h20
		06h00

A - Não se efectua aos Sábados, Domingos, Feriados e 3.ª-Feira de Carnaval.
B - Só se efectua às 2.ªs-feiras, se coincidir com Feriado efectua-se na 3.ª-feira.



A partir de 4/2/1985

RN RODOVIA
NACIONAL

PARA LISBOA - Telefones: 72 58 07 -
MAIS 72 58 32 - 72 58 54
INFORMAÇÕES: (Dias úteis das 08h00 às 20h00)

DESPORTO



Alvalade: pela 2.ª vez na temporada o Penafiel trava o Sporting

Nacional de Futebol

Porto adormece todos os rivais

O Sporting ficou praticamente afastado da luta pelo título nacional de futebol ao empatar (1-1) em casa com o Penafiel, aumentando para cinco pontos a distância que o separa do cada vez mais campeão FC Porto. A turma portista recuperou de desvantagem para impor a 1.ª derrota à Académica de Coimbra nos últimos dez jogos do nacional, (por 4-1, no Estádio das Antas). Os portistas lideram: 39 pontos contra 34 dos lisboetas.

Na sua batalha para o 3.º lugar o Benfica arrancou um nulo precioso em Portimão mantendo os dois pontos de avanço sobre os algarvios (29-27), enquanto o Boavista, derrotado (2-0) foi alcançado no 5.º posto pelo Belenenses, vencedor em casa sobre o Varzim (3-1).

Belenenses e Boavista, são agora os principais candidatos à 3.ª vaga na «Taça UEFA», pois levam quatro pontos de avanço (23-19) sobre um quarteto formado por Braga, Académica, Setúbal e Farense, que já está livre das correrias europeias e também do espectro da descida. Todos os últimos pontuaram, excepto o Vizela que, ao perder em casa com uma equipa do seu campeonato (2-3, com o Salgueiros) ficou com a 2.ª divisão à vista. O Guimarães, que está distanciado da zona perigosa, em-

patou a zero em Vila do Conde e soma agora 17 pontos, mais três que o quarteto constituído por Varzim, Rio Ave, Salgueiros e Penafiel, enquanto o Vizela isolou-se no último lugar, com 12 pontos.

Os campeões da 2.ª volta encontraram-se nas Antas e a Académica confirmou o seu bom momento, cometendo a proeza de ser adiantado ao FC Porto no marcador, com um tento de Pedro Xavier, aos 34 minutos. Os estudantes entraram a jogar nas Antas sem complexos, manifestando os portistas e, aos 18 minutos Flávio deu o primeiro sinal de perigo atirando à barra da balizade Zé Beto. Mas o FC Porto tem já a estrelinha de campeão e no espaço de seis minutos, virou o resultado e o rumo de acontecimentos: mais uma vez o «bota-de-ouro» Fernando

Gomes esteve na base da reviravolta empatando (de «penalty», aos 38) e marcando de recarga (aos 44). Na 2.ª parte, já com vantagem no marcador, o FC Porto pode explanar o seu futebol e foi com naturalidade que marcou mais dois golos, por Jaime Magalhães (53) e Fute (80), fixando o resultado final em 4-1.

Mas, se nas Antas há confiança, em Alvalade mantem-se a descrença e o técnico galês

Continua na pag. 14

Valentim Loureiro, Mário Wilson, Tonanha, Frederico, Alves ■ Silvério Jones, Afonso Bonache ■ Rohrl, Salonen, Cunha e Silva, «Dragões» ■ José António Martinez, Pal Csernai, interprete com privilégio, Toni, Júlio Borges ■ Enfim:

Pausa antes de virar a página

Neves de Sousa

De vez em quando, o presidente boavistense Valentim Loureiro aparece no topo da onda, envolvido nos ventos mais diferentes mas sempre de molde a tornar-se notícia, no que é exímio este cidadão português que representa os interesses da Guiné-Bissau na capital norte-nha e, entre todas as marés, vai surgindo de braço dado com as mais diversas figuras políticas, tão depressa fazendo as pazes de Juca com João Alves, como ganhando honras de TV em directo, só para comunicar que tinha contratado um treinador e quatro futebolistas. Surgindo como apoiante de João Rocha tal como comparecendo no jantar aniversariante da conimbricense «Briosa». Enfim: um homem verdadeiramente irrequeto, com notável sentido de oportunidade para sempre sobressair do anonimato.

Pois, no sábado, Valentim Loureiro tornou a saltar para o topo do mastro: a derrota (no Bessa) frente ao Vitória de Setúbal, terá sido o pretexto que esperava para, mal tinha corrido uma semana sobre o saboroso empate (no Jamor) dos axadrezados sobre o Benfica, despedir o treinador Mário Wilson. No fim de contas, bem vistas as coisas (disse Valentim Loureiro) o último triunfo do Boavista reporta-se a 25 de Novembro, com o Varzim, no nosso estádio. E começava a ficar extremamente difícil obter a meta que desejamos: entrar numa competição europeia.

O homem-forte do Bessa relembrou derrotas em Portimão, caseiramente perante o Rio Ave, nas Antas e novamente dentro dos seus muros, em esgrima com o Braga. Entre esta série de desaires, quatro encontros nulos (Vizela, Belenenses, Sporting e Penafiel).

E pronto: uma cabeça (pelo menos) tinha de rolar. Mário Wilson viu o seu contrato rescindido precisamente no dia seguinte ao Boavista abrir bem os cordões ao bolso: prolongando compromisso por mais três épocas com o defesa Frederico (que era desejado pelo FC Porto) e recrutando o brasileiro Tonanha no Salgueiros. O dianteiro de Paranhos (que veio para Portugal pela mão do empresário Luís Campos) tornou-se ultimamente muito cobigado e, vai daí, Valentim Loureiro puxou do livro de cheques (onde ainda falta aquele de quatro mil contos que voou ao encontro de Fernando Chalana...) e não esteve com meias medidas. O Salgueiros (para além de ficar com a receita integral de um jogo com a categoria de honra do Boavista no seu «Vidal Pinheiro», ainda embolsou uns milhares de contos (diz-se que três) enquanto Tonanha pula bruscamente dos 170 contos mensais (na turma salgueirista) para os 350 (época 85/86), 400 (temporada 86/87) e 450 (87/88). E, para começar, Tonanha já meteu um belo «vale» a Valentim Loureiro, certamente para comprar umas «luvas» parecidas com as que usa o «capitão» João Alves, que aceitar tomar-se já hoje jogador-treinador, não deixando que a batata quente salte para outras mãos.

Na semana trouxe muitas novidades, especialmente os jogadores do Benfica, onde Silvério Jones bateu



A bola escapa-se a Marrafa e era mais um tento de Gomes

por um quase KO os propósitos de candidatura de Afonso Bonache. Todavia, em agitada assembleia, parece que nem tudo se processou dentro da inteira legalidade, pois para votar bastou a cada vitoriano apresentar o cartão de associado e meter numa urna o papelinho que tinha chegado havia instantes da tipografia. Não existiram cadernos de registo nem sequer surgiu o (julgamos que obrigatório) livro para assinatura de presenças.

Bem: a verdade é que Silvério Jones (entre 505 boletins de voto) recebeu 416 e para o seu elenco escolheu nomes como António Xavier de Lima, dr. Sousa Fidalgo, Ricardo Correia, António Cordeiro, José Monteiro, Vasco Verdes, Orlando Cueto, Tavares da Silva, coronel José Maurício, Joaquim Costa, Rui Salas, capitão José Augusto Rebelo, Luís Varela Duarte, José Duarte, António Gomes, Saldanha Serra, dr. Vieira da Silva, Alcides Gomes, Luís Marranita, Duro de Oliveira e Custódio Pinto. Nome mais votado: Ricardo Correia (422 votos). Voto mais expresso: de confiança na turma de futebol dirigida por Manuel Oliveira.

Então não querem saber que, daí a poucas horas, o Vitória venceu o Boavista no parque do Bessa e dava já a primeira imensa alegria ao seu novo elenco directivo!

E, enquanto o grande «galo» de Walter Rohrl dava o triunfo no «melhor rali do mundo» ao finlandês Timo Salonen e o nosso rapaz do ténis (Cunha e Silva, já «Prémio CNID») brilha pelas Américas, o «desporto amador» do FC Porto viaja entre duas alturas: sucesso na Luz para o seu basquetebol (perante o Benfica) e desaire em Alvalade face aos andebolistas dos «leões». Mas belo desempate nas tais modalidades onde continua a

lente desportista, praticante de futebol que bem conhece todas as lezírias do jogo, o dr. José António Martinez sabe, tão bem como qualquer leigo, que nenhum sujeito com o cargo de intérprete pode sentar-se ao lado do treinador, do dirigente, do médico, do massagista, dos cinco jogadores suplentes e do técnico-adjunto. E se alguma vez ali tem poiso é porque o árbitro ou não sabe contar até dez ou então faz vista grossa merecendo imediatamente uma boa pancada no relatório do delegado-técnico.

E por falarmos em Csernai: o homem anda agora, muito veloz, a proclamar que não deseja ficar mais tempo em Portugal, que mal cumpra o contrato dá à sola.

Não sei se deveremos, nesse dia, vestir crepes ou sair de corseta em riste para a rua. Não quero ser figura discordante e nessa data feliz, quando alguém bater no peito a penitenciar-se ou subirem no ar foguetes da libertação, gostaria de manter a mesma posição observadora: o lapso grande da tristonha e pouco ofuscente figura do Benfica no luso futebol desta temporada, dava para um folhetim de páginas negras. A falha imensa deu-se quando apenas se leu um currículo e não se contactou com o dono. A quem o recebeu, sabendo do modo como foi corrido do Bayern de Munique, da péssima imagem que foi deixando ao longo de uma carreira de chicote na mão como senhorial patrão de navio negreiro. Csernai é o mais estranho e esfíngico personagem do reino dos façanhudos que não passam de meros tigres de papel, uma espécie extinta que nenhum cidadão de corpo inteiro respeita como chefe verdadeiro, sequer como efêmero condutor de homens.

Pal Csernai, se lhe derem tempo para isso, conseguirá destruir anímicamente o que resta ainda dentro de alguns dos excelentes jogadores do Benfica. Metralhou, a torto e a direito, personalidades que deveriam merecer-lhe um mínimo de respeito. Baralhou os postos e as aptidões de indesmentíveis «estrelas» dos estádios. Onde residia (em linha geral) a alegria e a saudável irreverência da juventude, implantou o terror, o tom taciturno de um discurso fúnebre sublinhado na palavra acabada de um resistente paleolítico. O húngaro da Luz conseguiu transformar-se no personagem mais estranhamente chato e abúlico que já veio embolsar milhões à custa do generoso Terceiro Anel. E, para cúmulo, quase conseguiu converter Toni, esse excelente homem do futebol, num indivíduo perdido e sem jangada no meio de um oceano revoltado. Em Braga, quase deu um estalo na cara de Júlio Borges, um dirigente que sempre e em todos os momentos se assumiu como dono de verticalidade intocável, de um carácter nobre que também é motivo de orgulho para o seu clube de sempre.

E eu fico pensando como é triste, servil, até mesquinho, cada um de nós, homens deste País, funcionar como capacho para alguém chegar a nossa casa e entrar na sala sem sequer limpar os sapatos.

Neves de Sousa

METALO RÁPIDA

SERRALHEIRO DE ODIVELAS

FECHER A SUA MARQUISE OU VARANDA COM FACILIDADE DE PAGAMENTO

Classificação

	J	V	E	D	G	P
FC PORTO	21	19	1	1	59-8	39
Sporting	21	14	6	1	53-18	34
Benfica	21	12	5	4	41-20	29
Portimonense	21	11	5	5	38-27	27
Boavista	21	7	9	5	26-22	23
Belenenses	21	9	5	7	33-31	23
Sp. Braga	21	7	5	9	32-32	19
Académica	21	7	5	9	29-32	19
Vit. Setúbal	21	6	7	8	22-31	19
Sp. Farense	21	6	7	8	15-28	19
Vit. Guimarães	21	6	5	10	22-30	17
Varzim	21	2	10	9	15-29	14
Salgueiros	21	5	4	12	30-45	14
Rio Ave	21	4	6	11	18-33	14
Penafiel	21	3	8	10	17-35	14
Vizela	21	4	4	13	23-51	12

Próxima jornada (dia 24): V. Setúbal - Benfica (3-4, na primeira volta); V. Guimarães - Boavista (0-0) Ac. Coimbra - Rio Ave (0-1); Sp. Farense - FC Porto (0-5); Salgueiros - Sp. Braga (0-4); Varzim - Vizela (1-1); Penafiel - Belenenses (1-2); e Sporting - Portimonense (0-0).

LARGO DA REPÚBLICA — POMBAIS — ODIVELAS
TEL. 982 60 68



DESPORTO

«Dragões» quase campeões

Continuação da p. 13

John Toshack regressou aos balneários no final do encontro debaixo de um coro de assobios. O Sporting, que não podia perder pontos para não se atrasar em relação ao FC Porto, não conseguiu vingar o desejo de Penafiel, frente ao único conjunto que bateu os «leões» no campeonato. Tudo começou bem para os lados de Alvalade, quando o argentino Saucedo abriu o activo (aos 33) precisamente na mesma altura em que Pedro Xavier fazia funcionar o marcador nas Antas. Porém, aos poucos o Penafiel foi perdendo o respeito ao leão e aos 55 m Tozé alcançou o empate para a equipa de Fernando Cabrita, um técnico que não perde desde que assumiu o comando da equipa, há quatro jornadas.

A preocupação em não perder pontos foi também a nota domi-

nante na partida entre Portimonense e Benfica (no Algarve) e quando assim sucede o nulo é um resultado que agrada a ambas as equipas. O Portimonense ficou satisfeito, para mais depois da derrota do Boavista e o Benfica regressou feliz a Lisboa, porque o seu 3.º lugar ficou seguro.

O Belenenses prosseguiu a sua caminhada para um lugar na «Taça UEFA», impondo-se sem margem para dúvidas ao Varzim, no Restelo, por 3-1. O defesa José António foi um elemento influente na manobra da equipa, marcando os dois primeiros golos da turma, aos 12 e 64 minutos. O suplente Jaime fez o 3-0 (aos 75) oito minutos antes de o angolano Vata reduzir para o Varzim que, com esta errota, ficou no meio do campeonato dos aflitos.

O Boavista foi uma sombra de si próprio (no sábado) frente ao Setúbal, no Bessa, perdendo por 2-0, resultado que levou a direcção do clube a prescindir dos serviços do técnico Mário Wilson e a promover João Alves ao cargo de jogador-treinador. Manuel Oliveira, um técnico arguto e experiente, montou as suas peças no relvado de tal modo, que asfixiou o futebol dos axadrezados, conseguindo um triunfo claro e inequívoco, logrando com tentos de Aparício (2) e Vitorinha (78).

O Braga deu um pulo na geral, passando a ocupar o 7.º lugar, mercê do seu triunfo sobre o Farense. José Abrantes (com golos aos 33 e 48) lançou o conjunto minhoto para o êxito, consumado por Zinho (de grande penalidade, aos 82) depois de o brasileiro Gil ter feito o 1-2, aos 67.

Rio Ave e Guimarães forneceram o segundo nulo da ronda, numa partida em que ambas as equipas tudo fizeram para partilhar os pontos, enquanto o Salgueiros «disse» querer fugir da 2.ª divisão, derrotando o Vizela, no campo deste. Mas o Vizela chegou a ter o jogo na mão. Manuel Correia fez o 1-0 (aos três minutos), o Salgueiros empatou (aos oito, por Gilberto) mas de novo os vizelenses marcaram (por Pita, aos dez). Na 2.ª parte veio ao de cima a «alma salgueirista» e um jogador chamado José Manuel que operou a reviravolta. Penteado fez o 2-2 (aos 58) e vinte minutos depois José Manuel desferiu o golpe de misericórdia nos visitados.

Names e números

Cartaz de resultados da ronda:

FC Porto - Académica, 4-1; Sporting - Penafiel, 1-1; Portimonense - Benfica, 0-0; Boavista - Vit. Setúbal, 0-2; Belenenses - Varzim, 3-1; Sp. Braga - Sp. Farense, 3-1; Rio Ave - Vit. Guimarães, 0-0; Vizela - Salgueiros, 2-3.

Marcadores

José Abrantes (Sporting de Braga), Gomes (FC Porto) e José António (Belenenses) foram os marcadores a bisar no decorrer da 21.ª jornada, que rendeu 22 tentos. O atacante do FC Porto continua a cimentar a sua posição de comandante, dispondo de mais 17 golos que o terceiro que o persegue. Classificação: 1.º, Gomes (FC Porto), 29; 2.º, Manniche (Benfica), Manuel Fernandes (Sporting) e Cadorin (Portimonense), 12; 5.º, Djão (Belenenses), 11; 6.º, Jaime Magalhães (FC Porto), 10; 7.º, Zinho (Sporting de Braga), 9; 8.º, Eldon e Jordão (Sporting), Tonanha (Salgueiros) e Pedro Xavier (Académica); 12.º, Ronnie (Belenenses), Jorge Silva e Carlos Manuel (Benfica).

Disciplina

A 21.ª jornada foi das mais disciplinadas com apenas 11 cartões amarelos: em dois campos (Rio Ave e Alvalade) nenhum jogador foi admoestado. O maior número de cartões amarelos foi registado no Estádio das Antas (três) com dois para a equipa da casa (Zé Beto e Vermelhinho) e um para a Académica (Reinaldo). O benfiquista Diamantino (com cartão amarelo, a um minuto do fim, em Portimão) poderá sofrer nova sanção disciplinar.

Totobola: previsões

O serviço de escrutínio das Apostas Mútuas Desportivas preveem entre sete a oito totalistas do concurso número dez do Totobola. Com 12 resultados certos preveem-se entre 490 a 505 apostadores, e com 11 símbolos as previsões apontam entre 11 784 e 12 140. O valor para cada prémio é de 29 44 322 escudos.

Domingo: «Taça»

No próximo fim-de-semana trava o campeonato nacional para dar lugar a mais uma jornada da Taça de Portugal.

Divisão 2

Resultados da 19.ª jornada do Nacional de futebol da 2.ª Divisão na Zona Norte: Marco - Paços Ferreira, 1-3; Aves - Sanjoanense, 1-0; Leixões - Lourosa, 2-0; Felgueiras - Famalicão, 1-0; Gil Vicente - Lixa, 2-0; Tirsense - Fafe, 0-0; Feirense - Valonguense, 4-1 e Chaves - Espinho, 1-0. **Classificação:** Aves, 28 pontos; Chaves, 26; Leixões e Famalicão, 23; Paços Ferreira, 22; Espinho, 21; Felgueiras, 20; Lixa, Tirsense, Fafe e Gil Vicente, 18; Lourosa, 17; Feirense, 15; Sanjoanense, 14; Marco, 12 e Valonguense, 11.

Zona Centro: União Coimbra - Guarda, 4-0; União Leiria - Covilhã, 1-0; Caldas - Elvas, 1-1; Beira Mar - Torreense, 2-0; Mangualde - Estarreja, 0-0; Estrela Portalegre - Agueda, 1-1; Benfica e Castelo Branco - Peniche, 2-0 e Alcobaca - Marinhense, 3-0. **Classificação:** Covilhã, 27 pontos; Elvas, 25; U. Leiria e U. Coimbra, 24; Torreense e Beira Mar, 20; Agueda, Estrela e Alcobaca, 19; Caldas, 18; Peniche, Mangualde e Estarreja, 16; Guarda e Benfica C. Branco, 14 e Marinhense, 13.

Zona Sul: Campinense - Lusitano, 2-2; Odivelas - Barreirense, 1-3; Nacional - Atlético, 0-1; Olhanense - União, 2-2; Amora - Cova da Piedade, 2-2; Montijo - Torralta, 1-0; Marítimo - Sesimbra, 4-1 e Amadora - Estoril, 2-1. **Classificação:** Marítimo, 36; (mais um jogo); União, 25; Amadora, 24; Estoril, 23;



Restelo: golo de Jaime e golpe de misericórdia no Varzim

Cova Piedade, Olhanense e Atlético, 21; Lusitano, 20; Barreirense e Montijo, 18; Torralta, 17; Nacional, 16; Odivelas, 15; Amora, 14; Sesimbra 10 e Campinense, 7 (mais um jogo).

Divisão 3

Prosseguiu também o torneio da 3.ª divisão. Desfechos na **Série A:** Bragança - Montalegre, 3-1; Neves - Monção, 0-1; Valdevez - Esposende, 2-0; Mirandela - Moreirense, 1-0; Taipas - Vieira, 1-1; Valenciano - Ponte da Barca, 1-0 e Macedo de Cavaleiros - Vianense, 2-2. **Líder:** Vianense, 27 pontos. **Série D:** Trofense - Freamunde, 1-0; Esmeriz - Oliveirense, 1-2; Amarante - S. Martinho, 2-0; Ovarense - Paivense, 0-0; Paredes - Régua, 3-1; União Lamas - Infesta, 1-2; Cucujães - Vilanovense, 2-1 e Valadares - Ermesinde, 2-1. **Líder:** Ovarense 27 pontos. **Série C:** Oliveria do Bairro - Naval, 2-0; Tondela - Poiares, 2-3; Gouveia - Académico Viseu, 1-0; Luso - Penalva do Castelo, 3-0; Marialvas - Mealhada, 2-1; Viseu e Benfica - Anadia, 2-0; Lusitano Vildemoinhos - Seia, 1-0 e Belmonte - Santacombadense, 2-0. **Líder:** Académico de Viseu, 28 pontos. **Série D:** Elétrico Ponte Sor - Nazarenos, 2-1; Marinha - Alcaín, 1-1; Bombarralense - Portalegrense, 0-2; União Santarém - Paroquial Fátima, 3-0; União Tomar - Rio Maior, 0-0; Mirense - Almeirim, 1-3; Nisa e Benfica - Alferrarede, 2-2 e Lousanense - Guinense, 3-1. **Líder:** U. Santarém, 31 pontos. **Série E:** Marinhais - Olivais e Moscavide, 0-0; Oriental - Tires, 5-0; Vilafranquense - Charneca, 1-0; Almada - Águia Desportiva, 5-1; Santa Clara - Vialonga, 0-1; Campomaiorense - Lusitana, 2-0; Sacavenense - Samora Correia, 2-0 e Olivais - Cacém, 1-1. **Líder:** Sacavenense, 29 pontos. **Série F:** Quarteirense - União Montemor, 3-2; Moitense - Esperança Lagos, 0-2; Beja - Silves, 0-0; Lusitano Vila Real - Santiago Cacém, 0-1; Vasco da Gama - Alvores, 0-0; Comércio Indústria - Louletano, 3-0; Quimigal - Aljustrelense, 2-0 e Juventude - Estrela Vendas Novas, 2-1. **Líder:** Santiago Cacém, Esperança Lagos e Juventude, 27 pontos.

Matias nas Antas

Inevitável: depois do brilho da sua actuação na turma de «esperanças» que, na Tapadinha, bateu a RFA, o defesa Matias (Salgueiros) logo foi rodeado por convites para mudar de camisola. E já pertence ao bloco das Antas, pelo menos durante três épocas.

Portimonense: deslocação
O Portimonense vai deslocar-se à Coreia do Sul na primeira quinzena de Julho, a fim de disputar vários jogos particulares de futebol. Os responsáveis do clube de Portimão encontram-se, para efeito, em contacto com o empresário Joaquim Oliveira. O clube não aceitou, entretanto, uma proposta para se deslocar à Jordânia, onde efectuariam dois jogos, a 17 e 20 de Março, por desacordo de verbas com o empresário Ma-

nuel Barbosa. Mas a equipa está também a estudar a possibilidade de participar em vários torneios de Verão em Espanha, facto a que não é alheia a carreira da equipa algarvia no campeonato português de futebol.

Vitor Baptista: saliência

O antigo «internacional» Vitor Baptista teve excelente actuação no secundário «derby» regional setubalense, em que a sua equipa, Estrelas de Faralhão, derrotou o Pontes, por 4-2. A perder ao intervalo por 2-0, o Faralhão recuperou no segundo período, com um dos golos apontado do «meio da rua» por Vitor Baptista, e mantém intactas as aspirações de chegar ao 1.º lugar. Vitor Baptista marcou o 7.º golo ao serviço do Estrelas de Faralhão, clube que só registou uma derrota desde que o antigo jogador da selecção nacional integrou a equipa, em Dezembro. O Faralhão está agora na 3.ª posição e, se vencer, no sábado, o Marítimo de Setúbal, passa para o 2.º lugar.

Eusébio em grande

Eusébio foi o marcador dos golos com que o Benfica venceu (por 3-2) o Sporting, em jogo de futebol de veteranos disputado em Faro, no Estádio de S. Luís. O encontro, que reuniu os futebolistas daquelas duas equipas dos anos 60, visou obter receitas para auxílio do Núcleo de Faro da Associação de Apoio à Paralisia Cerebral.

Eusébio realizou uma grande exibição, coroada com a obtenção dos três golos. Os golos do Sporting foram obtidos por Valter e Porfírio, na 2.ª parte. Arbitrou o jogo o «internacional» César Correia e o Benfica fez alinhar: José Henriques; Mário João, Paula, Almeida e Adolfo; Jorge Calado, Manuel de Oliveira e Coluna; Pedro Silva, Toni e Eusébio. Alinharam ainda Flávio, Libório, Alinho, Ludgero e Bastos.

Sporting: Paulino; Barnabé, Saturnino, Veiga e Celestino; Monteiro, Porfírio e Jorge Canário; Osvaldo Silva, Figueiredo e Valter. Alinharam também Leitão, Colorado, Dolores e Lourenço.

Cabo-verdiano em Alvalade

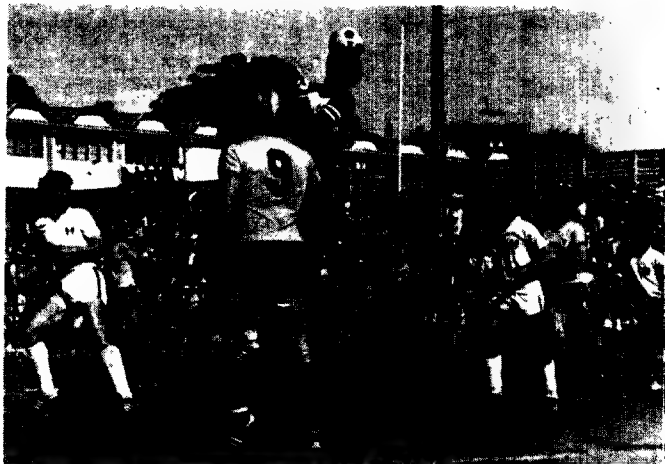
Vindo do Cosmos (de Nova Iorque) chega hoje a Alvalade, para fazer testes perante Toshack, o cabo-verdiano Pedro Brito, defesa central e médio.

Chalana brilha

O Bordéus (com Chalana em grande plano) derrotou por 3-1 o Lille, para a Taça de França.

Farense nos Açores

A 15 e 17 do corrente o Farense vai actuar nos Açores, cumprindo jogos particulares com o Santa Clara e o Lusitânia.



No campo n.º 3 do Estádio da Luz (por interdição do seu terreno) o Estrela da Amadora (de António Medeiros) bateu o Estoril Praia (de Fernando Peres) trepando para o 3.º lugar da tabela pontual do campeonato do escalão 2 (Zona Sul).

TOTO BOLA a chave

Porto - Académica	1
Sporting - Penafiel	X
Portimonense - Benfica	X
Boavista - Setúbal	2
Rio Ave - Guimarães	X
Braga - Farense	1
Vizela - Salgueiros	2
Belenenses - Varzim	1
Chaves - Espinho	1
U. Leiria - Covilhã	1
Caldas - Elvas	X
Olhanense - U. Madeira	X
E. Amadora - Estoril	1

TOTO BOLA

Concurso n.º 11/85
17. Março.85

Porto-Braga	1
Rio Ave-Sporting	X
Salgueiros-Boavista	X
Varzim-Académica	1
Marítimo-Guimarães	1
Gil Vicente-Covilhã	X
Paredes-Marinhense	2
Nápoles-Atalanta	X
Udinese-Avelino	1
Roma-Juventus	1
Inter-Milan	1
Torino-Sampdoria	1
Fiorentina-Verona	X

jogue connosco

Concurso n.º 2 81/85
1.º extraordinário
de 85 (20/3)

Liverpool-Austria	1
Sparta Praga-Juventus	1
Dinamo-Bordeus	X
Penatnaikos-Gotemburgo	1
Fortuna Sittard-Everton	X
Dinamo Moscovo-Larissa	1
Roma-Bayern Munich	1
Rapid-D. Dresden	X
Videoton-Manch. United	2
D Minsk-Sarajevo	1
Colônia-Inter	1
Real Madrid-Tottenham	1
Fiorentina-Verona	X

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS E DO PLANO

COMANDO GERAL DA GUARDA FISCAL

CONSELHO ADMINISTRATIVO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA O FORNECIMENTO DE «LENÇÓIS E FRONHAS» — PROC.º N.º 114/85

1. Faz-se público que está aberto concurso público para o fornecimento à Guarda Fiscal de «LENÇÓIS E FRONHAS».
2. Serão recebidas propostas até às 17H30 do dia 11 de Abril de 1985, procedendo-se à abertura às 10H00 do dia imediato, 12 de Abril de 1985.
3. O Caderno de Encargos está patente no Conselho Administrativo do Comando Geral da Guarda Fiscal à Rua da Cruz de Santa Apolónia, 2 - 1100 LISBOA, durante as horas normais de expediente, podendo ser fornecido ao preço de 30\$00 cada exemplar.
4. A caução provisória a prestar será de 65 000\$00.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

14.º JUÍZO

ANÚNCIO

Proc. 7029 2.ª Secção

Faz-se saber que por este Juízo e segunda secção, nos autos de Acção Ordinária em que são partes:
Autor: Lúcio Miranda da Cruz Santos,

Réu: António Alves Pereira Pereira, com última morada conhecida na Avenida Defensores da Chaves, 31-4.º e 5.º em Lisboa, correu editos de trinta dias contados da data da 2.ª e última publicação do anúncio — citando o réu ANTONIO ALVES PEREIRA PEREIRA, para contestar, no prazo de vinte dias após o dos editos, e acção acima indicada que lhe move o autor, sob pena de ser condenado ao pagamento de quantia de 3 850 000\$00, bem como nas custas.

Lisboa, 28 de Janeiro de 1985

O JUÍZ,

Abílio Maria Peres

O Escrivão Adjunto,

José do Carmo Transmontano Trindade

"D.L." 11/3/85 — 1.º Pub.

DESPORTO

ponta esquerda

Boavista: Alves treinador

João Alves será o substituto de Mário Wilson no comando técnico do Boavista, se os futebolistas do clube derem o sim numa reunião a realizar hoje com a direcção, no Bessa. Wilson foi afastado (sábado) após o Boavista ter perdido em casa com o Vitória de Setúbal (2-0) na 21.ª jornada do nacional da divisão maior. **O Boavista não estava a jogar nada**, assim justificou a «chicotada psicológica» o presidente do Boavista, clube que não ganha há dez jornadas para o nacional. Logo após o despedimento de Wilson, Valentim Loureiro convidou Alves, mas o «Luvas Pretas» apenas aceitou hoje de madrugada, mantendo como condição o «sim» dos jogadores do clube.

O afastamento de Wilson é o quinto verificado esta época em equipas da 1.ª Divisão. As outras quatro alterações foram as de Mourinho por Mário Reis (no Rio Ave), Jesualdo Ferreira por Vítor Manuel (Académica), José Alberto Torres por Mourinho, (Varzim) e Manuel Barbosa por Fernando Cabrita (Rio Ave).

Benfica: Mortimore vem aí

John Mortimore será o novo treinador do Benfica, garantiu à ANOP, em Faro, um responsável do Departamento de futebol «encarnado». A mesma fonte disse que o antigo treinador benfiquista irá assinar por duas épocas e que ainda esta semana se encontrará em Lisboa com o presidente do clube, Fernando Martins. A fonte admitiu que o actual treinador do Benfica, Pal Csernai, possa ser afastado da equipa ainda este mês, **devido ao ambiente de tensão que tem vindo a registar-se na equipa e que pode explodir de um dia para o outro. A presença de Csernai junto dos jogadores é prejudicial e tem de ser evitada, rapidamente** — afirmou.

Dê-mo ao pé, meninos...

Nada mau: segundo se pode ler no diário francês «L'Equipe», há prémios magníficos para os nossos representantes no Campeonato Mundial de Corta-Mato (dia 24, no Jamor) no caso de conseguirem bons lugares. Vejam só: 1300 notas de mil a cada integrante da turma, caso obtenha o posto cimeiro; 800 Donas Marias por um 2.º lugar colectivo (também para cada atleta) e 530 continhos pelo 3.º posto, igualmente para cada integrante. Claro que os respectivos treinadores recebem metade da verba que toca aos corredores e esta «massa» sai do montante previsto para a organização total da competição, que deve cifrar-se em onze mil contos e é fatia larga de contratos que a Federação Portuguesa de Atletismo fez com a «Adidas» (compromisso por quatro anos) e diversos departamentos ligados ao Turismo.

Armélis Ferreira: inquérito sobre Alvalade

Armélis Ferreira, considerado um dos nossos mais categorizados juizes de hóquei em patins, está sujeito a inquérito, pois a Comissão Central de Arbitros deseja apurar, até ao pormenor, tudo quanto ocorreu no recente embate Sporting-Porto, efectuado em Alvalade.

Cascais: donativos camarários

Deliberado pela Câmara Municipal de Cascais: conceder 50 contos para aquisição de material de futebol destinado à turma da Sociedade de Instrução Familiar da Torre e oferecer 475 mil escudos (em parcelas de 95 contos) ao Dramático de Cascais como apoio às actividades de fomento desportivo.

Campeão Olímpico metido em drogas?

O alemão federal Karl-Heinz Radschinsky (campeão olímpico de halterofilismo) foi detido pela Polícia sob a suspeita de envolvimento na venda de drogas duras. Um porta-voz da Polícia de Nuremberga afirmou haver indícios de que Radschinsky negociou em drogas duras, pelo menos desde o Inverno de 1983 até Dezembro de 1984, violando a legislação em vigor na Alemanha Federal. As investigações abrangem outras 13 pessoas.

O sócio de Radschinsky num ginásio em Nuremberga, foi já preso e acusado de ter vendido droga no valor de 84 mil marcos (cerca de 5 mil contos) a uma mulher de 26 anos. Radschinsky (31 anos), ganhou a medalha de ouro na categoria de 75 quilos do torneio de halterofilismo dos Jogos Olímpicos de 1984, em Los Angeles.

Luto no futebol inglês

O antigo treinador Harry Catterick, que levou o Everton à conquista do título inglês de futebol da 1.ª divisão em 1970, morreu de um ataque cardíaco quando presenciava o jogo daquela equipa frente ao Ipswich. Catterick sofreu o ataque cardíaco pouco depois de o Everton ter empatado (2-2) com o Ipswich em jogo dos quartos-de-final da «Taça de Inglaterra». Catterick (65 anos) começou a sua carreira de técnico no Merseyside, depois de ter alinhado como jogador naquela equipa durante cinco anos e durante o período da Segunda Grande Guerra Mundial.

Durão: «Prémio de Beleza»

Joaquim Durão, «mestre internacional» de xadrez conquistou, no «Open» internacional de Logano (Suíça) o «prémio de beleza», destinado ao vencedor da partida «mais bonita» do torneio. Na partida correspondente ao prémio, Joaquim Durão venceu o finlandês Corval Perman. Joaquim Durão classificou-se em 72.º lugar com 4,5 pontos em nove possíveis, entre 168 xadrezistas, 23 dos quais «grandes mestres» e 17 «mestres internacionais», num torneio ganho pelo soviético Tukmakov, com sete pontos. Participaram no torneio 93 xadrezistas com «elo» superior a Joaquim Durão.

Andebol: Benfica continua em 1.º

O FC Porto sofreu duas derrotas na jornada dupla do fim-de-semana, mas o seu apuramento para a fase final do nacional de andebol já estava garantido. As rondas foram de domínio dos clubes lisboetas, apenas cortado pelas vitórias em casa do Desportivo de Portugal sobre o Belenenses e o Vitória de Setúbal.

O Benfica continua líder, com um ponto de vantagem sobre o Sporting (34-33). Os benfiquistas derrotaram (sábado) o Académico de Braga por 31-21 e ontem o FC Porto (36-22). O Sporting bateu os mesmos adversários, em dias contrários: 32-24 ao FC Porto e 30-22 ao Académico de Braga.

O Desportivo de Portugal foi o clube em evidência no fim-de-semana ao bater (sábado) o Belenenses por 29-27 e ontem o Vitória de Setúbal por 26-24, resultados que lhe valeram a fixação no 5.º lugar com 22 pontos, a três dos portistas. O Belenenses, apesar da derrota de sábado,



Alvalade: portistas cedem perante «leões»

ganhou ontem a Sanjoanense (20-18) e continuou na 3.ª posição, com 28 pontos, enquanto o Vitória de Setúbal, que no sábado ganhou ao mesmo adversário (33-16) ascendeu à 6.ª e

antepenúltima posição com 19 pontos. Académico de Braga e Sanjoanense (com mais duas derrotas) ocupam os dois últimos lugares da geral, com 17 e 14 pontos, respectivamente.

MICROSEPIO

Motonáutica: torneio

A primeira prova do Torneio Nacional de Barragens, em motonáutica, realizou-se em S. Clara (Odemira) com a participação de 18 embarcações. Resultados das provas na classe SE: 1.º José Carolo, 1.200 pontos; 2.º Mário Pestana, 300. Classe T-1: 1.º Jonav, 1.000 pontos; 2.º Pedro Viegas, 869; 3.º Arnaldo

Ribeiro, 794; 4.º Luís Caeiro, 619; 5.º Joaquim Peso, 127; 6.º José Soares, 95 pontos. Classe T-2: 1.º Amílcar Valente, 1.200 pontos; 2.º António Coutinho, 300. Classe T-E: 1.º Artur Lopes, 1.200 pontos; 2.º Guilherme Matos, 825; 3.º Vítor Rodrigues, 750; 4.º Vítor Fortuna, 507.

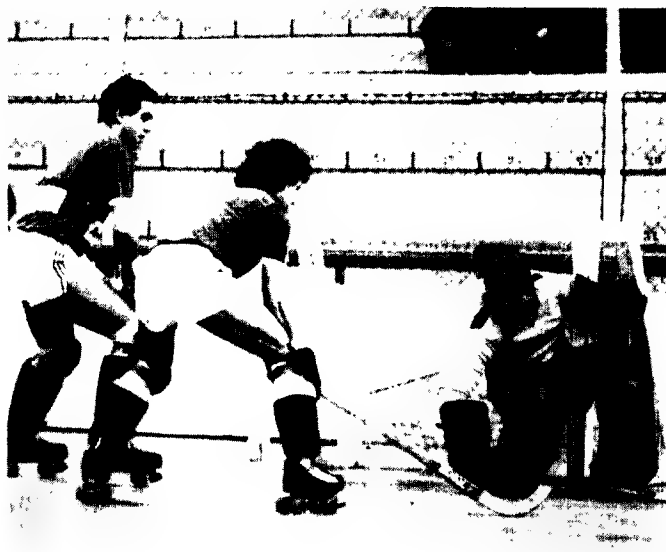
O Torneio de Barragens, que recomeçou este ano, terá a segunda prova a 12 de Maio, na

barragem do Vale do Gaio, no Torrão.

Tiro: Provas

Caetano Azevedo conquistou a taça Câmara Municipal de Braga, pntuável para o campeonato nacional de tiro. O vencedor fez 28 pontos em 28 tiros, batendo Armando Marques (27-28) e Horácio Baptista (25-26). Em 4.º lugar classificou-se Nuno Moreira (22-23).

Hóquei: Porto é rei



Luz: benfiquistas perdem no seu reduto com o Dramático de Cascais

Resultados dos jogos da 18.ª jornada do campeonato nacional de hóquei em patins: Sanjoanense - FC Porto, 5-7; Juventude de Viana - Famalicense, 5-1; Valongo - Sporting de Tomar, 3-4; Turquel - Oliveirense, 3-7; Oeiras - Paço de Arcos, 3-5; Sporting - Belenenses, 15-4; Benfica - Cascais, 4-7; Amadora - Sesimbra, 4-5. Classificação: 1.º FC Porto, 51 pontos; 2.º Sporting, 49; 3.º Sanjoanense, 47; 4.º Cascais, 42; 5.º Juv. Viana, 39; 6.º Paço de Arcos, 37; 7.º Sp. Tomar, 36; 8.º Benfica e Sesimbra, 35; 10.º Ac. Amadora e Famalicense, 34; 12.º Oliveirense, 33; 13.ºs Belenenses e Oeiras, 27; 15.º Valongo, 26; 16.º Turquel, 24.

Barcelos: calendário

O europeu de seniores, que se realiza em Barcelos (de 28 de Abril a 4 de Maio) com a participação de oito países, tem já definido o seu calendário.

Basquetebol portistas também dominam

O F. C. do Porto, com duas vitórias no fim-de-semana, passou para ao 1.º lugar no «Nacional» de Basquetebol, em igualdade pontual com o Benfica, mas menos um jogo. Foi uma jornada duplamente proveitosa para os pupillos de Jorge Araújo que, no sábado, se impuseram ao Benfica, na Luz (85-82) e ontem derrotaram o Olivais, no recinto deste, por 100-96.

O Benfica, depois do desaire com os nortenhos, derrotou o Sangalhos (90-92) marca que lhe valeu a manutenção no 2.º lugar. O Queluz (actual campeão) isolou-se no 3.º posto, depois do triunfo de sábado sobre o Barreirense, na outra banda, por 68-67. O Sangalhos, que acalenta esperanças de apuramento para a 3.ª e derradeira fase, sofreu «sábado» um forte revés, ao perder fora com o Olivais (95-86) mantendo a 5.ª posição com 40 pontos em 27 encontros. O Illium e o Ginásio Figueirense, lideram o Grupo B, com 36 pontos após o fim-de-semana, mas a Ovarense, que obteve duas vitórias na jornada dupla, ascendeu ao 3.º posto, de parceria com a Sanjoanense (duas derrotas) ambos com 34 pontos.

Eis como ficou a classificação no Grupo A: 1.º, F. C. do Porto, 25 jogos, 46 pontos; 2.º, Benfica, 26, 46; 3.º, Queluz, 25, 42; 4.º, Barreirense, 25, 41; 5.º, Sangalhos, 25, 40; 6.º, Olivais, 26, 38. Grupo B: 1.º, Illium, 25 jogos, 36 pontos; 2.º, Ginásio, 25, 36; 3.º, Sanjoanense, 25, 34; 4.º, Ovarense, 25, 34; 5.º, Belenenses, 24, 30.

Dia 28/4: França - Alemanha, às 20 horas; Itália - Suíça, 21; Portugal - Inglaterra, 22 e Espanha - Holanda, 23.

Dia 29: Alemanha - Itália, 20; Inglaterra - França, 21; Holanda - Portugal, 22 e Suíça - Espanha, 23.

Dia 30: Alemanha - Suíça, 20; França - Holanda, 21; Itália - Portugal, 22 e Suíça - Holanda, 23.

Dia 1/5: Itália - Inglaterra, 20; França - Espanha, 21; Alemanha - Portugal, 22 e Suíça - Holanda, 23.

Dia 2: Holanda - Alemanha, 20; Inglaterra - Suíça, 21; Portugal - França, 22 e Espanha - Itália, 23.

Dia 3: Espanha - Alemanha, 20; Itália - França, 21; Portugal - Suíça, 22 e Inglaterra - Holanda, 23.

Dia 4: Inglaterra - Alemanha, 14; Suíça - França, 15; Holanda - Itália, 15 e Portugal-Espanha, 17.



ROUSSADO PINTO

A família de José Augusto Roussado Pinto (ROSS PYNN), Director que foi do «JORNAL DO INCRÍVEL», manda celebrar Missa do Sétimo Dia, na próxima terça-feira, à 12, pelas 15 horas e 30 minutos, na Igreja Paroquial de Santo Condestável, a Campo de Ourique. A todos quantos, se dispuserem a assistir a este piedoso acto, a Família agradece.



ROUSSADO PINTO

A Família de José Augusto Roussado Pinto (ROSS PYNN), Director que foi do «JORNAL DO INCRÍVEL», vem por este meio agradecer a todos quantos, de uma forma ou de outra, a acompanharam nos momentos difíceis por que acaba de passar. Se mais motivos não houvesse, a simples manifestação de solidariedade, serviria para provar, com uma vitalidade inequivoca, que a Amizade não é ainda uma palavra vã, desprovida de significado e sensibilidade.



DESPORTO

Rallye de Portugal

Salonen soube passar Arganil garantindo vitória da Peugeot

Na sexta-feira à noite, em Viseu, tudo parecia indicar que o Rali de Portugal tinha acabado ali, tal era o conformismo da quase totalidade dos pilotos, a começar pelos que se encontravam nos primeiros lugares. Só que faltavam duas passagens por Arganil, onde as coisas vieram a alterar-se por completo. Rohrl, que levava 6m 22s de vantagem sobre Tomi Salonen, teve um problema com a caixa de velocidades e gastou mais 3.23 que o finlandês. Depois teve que a mudar o que lhe acarretou uma penalização de 5 minutos. Salonen passava para a frente e assim chegou ao Estoril, conquistando para a Peugeot a sexta vitória consecutiva e ascendendo à liderança do Mundial de Ralis.

Arganil foi a lei

Ninguém poderia prever, de facto, o que iria passar-se em Arganil mas, num desporto como este, tudo pode acontecer até ao último quilómetro. Só que, desta vez, eram diferentes as condições em que os concorrentes partiam para a última fase da prova, e as classificações de Viseu tinham um certo ar definitivo. Em princípio, Rohrl, que havia ganho 23 das 27 classificações, era um líder suficientemente distanciado para não temer os terríveis 56 quilómetros que tinha cada uma das passagens por Arganil, tanto mais que não lhe era necessário forçar o andamento.

Salonen contentava-se com o segundo lugar e não parecia disposto a arriscar, fosse o que fosse, para tentar diminuir a diferença que o separava de Walter Rohrl. As suas atenções iam todas para o italiano Biasion, que se queixava de problemas de motor não especificados, afirmando apenas que este debitava pouca potência. Blomqvist, um campeão do mundo irreconhecível, que só esporadicamente mostrou o seu valor, tinha mais 14.02 que o seu colega de equipa e uma montanha de problemas com o carro, cujo turbo teve que ser substituído na segunda passagem de Arganil.

O quinto era Grissmann, que beneficiaria do abandono de Joaquim Moutinho. Além de não ser piloto para inquietar ninguém estava a mais de 40 minutos de Blomqvist.

Como se vê tudo parecia arrumado entre os cinco homens da frente.

José Miguel era o melhor português, com uma vantagem de 8.53 sobre Carlos Bica, este sim, a esforçar-se para reduzir a diferença, e que viria a creditar-se com uma superior actuação, estabelecendo diversos recordes de pilotos portugueses.

Entre Santinho Mendes e Carlos Bica é que as coisas estavam menos claras. A diferença entre ambos era apenas de 1.51, que



José Miguel, o melhor português

Santinho tentava a todo o custo anular.

Rohrl deu tudo

Foi neste cenário tranquilo e morno que os concorrentes iniciaram às 5 e 30 da madrugada de sábado a quarta e última etapa.

Chega a primeira passagem por Arganil e, de repente, tudo se modifica.

Rohrl arranca e, pouco depois, dá conta de que não conseguia meter as mudanças. Salonen apercebe-se que o seu adversário estava a andar muito devagar e foi aí que, pela primeira vez, lhe terá passado pela cabeça a imagem do pódio do Estoril.

No final do troço a assistência da Audi deita mãos à obra e tenta aproveitar o pouco tempo disponível para mudar a caixa do carro de Walter Rohrl. Fazem, de facto, o impossível, mas não conseguem o milagre de evitar que o piloto alemão sofra uma penalização de cinco minutos à entrada da Candosa, que lhe arrebatou o primeiro lugar e uma vitória dada como certa.

Volta tudo ao princípio, Rohrl não baixa os braços e afirma que vai tentar recuperar na segunda passagem em Arganil.

Mas não se pode andar depressa sem riscos. A meio do troço sofre um furo e perde mais 2.47 para o finlandês que, a partir daí, ficou com uma vantagem confortável. Em condições normais já não poderia ser anulada.

Para Rohrl restava agora a luta pelo segundo lugar com Biasion, um homem solitário neste rali, mas que teve uma actuação brilhante. A duas classificações do final, Rohrl estava a 4 segundos de Biasion. De novo outros problemas mecânicos o impediram de conseguir a segunda posição. Perdeu-a em Martimchal ao realizar mais 1.50 que o vencedor. Fez uma última tentativa em Coruche mas só recuperou 40 segundos ao piloto italiano.



Salonen sob vigilância

A partir de Arganil o papel de Salonen era, mais do que nunca, jogar à defesa, arriscar o mínimo dos mínimos.

Passou então a andar sob rigorosa «vigilância». Jean Todt, o director da equipa seguia-o pela

estrada e, muitas vezes, o piloto finlandês ia enquadrado por dois rápidos Peugeot 205 GTI para o que desse e viesse. O helicóptero de assistência não o largava nem sequer nos troços de ligação. Da Lousã até Tomar, Salonen foi sempre sobrevoado.

Apesar de tudo, em Tomar, os responsáveis da Peugeot ainda não estavam tranquilos. Um certo nervosismo era patente em todos.

Jean Todt, sempre cauteloso, afirmava que ainda não estava nada ganho.

A saída de Martimchal a situação que se apresentava era já outra. Agora era necessário um grande azar para perder o rali.

O que estava em causa e justificava as apreensões dos homens da Peugeot não era a dúvida sobre a capacidade do carro e do piloto para se defender de um Rhörl já muito atrasado. A dúvida residia em relação a certos órgãos mecânicos — rótulas e triângulos de suspensão — que já haviam dado problemas e eles não tinham ficado com uma ideia concreta das causas. Não havia de facto a certeza se os problemas do carro de Vatanen e mais tarde da direcção do de Timo Salonen, residia num defeito sistemático daquelas peças ou se havia sido uma ruptura meramente accidental.

Nunca tinha acontecido nada daquilo. Mas também os carros nunca haviam sido sujeitos a um esforço como este. De qualquer



Salonen: um voo inesperado para a vitória

forma, para a volta a Córsega, o 205 Turbo 16 terá novas suspensões, menos peso e mais potência, tendo o Rali de Portugal encerrado uma fase do seu desenvolvimento desportivo.

Para o Peugeot o importante era marcar pontos no Campeonato do Mundo, já que o objectivo da marca é vencê-lo. Por isso Salonen recebera instruções para trazer o carro até ao Estoril a qualquer preço.

Nem tudo foi sorte

Não se pode ignorar que a Peugeot teve uma certa dose de sorte ao vencer este rali. Mas não teria tido também uma grande dose de azar ao perder Vatanen logo no momento em que ele começava a impôr-se?

Uma coisa há que reconhecer: à Peugeot agiu tacticamente como se impunha para cumprir objectivos definidos. A partir do momento em que passou a dispor de um único carro, mais se justificavam as precauções evi-

denciadas ao longo de toda a prova.

Os imponderáveis da competição colocaram Salonen no primeiro lugar e o piloto, que ao longo da prova também perdeu minutos com problemas que lhe surgiram, limitou-se, como lhe cumpria, a saber ganhar, fazendo a prova que lhe convinha.

Se alguma sorte houve para a marca francesa, houve também uma maior dose de «savoir faire», e um trabalho de assistência notável de uma equipa empenhada e homogênea, (onde está também um português) dirigida por um dos homens mais competentes e qualificados do desporto automóvel — Jean Todt, o velho companheiro de Jean Pierre Nicolas e de muitos outros pilotos de primeiro plano mundial.

Para o holocausto dos Audi não haverá muitas explicações. A verdade é que se mostraram mecanicamente vulneráveis. A potência ganha para os motores vai muitas vezes reflectir-se sobre outros órgãos e é muitas vezes o presente envenenado.

Nunca é de mais repetir que há em Portugal um lote de pilotos de nível internacional e que, em condições de igualdade de meios, podem competir em qualquer prova do mundial com os segundos planos europeus.

Assim ficou mais uma vez demonstrado.

Desta vez as estrelas vão para José Miguel, um estreante no rallye que conseguiu ser o melhor português, ao volante de um velho Escort RS 1800. Mas vão igualmente para Joaquim Moutinho que, a um nível superior, se aproxima já bem de muitos pilotos de fábrica.

Carlos Bica debateu-se com muitos problemas, o mais grave dos quais foi o acidente que sofreu em Sintra mas, mesmo assim foi o segundo melhor. É um piloto em nítida ascensão.

Jorge Ortigão mais uma vez fez uma excelente prova, vencendo o Grupo A com um Toyota que trouxe até ao Estoril impecável.

Santinho Mendes conseguiu também terminar. Não na posição que desejaria. Mas se não fossem os múltiplos problemas que teve, a sua prova teria sido mais compensadora.

Manuel Mello Breyner deixou escapar por escassos quatro segundos, a vitória no Agrupamento N, para o alemão Klein. Foi também uma factura de Arganil que o piloto da Guérin teve que pagar.

Curiosamente três pilotos portugueses deram pontos às marcas: José Miguel (Ford), Jorge Ortigão (Toyota) e Santinho Mendes (Nissan).

É certa que o lote de estrangeiros não era de primeira linha salvo uma ou outra excepção. Mas se fossem melhores os concorrentes nem por isso as classificações dos portugueses ficariam comprometidas. A outras referências de adversários estamos certos que eles corresponderiam com outro andamento, se necessário.

Classificação final

GERAL	GRUPO	CONDUTORES	MARCA	GRU.	CLA.	HRS	MIN.	SEG.
1	1	T. SALONEN/S. HARJANNE	PEUGEOT	B	11	8	7	25
2	2	M. BIASION/T. SIVIERO	LANCIA	B	11	a	0	47
3	3	W. ROHRL/GEISTDORFER	AUDI	B	11	"	0	58
4	4	S. BLOMQUIST/CEDEBERG	AUDI	B	11	"	0	23
5	5	GRISSMANN/PATTERMANN	AUDI	B	11	"	1	55
6	6	J. MIGUEL/L. NASCIMENTO	FORD	B	10	"	1	13
7	7	CARLOS BICA/JOÃO SENA	FORD	B	10	"	1	21
8	8	SANT. MENDES/RUI CUNHA	NISSAN	B	11	"	1	32
9	1	J. ORTIGÃO/J. BATISTA	TOYOTA	A	6	"	1	45
10	2	LEITE FARIA/A. MANUEL	FORD	A	7	"	2	51
11	3	«TCHINE»/F. FERNANDES	OPEL	A	7	"	2	22
12	4	A. F. CUNHA/C. RESENDE	OPEL	A	7	"	2	23
13	5	J. SANTOS/MIG. OLIVEIRA	FORD	A	6	"	2	38
14	6	C. LABROT/R. CABANIOLS	TOYOTA	A	6	"	2	42
15	7	PAULO LEMOS/ART. CÉSAR	VOLKSWAGEN	A	6	"	2	46
16	8	T. M. BREYNER/C. BRANCO	VOLKSWAGEN	A	6	"	2	49
17	9	G. RIZZI/GIUS. FIORUCCI	ALFA ROMEO	A	8	"	2	50
18	10	STEF VASILE/O. SCOBAL	DACIA	A	5	"	2	59
19	11	L. BALINT/C. ZARNESCU	DACIA	A	5	"	3	9
20	1	E. KLEIN/G. WITZMANN	PEUGEOT	N	2	"	3	16
21	2	M. M. BREYNER/J. LOPES	AUDI	N	4	"	3	16
22	12	A. AMARAL/JOÃO AMORIM	FORD	A	7	"	3	59
23	13	G. URDEA/CR. DOBRIN	DACIA	A	5	"	4	9
24	3	BENTO AMARAL/M. FEIO	FORD	N	2	"	4	25
25	4	M. J. VISTAS/RUI LÚCIO	CITROËN	N	2	"	4	42
26	5	ALV. SABENÇA/S. PAIVA	FIAT	N	1	"	4	49
27	6	E. SARAIVA/COSTA SILVA	FIAT	N	1	"	6	11
28	14	C. WRZECIAN/A. WRZECIAN	VOLKSWAGEN	A	6	"	7	35

Auto-Rádios e Anti-Roubo Philips

Cetra

CENTRO TÉCNICO DE REPARAÇÃO AUTOMÓVEL, S.A.R.L.

CONCESSIONÁRIO PHILIPS PARA INSTALAÇÃO DE AUTO-RÁDIOS

R. Cidade de Bolama, 1-B - R. Cidade de Bissau-Olivais, Sal - 1800 LISBOA

Telefs. 33 10 22 - 31 72 73 - 33 10 01

«CASA FUNDADA EM 1974»

COBERTURAS IMPERMEÁVEIS PARA AUTOMÓVEIS COZIDAS E VULCANIZADAS POR MEDIDA

JOAQUIM EZEQUIEL

Telefone 208 06 13

2925 VILA NOGUEIRA DE AZEITÃO

A nossa equipa de reportagem VIAJA COM

Mobil®

SOMOS PATROCINADOS POR

TOITORES **TOYOTA**

«Flexões e Reflexões» na Gulbenkian

Através do seu Serviço de Animação, Criação Artística e Educação pela Arte, vai a Fundação Gulbenkian promover de 16 a 24 do corrente, na sala polivalente do Centro de Arte Moderna, o espectáculo «Flexões» e «Reflexões».

Trata-se de um espectáculo de concepção colectiva, em que se procuram conjugar as diferentes formas de expressão artística: dança, teatro, música e artes plásticas, embora sem pretender que nenhuma delas seja dominante sobre as outras, esperando-se oferecer uma unidade de som, cor e movimento, em que a base sonora não é

apenas composta por instrumentos musicais, mas também pela palavra e em que a «dança» não é apenas a dos bailarinos, mas também a dos actores e do próprio cenário.

O ponto de partida para este espectáculo é constituído por um texto de poesia experimental que tem como esqueleto as flexões gramaticais de quatro verbos: DIZER — onde se joga apenas com o valor fonético das palavras; CONFERIR — onde é desenvolvida a riqueza rítmica e sonora da frase; POR — onde a frase adquire o seu sentido semântico; PARTIR — onde as pa-

lavras, para além do mais, tomam todo o seu sentido ao transmitir ideias.

Parte-se, deste modo, do mais simples (a palavra, o gesto isolado, a nota musical), para se chegar, no final, ao mais complexo (na profusão do texto, movimento e sonoridade utilizadas).

Trata-se, todavia, de um trabalho de características predominantemente abstractas, onde a dança e a música contemporânea estão sempre presentes, acompanhando e/ou sublinhando o evoluir do respectivo texto.

Para apresentar «Flexões» e «Reflexões», teremos sete bai-

larinos, piano e contrabaixo ao vivo e dois actores que interpretarão o respectivo texto.

A ficha artística é assim constituída: texto de José Alberto Marques; coreografia de Ana Macara e Helena Coelho; música de Paulo Brandão; envolvimento visual de António Castilho, António Folgado e Pedro Monteiro; interpretação do texto — Alexandre Sousa e Fernanda Lapa; dança — Ana Macara, Elisabete Monteiro, Fátima Piedade, Gilberto Coelho, Margarida Robert, Paulo Barreto e Sónia Abrantes; música de Paulo Brandão e Rui Trindade. A direcção de cena é de Helena Coelho.



«Flexões e Reflexões»: foto de ensaio

Brevemente no Teatro da Graça

«Todos os Cómicos acabam com uma Canção»

É o 13.º espectáculo do Grupo Teatro Hoje, que perfaz dez anos de actividade no corrente ano, e será estreado muito em breve no Teatro da Graça, sede do Grupo.

Na senda da revelação de Novíssimos do teatro inglês, iniciada em 1980 com «SLAG» de David Hare, recentemente premiado no Festival de Cinema de Berlim com o Urso de Ouro, e prosseguida depois com duas peças de Joe Orton, «O Rufia na Escada» e «Comédia de Horrores», o Grupo apresenta agora uma peça de Catherine Hayes, uma escritora que começou a escrever para teatro há apenas dez anos, tempo suficiente para algumas das suas peças serem representadas um pouco por todo o mundo.

«Todos os cómicos acabam com uma canção», que está actualmente em cena em New York, é um olhar amargo mas fascinado sobre o papel do actor enquanto «entertainer» numa sociedade de consumo, no destino inevitável a que conduz o envelhecimento da mulher-actriz, apenas olhada como um objecto erótico e divertido. A peça, escrita por uma mulher, é particularmente incisiva no descarnar da figura tradicional da «vedeta de cabaré» e no estudo que faz sobre a solidão e a morte. Remetendo para algumas memórias ou referentes cinematográficos como «Sunset Boulevard» de Billy Wilder ou «Vero-



Teresa Madruga é Ana Paula

nika Voss» de Fassbinder, o espectáculo põe em confronto três personagens interpretadas por Anna Paula, Carlos Fernando

(que é também o encenador do espectáculo) e Teresa Madruga; A cenografia é de José Manuel

Castanheira. De referir que, tanto Teresa Madruga como José Manuel Castanheira acabam de ser distinguidos pela crítica como, respectivamente, «A Melhor Interprete Feminina» de 1984 (exa-equeo com Manuela

de Freitas) e o «Melhor Cenógrafo». A tradução é de Amândio Silva Carvalho, a música, composta especialmente para o espectáculo é dos «Moeda-Noise», a montagem de Fernando Correia e a sonorização de Hemenegildo Gomes.



A MELHOR ASSISTENCIA
AO SEU TELEVISOR E VIDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIENCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 — 89 98 26
Av. S. João de Deus, 13 B • R. de Macau, 8-1 • LISBOA

Hoje



A RTP-1 apresenta esta noite mais «Uma História de Amor», realizada por Robert Knights

Das 13.35 às 17.30 Ciclo Preparatório TV

- 18.17 Notícias
- 18.22 Tempo dos Mais Novos
- 19.00 Teleregiões
- 19.25 Computadores
- 20.00 Telejornal
- 20.27 Boletim Meteorológico
- 20.35 «Chuva na Areia» — 46.º episódio.
- 21.10 Aplauso — Sandy Gallin: live... and in person.
- 22.15 «Uma História de Amor» — intérpretes: June Ritchie, Benjamin Whitrow e Evelyn Laye. Realização: Robert Knights.
- 23.10 Último Jornal



Exibe-se na RTP-2 o último episódio da série «Guilherme de Orange»

- 19.32 Desenhos Animados
- 20.15 RTP Madeira
- 20.40 «Guilherme de Orange» — último episódio (1580-1584). Intérpretes: Jeroen Krabbé, Machteld Ramoudt, Willem Nijholt e Jules Croiset. Realização: Walter Van Der Kamp.
- 21.30 «A Sucessora» — 46.º episódio.
- 22.15 Jornal da Noite

Amanhã



13.35: Ciclo Preparatório TV; 18.17: Notícias; 18.20: Tempo dos Mais Novos; 19.00: Teleregiões; 19.20: Era uma Vez um Músico — Schumann; 19.55: Boletim Meteorológico para a Agricultura; 20.00: Telejornal; 20.27: Boletim Meteorológico; 20.30: «Chuva na Areia»; 21.05: Actual; 22.00: «Der Goldene Tanzstuhle»; 23.00: Último Jornal.

19.32: Desenhos Animados; 19.55: Conheça Melhor; 20.20: Encontro com Maria João Pires; 21.25: «A Sucessora»; 22.00: Jornal da Noite.

GRUNDIG

a segurança de um grande nome
seleccionou para si...



«Uma História de Amor»
(22.15)



«Guilherme de Orange»
(20.40)

CHUVA NA AREIA

Augusta, Amélia e Joaquina comentam a atitude de Amélia na esplanada, contentes com o resultado.

Guida chega, entretanto, e cheia de apetite toma o seu pequeno almoço e intervém na conversa.

Este mesmo episódio é comentado pela família Fontes. Chegam, então, o padre Correia e Mimoso que pedem para ser recebidos por António. Vem pedir-lhe ajuda para o filho do Mimoso que se encontra preso pela PIDE.

António, mais tarde, conta a Tão esta situação mas o amigo aconselha-o a não intervir pois pode prejudicá-lo. Contudo, António, diz-lhe que deve esse favor a Mimoso pois considera-o um amigo.

Assistência Técnica Grundig NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871



«Ler História»

A revista «LER HISTÓRIA», tem a sua Redacção no «Centro de Estudos de História Contemporânea Portuguesa», do ISCTE, e é dirigida pela Professora Miriam Halpern Pereira. Tem uma periodicidade quadrimestral. O presente fascículo (N.º 4) tem o seguinte sumário: «A Cidade de Leiria na História Medieval de Portugal» por José Mattoso; «A Aula do Comércio: Uma Escola Burguesa em Lisboa» por Francisco Santana; «Lavradores, Frades e Forais. Revolução Liberal e Regime Senhorial na Comarca de Alcobaça (1820-1824)» por Nuno Gonçalo Monteiro; «Estado, Nação, Pátria, em Espanha e na França, 1870-1914» por Pierre Vilar; «A Propósito de «A Individualidade dos Ingleses» por José Mattoso; «Geografia e Historiografia: A Europa dos Países esquecidos» por Miriam Halpern Pereira; «Clio na hora do Sex Appeal» por Ana Maria Pina e Carlos Coelho Mauricio. Recensões assinadas por Amélia Aguiar Andrade, Frédéric Mauro, António Ravara, Ana Maria Pina, Magda Pinheiro, Luís Filipe Barreto.

A revista publica, igualmente, uma entrevista a Eric. J. Hobsbawm feita por A. Costa Pinto e José Manuel Sobral.

«LER HISTÓRIA» é publicada por «A Regra do Jogo, Edições», Lisboa.

Folhetim artístico

Continuação da pág. 3

eles vão continuar, até à certeza da exposição; e, entretanto, um volume saído das discussões virá a lume nos Estados Unidos. A reunião de tanta gente responsável em vários sectores marca, porém, sem dúvida, a necessidade, por assim necessariamente dizer, humanista, de pensar nos problemas postos. Ou seja no sentido do nosso futuro — entre artes, ciências e técnicas.

Exposições

- No Atelier 15, em Campo de Ourique, encontra-se patente ao público uma exposição de aquarelas de **Marcos Galli Fiorillo**.
- Uma exposição bibliográfica subordinada ao tema **A Cidade do Rio de Janeiro** encontra-se patente no Palácio Galveias, ao Campo Pequeno.
- Na Galeria de São Bento pode ser vista uma exposição de pintura de **Mário Rita** cujo título é «Naturezas».
- Uma exposição de pintura de **Raul Taveira e Maria Isménia** continua patente no Palácio dos Coruchéus.
- Na galeria Arcano XXI, no Príncipe Real, pode ser vista uma exposição de **Valente Alves**.
- Uma exposição de pintura de **Álvaro Lapa** pode ser vista na Galeria EMI/Valentim de Carvalho, no Palácio das Alcáçovas.
- «Mulher» é o tema da exposição colectiva patente na galeria de São Francisco, na Rua Ivens e que integra obras de **António Carmo, Boavida Amaro, Bual, Faria, Figueiredo Sobral, Francisco Relógio, Gil Teixeira Lopes, Helena San Payo**, entre outros.
- Uma exposição de cerâmica figurativa de **Arlindo Rodrigues** pode ser vista na Ra de Entrecampos, 66.
- Na Alliance Française em Lisboa encontra-se patente uma exposição de homenagem a **Diderot**, por ocasião do bicentário da morte do filósofo e crítico de arte.
- Continua patente ao público, na Sociedade Nacional



A soprano Katia Ricciarelli que esta tarde está no Grande Auditório da Gulbenkian

de Belas-Artes, a exposição **Féminie 85** realizada sob os auspícios da UNESCO e que inclui representação de diversas artistas portuguesas, para além de mais 55 artistas de diversas nacionalidades.

● Na galeria da Altamira edifício Pão de Açúcar, foi inaugurada uma exposição de pintura de **Maria José Ferreira**.

roteiro cultural

● **Vida e Obra de Maria Lamas** é o tema da exposição documental patente no edifício municipal da Amadora.

● Na galeria do «Jornal de Notícias», no Porto, encontra-se patente ao público uma exposição de pintura, desenho e aquarela de **Amadeo de Souza-Cardoso**.

● «O Gesto e o Espaço» é o tema de uma exposição de

pintura de **José Belém** que pode ser vista no Palácio D. Manuel, em Évora.

● Também em Évora, no Teatro Garcia de Resende, continua patente uma exposição de pintura de **Lourdes Robalo**.

● Na Galeria do Posto de Turismo de Coimbra pode ser vista uma exposição de pintura de **Lúcia Maia**.

● Uma exposição de pintura de **José Daniel Abrunheiro** encontra-se patente ao público na galeria Capitel em Leiria.

Poesia

● **Maria do Céu Guerra** está esta noite no Teatro Gil Vicente, em Coimbra, para um recital de poesia e teatro organizado pelo MDM.

Livros

● Na Galeria de S. Mamede, na Rua da Escola Politécnica, é esta noite lançado o livro de fotografias do Alentejo de **Ana Esquivel**, «Escrito na Cal». A apresentação está a cargo de David Mourão-Ferreira.

Cinema

● Na Cinemateca prossegue a homenagem ao técnico de som Antoine Bonfanti com a exibição de «Sweet Movie» de **Dusan Makavejev** e «La Religieuse» de **Jacques Rivette**, às 18 e 30 e 21 e 30 respectivamente.

Música

● No Grande Auditório da Gulbenkian realiza-se, às 18 e 30, um concerto com **Katia Ricciarelli** e o «Ensemble Archi della Scala» que interpretará obras de Albion, Puccini e Vivaldi.

MINISTÉRIO DA SAÚDE

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO
SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

ANÚNCIO

Concurso Público n.º 3-0810

Fornecimento de «Pensos para Queimados»

Recebem-se propostas até às 15 horas do dia 28 de Março próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 e das 14 às 16 horas, as respectivas condições.

Lisboa, 1 de Março de 1985

O CHEFE DO SERVIÇO
a) Ilídio Luís de Sousa

rádio

Antena Um

16.00: Musicomania; 17.50: Informação regional; 18.05: A gaita dos sete toques; 19.00: Informação e música; 20.00: Musical; 20.20: No estúdio e no estúdio; 20.35: Música portuguesa; 21.00: Cozinha económica; 21.30: Notícias de luar; 23.30: Último Jornal. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

16.00: Música do século XX; 16.30: Sonatas, em Clavibórdio, de Carlos Seixas; 16.45: Trechos de óperas; 17.00: Ciclo Beethoven; 17.30: Música de todos os quadrantes; 18.00: Uma poesia; 18.05: Música vocal; 18.40: Música de toca; 19.00: Música; de Johannes Brahms; 19.30: Terra viva, planeta azul; 20.00: Música de câmara; 20.40: Antologia dos músicos portugueses; 21.30: Os anos 80; 22.25: O canto e os seus intérpretes; 23.20: Intercâmbio musical; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RADIO COMERCIAL
ONDA Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Cabo da Boa Esperança; 20.00: Conta corrente; 21.00: Quando o telefone toca; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora; 01.00: O passageiro da noite; 02.00: No calor da noite. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 17.00: Ondas lusitanas; 18.00: Circulo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazzofone; 22.00: Café concerto; 24.00: Pé-de-vento; 02.00: No calor da noite. Notícias de hora a hora.

RADIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Meia-tarde; 16.00: Rua capelo; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do tempo; 19.30: Memorando; 20.00: Programa da LARR; 20.30: Universidade na Rádio; 21.00: Horizonte; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Diário do desporto; 23.00: Clube dos colecionadores; 24.00: Sessão da meia-noite; 02.00: Estação de serviço.

FM-Estéreo

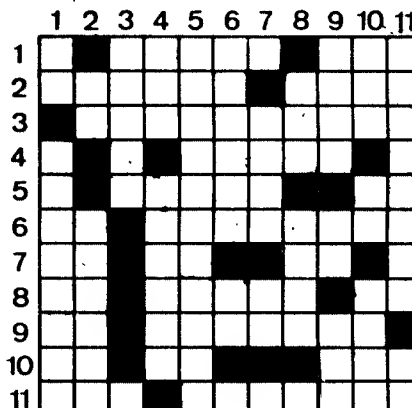
15.00: Estaminé do ritmo; 16.00: A cor do som; 18.00: Entre-Campos; 19.30: Transmissão do tempo; 20.00: Serra de estrelas; 21.00: Porto belo; 22.00: Oceano Pacífico; 24.00: Último metro; 02.00: Estação de serviço. Notícias a todas as horas.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 14 375

HORIZONTAIS:

- Artigo definido. A morte. Jibóia.
- Desejarão. Portanto.
- Mudanças o nome de.
- Receias.
- Da Suécia. Anno Domini no ano do Senhor (abrev).
- Reis. Transforma em jardim.
- Satélite de Júpiter. Deus dos pastores. Grande ribeira da Ásia Russa.
- Depois de Cristo. Nome de mulher. Aqui.
- Autores Grupo indígena que habitava o Maranhão e o Piauí.
- Afirmaria. Sufixo que designa abundância.
- Escola Superior de Guerra (abrev). Expor à vista.



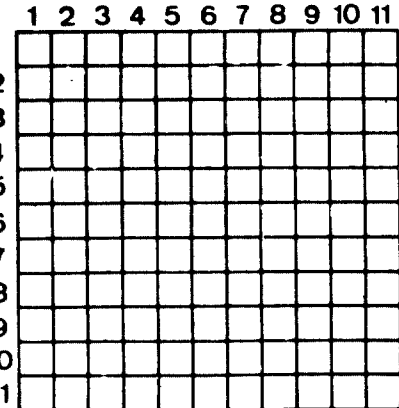
- VERTICAIS:
- Em partes iguais. Amor ao próximo.
 - Mil e cem em romano. Esmurrais.
 - Cidade de França. Grego (abrev. e inv).
 - Notável poeta português já falecido. Grande cervo da América do Norte e da Ásia.
 - Seguiram o rasto de.
 - Princípio. Preposição.
 - Paixão. Note bem (abrev).
 - O vencimento diário de um soldado. Fz doação de.
 - Mamíferos ruminantes empregados nos serviços da lavoura e na alimentação do homem (pl). Prefixo de negação. Grande quantidade.
 - Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Prefixo de privação. Vivenda.
 - Limpa o linho passando-o pelos sederos Brisa.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 216

HORIZONTAIS:

- Ovelha idosa (Prov. minh). Penneira em furos (Bras).
- Temeremos.
- Rente. Ave pernaltia. Olé.
- Outro nome da perguica (animal). Devoraram.
- Duna na Suécia. Espaço de doze meses (inv). Cabana, palhoça de índios.
- Carta de jogar. Interesses.
- Ofensa grave. Livro de poesias de António Nobre.
- Anual. Peneirar.
- Fúria. Boro (s.g). Rio de Itália.
- Letra grega. Aliforme. Mitologia.
- Agarrar. Jacaré de focinho largo, das Américas Central e do Sul.



- VERTICAIS:
- Moço de estrebaria na ex-Índia Portuguesa. Cada um dos soldados cristãos que, depois da conquista da Espanha pelos árabes, viveram em Marrocos, ao serviço de príncipes muçulmanos.
 - Impia. História.
 - Rente. Cidade do Japão.
 - Nesse lugar. Defender.
 - Osso do braço. O mais.
 - Tamanco de mulher, baixo e de entrada larga. Antes de Cristo.
 - Região do NE da Espanha, que compreende as províncias de Huesca, Saragoça e Teruel. Enxada.
 - O mesmo que urso (ant).
 - Carinhosos. Milímetro.
 - Dança nacional dos Polacos, o mesmo que polonesa. Estrada magnífica que ia de Roma a Brindes.
 - Guarnecemos de asas. Matra-pilho.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 374

HORIZONTAIS:

- NO. RISO. É. O.
- Amoira. Cu.
- Ti. Soverão.
- Ota. NS.
- Srn. Macha.
- Regar. El.
- Maroto. Co.
- Os. In. III.
- Imitaria. Do.
- Caro. Avós.
- Ovos. Lra.

VERTICAIS:

- Natos. DOIDO.
- Omitir. SM.
- Ámen. Igo.
- Ris. Gaitas.
- Itro. Sarnar.
- Savo. Ro. Rol.
- Ora. Tui.
- Arasso. Aar.
- Vã.
- CONHECIDO.
- Ou. Salciois.

Provérbio: No riso, é o doido conhecido.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 215

HORIZONTAIS:

- Matadouro.
- Averiguas.
- Amor. Sama.
- Asilaras. Ras.
- Só. Aseas.
- Ca. Como.
- Aço. Áatá. Op.
- Arantes. Ti.
- Carotos. Ion.
- Use. Artur.
- Sós. Amuas.

VERTICAIS:

- Matassa. Cui.
- Viso. Caás.
- Temi. Cortes.
- Arolas. Ae.
- Dirás. Antas.
- Og. Redactor.
- Uu. As. Testa.
- Ras. Cás. Um.
- Orário. Inú.
- Asa. Moto.
- Asas. Opinas.

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	72\$35	78\$35	
ALEMANHA FED (marco)	53\$80	54\$90	
ÁUSTRIA (xelim)	7\$80	7\$80	
BÉLGICA (franco)	2\$520	2\$720	
BRASIL (cruzeiro)	\$030	\$060	
CANADA (dólar — notas de 1 a 2)	131\$55	133\$55	
(notas de 5 a 1000)	132\$05	134\$05	
DINAMARCA (coroa)	15\$05	15\$45	
ESPAÑA (peseta)	\$925	\$045	
EUR (dólar — notas de 1 a 2)	184\$15	186\$15	
(notas de 5 a 1000)	184\$65	186\$65	
FINLÂNDIA (marka)	26\$05	26\$65	
FRANÇA (franco)	17\$60	18\$30	
HOLANDA (florim)	47\$55	48\$55	
IRLÂNDIA (libra)	168\$35	172\$35	
ITALIA (lira)	\$078	\$088	
JAPÃO (iena)	\$678	\$713	
NORUEGA (coroa)	18\$85	19\$35	
REINO UNIDO (libra)	196\$00	200\$00	
SUECIA (coroa)	19\$00	19\$60	
SUIÇA (franco)	63\$15	64\$25	
VENEZUELA (bolivar)	11\$75	12\$75	

Observações:

- 1 - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.



cartaz de cinemas e teatros

ÁVILA 539930

Av. Duque de Ávila, 92A

Às 14.45, 18, 19.10, 21.45 e 23.45
- N. ac. men. 18 a.
NOTES ESCALDANTES
6.ª Semana
Preço 125\$00

AVIS 547153

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 18 a.
COELHINHOS NA CAMA

BABILÓNIA

Av. Elias Garcia, 362-D

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
O MOMENTO DA VERDADE

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
THE KILLING FIELDS, TERRA SANGRENTA

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
A CORRIDA MAIS LOUCA DO MUNDO

CASTIL 530194

R. Castilho

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
O BAR DA ÚLTIMA ESPERANÇA

CINE BLOCO 55682

R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
OFICIAL E CAVALHEIRO
Às 24 - Int. men. 13 a.
ROCKY II

CINE CAMÕES 324194

R. do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- M. 12 a.
OS INVENCÍVEIS DO ORIENTE

CINE 222 579460

Av. P. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 12 a.
ESTRADA DE FOGO

CINESTÚDIO LIDO 937593

P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.30 - M. 12 a.
A JANELA INDISCRETA

CINE-PLAZA 930119

Av. Santos Matos, 2 - Amadora

Às 15.30 e 21.30 - M. 12 a.
OS TAXISTAS DO RITMO

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Estreia às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
1984

2000 2100055

Av. B. Voluntários, 113/4

Às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30
- M. 6 a.
O PRISIONEIRO DO UNIVERSO PERDIDO

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
BEVERLY HILLS COP, O CAÇA-POLÍCIAS

ESTUDIO 555134

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 6 a.
OS CAÇAFANTASMAS

ESTUDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15, 17, 19, 21.30
- M. 12 a.
METROPOLIS

HOLLYWOOD 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14.15, 16, 17.45, 19.30, 21.30 e 24
- M. 12 a.
BROADWAY

SALA 2

Às 15, 18, 21 e 23.45
- M. 12 a.
PARIS TEXAS

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
AMÉRICA 1998

LIDO 937593

P. D. João I, Amadora

Às 21.30 - M. 16 a.
OS SALTEADORES DE ATLANTIS

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- M. 16 a.
O COMBOIO NAZI DO PRAZER

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
AMOR EM PERIGO
3ª Semana

ODEON 326283

R. dos Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
AS SERPENTES MALDITAS DO KUNG-FU

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
O ÚLTIMO FÓLEG



"METROPOLIS"

Nova versão colorida e musical do filme de
FRITZ LANG por **GIORGIO MORODER**.
Em exibição no **ESTÚDIO 444**

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 18 a.
NOTES DE NEW YORK
Preço único 125\$00

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 15, 17, 19 e 21.30
- M. 16 a.
AOS NOSSOS AMORES
Às 23.30 - M. 18 a.
OS SELVAGENS DA NOITE

SALA 2
Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
- M. 17 a.
A CORDA

SALA 3
Às 14, 16.30, 19 e 21.15
- M. 16 a.
NOSTALGIA
Às 23.30 - M. 18 a.
O IMPÉRIO DA PAIXÃO

SALA 4
Às 15, 17, 19 e 21.30
- M. 12 a.
ULTRA-SECRETO
Às 23.30 - M. 18 a.
O NEVOEIRO

QUINTETO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a.
TOP SECRET, ULTRA-SECRETO
Às 24 - N. ac. men. 13 a.
ROCK É ROCK MESMO

ROMA 727778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
THE KILLING FIELDS, TERRA SANGRENTA

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 18 a.
NOVA IORQUE, 2 HORAS DA MANHÃ

SÃO JORGE 579144/579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1
Estreia às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
PASSAGEM PARA A ÍNDIA

SALA 2
Às 14, 16.30, 19 e 21.45
- M. 16 a.
EUREKA

SALA 3
Às 14.30, 16.45, 18.45 e 21.15
- M. 6 a.
OS CAÇA-FANTASMAS

7.ª ARTE 730715

Av. República à E. Entre Campos, junto ao n.º 63

Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
- M. 12 a.
VIDAS EM JOGO

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
GENTE GIRA

TURIM 706666

E. de Benfca, 723-A

Às 15, 17.30 e 21.45
- M. 12 a.
A ESTRADA DE FOGO

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, lote 8/9

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
O HOMEM DOS DOIS CÉREBROS

XENON 368480

Av. da Liberdade, 11

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 18 a.
NOVA IORQUE, 2 DA MANHÃ

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - "Passagem para a Índia", às 21.30 (12 anos)
ALFA-2 - "Revolta no Pacífico", às 21.30 (6 anos)
ALFA-3 - "O Caça-Polícias", às 21.45 (12 anos)
ALFA-CLUBE - "A Corrida Mais Louca do Mundo", às 21.15 (6 anos)
TERMINAL - "História do Soldado", às 21.30 (12 anos)
ZODIACO - "Zelig", às 21.30 (18 anos)
FONTE NOVA - Sala 1 - "O Último Fôlego", às 21.15 (16 anos)
FONTE NOVA - Sala 2 - "O Mistério de Gorky Park", às 21.00 (12 anos)
FONTE NOVA - Sala 3 - "Em Busca da Esmeralda Perdida", às 21.30 (6 anos)
MUNDIAL - "O Caça-Polícias", às 21.30 (12 anos)
APOLLO 70 - "Passagem para a Índia", às 21.30 (12 anos)
CAPITÓLIO - "Taboo, o Incesto", às 21.00 e 23.00 (18 anos)
OLIMPIA - "Garota Apetecida", sessões permanentes (18 anos)
RESELO - "Prisioneiros do Universo Perdido", às 21.30 (6 anos)
ESTÚDIO ACS - "O Dia Seguinte", às 21.30 (16 anos)
CITY-CINE - "América 1998", às 21.30 (13 anos)
LONDRES - "Amadeus", às 21.30 (12 anos)
TIVOLI - "Terra Sangrenta", às 21.30 (16 anos)
PROMOTORA - "Bionic Boy", às 21.30 (12 anos)

Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS - Chaplin - "Indiana Jones", às 21.15 (12 anos)
ESTORIL - Casino - "Revolta no Pacífico", às 21.15 (12 anos)
CASCAIS - Impala - "Armadiilha Mortal", às 21.30 (13 anos)
CASCAIS - Oxford - "Os Tarados do Rio Louco", às 21.30 (12 anos)

Outra Banda

ALMADA - Invernal - "Duas Mulheres, o Mesmo Destino", às 21.15 (18 anos)

ALMADA - Academia - "Impacte Súbito", às 21.15 (12 anos)

ALMADA - Cine-estúdio - "A Estrada de Fogo", às 21.15 (12 anos)
COSTA DE CAPARICA - Oceano - Sala 1 - "Meu Ano Favorito", às 21.30 (6 anos)
COSTA DE CAPARICA - Oceano - Sala 2 - "Encontros Imediatos do 3.º Grau", às 21.45 (13 anos)

Linha de Sintra

CACÉM - Cine-estúdio Flores - "Debaixo do Fogo", às 21.30 (16 anos)

Porto

COLISEU - "Terra Sangrenta", às 21.30 (16 anos)
BEBÉ - "O Agente da Broadway, Danny Rose", às 21.45 (12 anos)
ÁGUA - "O Meu Guarda-Costas", às 21.45 (12 anos)
FOCO - "Passagem para a Índia", às 21.30 (12 anos)
PASSOS MANUEL - "Passagem para a Índia", às 21.30 (12 anos)
OLIMPIA - "A Raivada do Herói", às 21.30 (16 anos)
BATALHA - "O Marginal", às 21.45 (16 anos)
RYOLI - "O Que Se Passa Superdoutor?", às 21.30 (12 anos)
CHARLOT - "Morrer ou Amar", às 21.30 (16 anos)
NUNO ALVARES - "Apocalypse Now", às 21.30 (12 anos)
TERÇO - "O Último Comboio de Katalanga", às 21.30 (12 anos)
VALE FORMOSO - "Os Marginais", às 21.30 (12 anos)
SÃO JOÃO - "O Caça-Polícias", às 21.30 (12 anos)
TRINDADE - "A Mulher Pública", às 21.45 (16 anos)
PEDRO CEM - "Gente Gira", às 21.30 (12 anos)
LUMIÈRE - Sala A - "Os Amigos de Alex", às 21.30 (16 anos)
LUMIÈRE - Sala L - "A Luz da Paixão", às 21.45 (18 anos)
JÚLIO DINIS - "Ouro", às 21.30 (13 anos)
CHAPLIN - "Emmeraldas Sangrentas", às 21.30 (16 anos)

Lisboa PERMANENTE

ALFAMA - ESCOLAS GERAIS: Anunciada, R. do Vigário, 72-74 (T. 866360); ALTO DE SÃO JOÃO: Nova Luz, R. D. Domingos Jardo, 28-A (T. 843439); ALVALADE: Alentejo, Av. da Igreja, 28-B (T. 892682); AVENIDA DA REPÚBLICA: Cardote, Av. Visconde de Valmor, 28-A-B-C (T. 772291); BAIXA-COLISEU: Centro Farmacêutico, R. Portas de Santo Antão, 88 (T. 321211); BELÉM - ALINHADO: Gomes Sucursal, R. da Junqueira, 326-328 (T. 638193); BENEFICÊNCIA - SETE RIOS: Laranjeiras, R. Filipe da Mata, 160-162 (T. 721035); CEMITÉRIO DOS INGLESES: Urbano Freitas, R. Silva Carvalho, 1-5 (T. 662838); CHILE - ANJOS: Pereira Pinto, Av. Almirante Reis, 121-B (T. 545751); LUMIAR: São Tomé, E. do Desvio, lote 12-C (T. 790704); OLIVAIS SUL: Marta, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696); PICHELEIRA: Markiz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); BRANDÃO - AMADORA: Brito, R. do Colégio, lote 32-B; ODIVELAS - PATAMEIRAS: Amaral, R. Antero de Quental, 8-8-A (T. 982545); PONTINHA: Leitão Ribeiro, R. A. do Falcão, 3-A (T. 993912).

REFORÇO

ALCANTARA: Vieira Rosa, R. Prior do Crato, 72 (T. 660187); AREÍRO: Vera Cruz, P. Afrânio Peixoto, 2-B (T. 884941); BENFICA - ESTACÃO URUGUAI: Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-B (T. 704828); CAIS DO

teatros

Lisboa

A BARRACA - "Dois Tempos, um País", às 21.30

farmácias

Linha de Cascais

ALGÉS: Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29 (T. 2104953); **LINDA A VELHA**: Pinto, Rua Antero Quental, 9 (T. 4190610). Até às 19 horas; **TIRES**: Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHÉ**: Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO**: Ferreira Bastos, R. D. Firmo Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA**: Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PACO DE ARCOS**: Godinho, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Permanente; **OEIRAS**: Central, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Até às 19 horas; **CARCAVELOS**: Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA**: Godinho da Silva, Av. de Sabóia, 29 (T. 260085). Até às 22 horas; **PARADE**: Mendes Junqueira, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **SASSOIEROS**: Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE**: Iman, MADORNA: Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA**: Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL**: Marques dos Santos, R. Ferreira J. A., 15 (T. 260116). Até às 22 horas; **CASCAIS**: Marginal, Av. Marginal (T. 280078). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: São Jorge, R. Pedro del Negro, 5, Rebola (T. 938703). Permanente; **Romeiro**: Urbanização Casal de São Brás, lote 116. Até às 22 horas; **DAMIA**: D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Até às 22 ho-

ras; **QUELUZ**: Gil, Av. Miguel Bom-barda, 28 (T. 950117). Até às 22 horas; **CAMARATE**: Flores, Catujal, Até às 19 horas; **CACÉM**: Central, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Permanente; **ALGUEIRÃO**: Vitor Manuel, E. de Algueirão, 123. Permanente; **MERCES**: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO**: Riomouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **SINTRA**: Misericórdia, Vila (T. 9231070). Permanente; **COLARES**: Abreja (T. 9290088).

Porto

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

ESTÁCIO: R. Sá da Bandeira, 120; **ALVES MOREIRA**: Av. Rodrigues de Freitas, 167; **DA GIESA**: R. D. Afonso Henriques, 206; **AREOSA**: AZEVEDO, R. de Azevedo, 136; **PIRINEIRO MANSO**, R. de São João de Brito, 25-29

DE DIA E TODA A NOITE

FOZ: R. Senhora da Luz, 380, Foz; **PE-NINSULAR**: R. Chã, 100; **CAMPO**: P. da República, 118; **CONSTITUIÇÃO**: R. da Constituição, 93; **MARQUES DE MENDONÇA**: R. do Ameal, 251.

COIMBRA

FIGUEIREDO: R. da Sofia, 107-109 (T. 22837); **LOPES RODRIGUES**: R. Fernandes Tomás, 4, ao Arco de Almeida (T. 22634); **MONTES CLAROS**: R. Dr. António José de Almeida, 69 (T. 25904); **LUSITANA**: São Silvestre (T. 27420).

OUTRAS

MOSCAVIDE: Império, R. 1.º de Maio, 48-A (T. 2513234). Até às 22 horas; **SACAVÉM**: Cortes, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A; **LOURES**: Saralva, Av. da República, 86 (T. 2530027). Até às 22 horas.



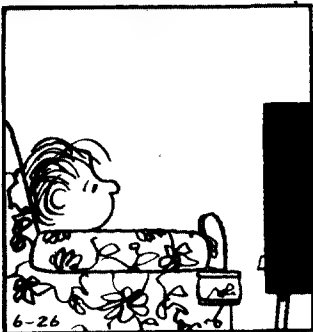
Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.

Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de notas (depois das 17h)
Porteiro: 321154 - Redacção: 320271/2/3
Preço do «DL» na Madeira: 40000

Depósito Legal n.º 1426/82

Endereço Telegráfico DBOA
Télex 12363 LISBOA PORTUGAL

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR
6.00 4,2 m 11.47 1,0 m
18.24 4,0 m
Dia 12
6.47 3,9 m 0.60 1,1 m
19.14 3,7 m 12.35 1,3 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

VIANA DO CASTELO	8°
BRAGANÇA	0°
VILA REAL	4°
PORTO	10°
COIMBRA	11°
CABO CARVOEIRO	12°
PORTALEGRE	10°
LISBOA	11°
ÉVORA	11°
BEJA	8°
FARO	11°
SAGRES	11°
PONTA DELGADA	12°
FUNCHAL	16°

Pertence à extinta CTM

Navio «Malange» arrestado na África do Sul

O navio «Malange» encontra-se há quase duas semanas sob arresto no porto sul-africano de Port Elizabeth, sem que a tripulação disponha de informações de Lisboa sobre o modo como vai ser ultrapassada esta situação.

O «Malange» pertence à extinta CTM-Companhia de Transportes Marítimos e foi arrestado à ordem de um tribunal da África do Sul por solicitação da Inter Maritime Management, empresa suíça que já desencadeara o arresto de outros dois navios da CTM em portos africanos.

Como fundamento, a empresa suíça reivindicava uma indemnização de 8,769 milhões de dólares, acrescida de juros de 20 por cento, desde 18 de Junho de 84.

Pertencentes à frota da extinta CTM, encontram-se, também apresados em portos do continente africano mais dois navios: o «Hermenegildo Capelo» em Durban (África do Sul) e o «Leiria»

em Freetown (Serra Leoa).

Contactado pela NP, o comandante Costa Gomes, responsável do «Malange», afirmou que a tripulação, não faz ideia de quando o problema ficará resolvido.

«O Governo de Lisboa, tanto quanto eu sei — acrescentou o comandante — ainda não entrou em contacto com qualquer dos comandos dos navios arrestados e a companhia, junto da qual procuro diariamente obter informações, também pouco tem informado, talvez porque não esteja em condições de as poder dar, uma vez que a decisão tem que ser tomada a nível governamental.»

A vida a bordo, conforme referiu o comandante do Malange, decorre normalmente, entregando-se a tripulação à execução dos serviços de rotina e de conservação do navio.

Apesar de extinta, a Companhia continua, no dizer do comandante Gomes, «a trabalhar com

as suas infra-estruturas materiais e humanas.»

Uma longa série

O Governo já gastou este ano mais de 140 mil contos para libertar navios da CTM arrestados como pagamento de dívidas da empresa a operadores estrangeiros — disse uma fonte da Comissão de Trabalhadores da companhia.

De acordo com a mesma fonte foram dependentes 127 mil contos para libertar o «Cedros», arrestado por duas vezes este ano, a primeira das quais em França e a segunda na Holanda. Da primeira vez foram gastos 60 mil francos (17 500 contos), e da segunda 610 mil dólares (109 800 contos).

Ainda segundo a mesma fonte, o navio «Roçadas» esteve retido durante 25 dias em Akaba, na Arábia Saudita, «por falência do afretador», o que custou à CTM um total de 76 mil dólares (13 600 contos), 37 mil dólares dos quais

para libertar navio e os restantes 39 mil para pagamento de despesas no canal do Suez.

Por outro lado, encontram-se arrestados os navios «H. Capelo», «Malange» e «Leiria» por um banco de um grupo sul-africano que reivindica o pagamento de dívidas da CTM decorrentes de compromissos sobre a constituição de uma empresa mista na Libéria que não foram cumpridos.

Este banco ameaçou, ainda arrestar o «Muxima», que se encontra em Santos, Brasil, e está a desenvolver acções tendentes a denegrir a imagem da CTM, pela publicação de anúncios em jornais estrangeiros divulgando as dívidas da empresa.

O «Congo», por sua vez, não está arrestado mas desde 17 de Fevereiro que não pode sair de São Vicente, Cabo Verde, «por falta de dinheiro para pagar o combustível» — acrescentou a mesma fonte.

Caso do cheque dos dez mil dólares

Tribunal de Instrução Criminal ouve Francisco Sousa Tavares

Francisco de Sousa Tavares, ministro suspenso da Qualidade de Vida, deverá ser ouvido hoje no 2.º Juízo de Instrução Criminal de Lisboa, sobre a transacção financeira que realizou através da empresa DOPA A informação foi prestada no sábado, à ANOP, pelo próprio.

Em contacto estabelecido esta manhã, quer com o gabinete de Imprensa da Polícia Judiciária, quer com o 2.º Juízo de Instrução Criminal, o «DL» não conseguiu apurar se Sousa Tavares já havia sido ouvido ou se ainda o seria hoje.

Recorde-se, que o ministro suspendeu funções até esclarecimento do caso e requereu à Procuradoria-Geral da República celeridade na investigação criminal da sua actuação. O requerimento foi já despachado.

A ida ao Tribunal de Instrução Criminal — disse Sousa Tavares à ANOP — surge «na sequência do requerimento à Procuradoria Geral da República», que apresentou no dia 4. O antigo ministro será ouvido em separado no processo instaurado aos administradores da DOPA como aliás também era solicitado no seu requerimento, para acelerar o processo. Sousa Tavares disse estar convencido que o caso estará solucionado amanhã, no que diz respeito à sua pessoa.

Mota-pintistas ganham distrital de Bragança

A lista «B», encabeçada por Amândio Gomes, ganhou sábado as eleições para a Comissão Permanente Distrital de Bragança do PSD. A referida lista obteve 81 votos, contra 77 votos da lista «A», liderada por Telmo Moreno, ex-governador civil de Bragança.

A lista «B» ganhou também as eleições para o Conselho de Jurisdição Distrital, por 80 votos contra 77, e para a Mesa da Assembleia Distrital, por 80 votos contra 78.

A lista encabeçada por Telmo Moreno é afectada à sensibilidade «salgueirista», enquanto a lista vencedora, que também incluía Júlio de Carvalho, da «Nova Esperança», estava ligada à tendência «motapintista».

A lista vencida impugnou o acto eleitoral, argumentando terem-se verificado vicissitudes durante as eleições, pelo que

aguarda a decisão do Conselho Jurisdicional Nacional.

O Conselho Jurisdicional Distrital pronunciou, antes da votação, acordados segundo os quais não podiam votar os «TSD» (com excepção de um deles) e os delegados da autoeleita Comissão Concelhia de Vimioso (afecta a Amândio Gomes), de Freixo-de-Espada-à-Cinta, por as eleições concelhias terem sido impugnadas, e cinco delegados por Mogadouro.

Entretanto, o delegado Abílio Costa, presidente da Câmara Municipal de Mogadouro e um dos componentes da lista de Telmo Moreno, disse à ANOP que «a mesa resolveu, sem poderes para isso, aceitar dos dos acordados referentes a Mogadouro e Freixo-de-Espada-à-Cinta, que apoiavam a lista «A» e não considerou os restantes, podendo desta forma votarem os apoiantes da lista «B».

UTIC está sem dinheiro para pagar salários e financiar encomendas

O IPE, Investimentos e Participações do Estado, sócio maioritário da UTIC, declinou qualquer responsabilidade na situação financeira da empresa, que a impede de cumprir os seus contratos de encomendas e o pagamento de salários aos trabalhadores.

Um porta-voz do IPE disse que esta entidade não «tem meios que lhe permitam financiar as encomendas» que a UTIC quer cumprir, na sua maioria da Rodoviária Nacional, e considera «não ter qualquer responsabilidade na situação da empresa».

Trabalhadores da UTIC concentraram-se frente às instalações do IPE, exigindo que a Comissão de Trabalhadores da Empresa fosse recebida, para serem discutidos os problemas que a afectam.

A Comissão acabou por ser recebida por um administrador do IPE, Pereira Dias, mas não foi possível adiantar nada durante a reunião.

Desde Janeiro, que os trabalhadores da UTIC não recebem atempadamente os seus salários e, segundo a Comissão de Trabalhadores, nas instalações de Cabo Ruivo 600 trabalhadores não receberam ainda o vencimento de Fevereiro.

A UTIC, com um total de 2300 trabalhadores a nível nacional, tem estado parcialmente paralisada, embora tenha encomendas em carteira, que não têm sido satisfeitas devido à falta de financiamentos.

Ontem, manhã cedo, no Lourçal (Pombal)

Bomba de Carnaval fere doze paroquianos na Igreja

Doze pessoas da freguesia do Lourçal, no concelho de Pombal, ficaram ontem de manhã ligeiramente feridas, devido ao rebentamento de uma bomba, quando decorria a primeira missa dominical da localidade.

O rebentamento da bomba ocorreu pouco depois das 7 horas, tendo o estrondo causado incómodo pânico entre os fiéis, que procuraram desordenadamente as duas portas de saída do templo, atropelando-se umas às outras. Mais pelo alvoroço que propriamente pela deflagração da minúscula bomba, uma dúzia de

pessoas, com idades variando entre os 7 e os 65 anos, ficaram feridas, tendo recebido tratamento no Hospital de Pombal que ontem mobilizou durante a manhã todos os médicos residentes na vila — disse Manuel Carlos, presidente da Comissão Instaladora.

A bomba terá sido colocada debaixo de um banco da igreja de Lourçal, freguesia de cerca de oito mil habitantes que dista sete quilómetros da sede do concelho (Pombal), por uma criança. A GNR de Pombal confirmou esta manhã ao «DL» que essa é a versão (e suspeita) que corre, mas

que a mesma ainda não foi identificada.

Uma outra versão circula no meio: a de que a bomba teria sido lançada para desviar a atenção sobre um furto de carteiras de que naquele preciso instante estariam a ser vítimas alguns paroquianos.

O mercado semanal do Lourçal efectua-se aos domingos e a ele acorrem, manhã bem cedo, comerciantes e forasteiros que aproveitam para ir à missa. Terá sido no instante em que um dos paroquianos sentiu alguém a tirar-lhe a carteira que a bomba rebentou...

Viagens aéreas mais caras para as Regiões Autónomas

Um bilhete simples de e para a Madeira, a partir de Lisboa, passa a custar 12 100 escudos, em classe económica, e 18 200 em primeira classe, segundo novo tarifário publicado no «Diário da República» de hoje.

Os aumentos de preços das ligações aéreas do continente com as regiões autónomas são explicados pelo «agravamento anormal das condições de exploração».

Esse agravamento deve-se, segundo o diploma publicado no «DR», a «uma quase estagnação do tráfego transportado, eleva-

dos níveis de inflação nacional, continuação da escalada alista do dólar e à degradação da receita média».

Em função de tudo isto e para além daquele aumento para 12 100 do bilhete de ida simples de e para a Madeira, outra tarifa usada essencialmente por turistas, bilhete de excursão de seis dias (ida e volta) aumentou para 15 730 escudos.

O diploma inclui, ainda, os restantes preços praticados nas linhas aéreas para as Regiões Autónomas, nomeadamente as aplicadas a estudantes e residentes.

Suicídio em Algueirão

A circulação de comboios na Linha de Sintra esteve esta manhã totalmente paralisada, entre as 6 e 37 e as 8 e 30, devido ao suicídio de uma mulher que se atirou à via, numa passagem de peões, localizada a cerca de 400 metros da estação de Algueirão.

Ao que afirmaram testemunhas oculares, a vítima, aparentemente 40 anos, ajoelhou-se e colocou a cabeça sobre os carris, no momento em que se aproximava uma composição que, saída de Sintra, se dirigia para Lisboa.

O corpo, que até à hora do fecho do nosso jornal ainda não tinha sido identificado, encontra-se na morgue do cemitério de S. Marçal, na freguesia de Lourel.

Fogo no 124 da Av. da Liberdade

Mulher atira-se do 3.º andar à rua e fica em estado grave

Uma mulher de 23 anos ficou esta manhã gravemente ferida ao atirar-se de um terceiro andar em chamas, no n.º 224 da Avenida da Liberdade. Maria Clara de Jesus Conduto foi transportada ao Hospital de S. José, pelos BSB que acorreram para apagar as chamas.

O fogo deflagrou, ao que disseram os BSB ao «DL», na cave do edifício de quatro andares, que fica ao lado do Aéreo Clube de Portugal. No sótão do edifício está instalada uma sauna do Instituto Clínico de Recuperação. Foi aí que as chamas irromperam, ao que parece devido a

um curto-circuito, começando a subir o prédio até ao 3.º andar, onde viviam vários hóspedes.

Maria Clara de Jesus Conduto, ao sentir o perigo, atirou-se para a rua, ficando em estado bastante grave. Deu entrada no Hospital de S. José «sem fala», disseram fontes hospitalares ao nosso jornal.

O incêndio deflagrou pouco depois das dez horas e pouco mais de uma hora depois estava sob total controlo dos BSB, que iniciaram o rescaldo com cerca de trinta homens. O combate às chamas foi apoiado por três auto-tanques.

ROCK NA URS

Págs. 4 e 5

Gordilho, performer

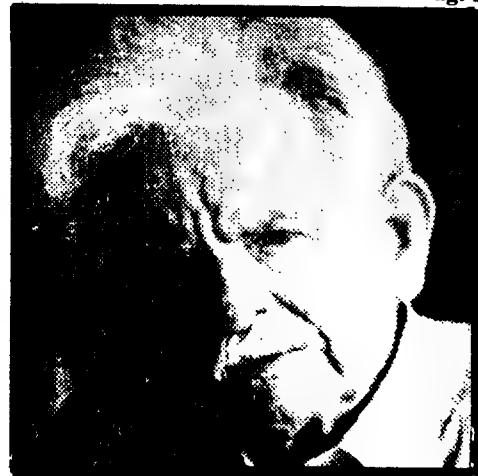


Pág. 2

Sete Sete

Destaque:
CANETTI

Pág. 3



PUBLICADO PELO "DIÁRIO DE LISBOA"



MENSAGENS PESSOAIS NA PÁGINA 8

Carlos Gordilho, performer

Talvez o curso da minha existência me precipite na desgraça. Mas isso pode ser entendido por mim como uma rota dourada.

Não sou nenhum suicida: há uma geometria invisível no que digo e faço — é uma força que não se constrange. Quero fecundar a realidade. Transformá-la. E é possível.

Falo assim: sou difuso, as palavras formam constelações. Há um grande risco quando se sai deste circuito da paixão.

Com 29 anos não angariei mais do que necessidades de ruptura e a interdição à esclerose. O pó incomoda-me.

Nós, os que fazemos arte, somos o ímpeto, o lance. Os demais ficam na contingência da usufruição dos elementos. E há os rotuladores, os que organizam e criticam; não tenho nada a ver com eles. São outras vocações.

Uma revolução faz-se com os que fogem à trama dos comportamentos colectivos. São casos. São afecções biológicas. O que quiserem. As massas não são detonadoras. Mas sobre estes assuntos a Ciência tem o seu discurso de senso. Eu prefiro a minha vida.

MARIA EMILIA CORREIA

Explicou Carlos Gordilho «um holandês nascido em Moura» (como confessou ser seu futuro próximo). Vive entre a França, a Holanda e Portugal. Aqui, para menos.

— Nunca venho ao meu país sem um bilhete de regresso. Mesmo que seja para Oliveira. Uma vez fiquei cá cinco anos de seguida por falta de dinheiro.

Conheci-o em Paris, sem, relógios, roupas de muda, bolsas de estudo, namoradas, bilhetes de metro e medo nenhum.

No chão da casa de um amigo abria as folhas dos «Le Monde», distendia-as com o rolo da massa da Marie Odille e pintava-as de azul, rabo no ar, concentradíssimo. Eram as suas telas. Por modelo tinha a mulher da embalagem vazia dos «Gitanes»: os pés, a cintura e a saia, a zona do pescoço. Soube mais tarde que o azul era o único pigmento que restava, à mistura com outros: branco e vermelho, no fim. Falava. Falava. Esperava por alimentos quentes. Polido e sorridente Carlos Gordilho, o «performer», no próximo mês em Lisboa e não só, teve uma vida assim, por alto: meteram-no aos 10 anos numa loja de fazendas, saiu para uma farmácia onde «até já sabia fazer ungentos», passou pela Lisnave e pela Siderurgia Nacional. Um salto para Lisboa, para os Serviços de Publicidade Suíço-Portugueses, «onde o Ary já era «copyright» e tinha escrito a «Liturgia do Sangue» que ninguém comprava e andava entristecido.

Aos 16 anos parte para Amesterdão onde, julgava, o modelo social condizia com os seus ideais.

— Vivia-se então a cristalização das gentes de 67, 68, 69. Dormia na rua, num saco-cama, como muitos. Em Portugal não havia ar, as ideias não circulavam, estava tudo fechado. Se calhar se tivesse nascido na Ja-

maica tmbém me tinha escapado para os States. Andei por lá. Os portugueses formavam bandos que a Polícia temia. Tínhamos fome, valia tudo.

Aos 17 anos Carlos Gordilho estava expulso da Benelux, por pária.

«A juventude revoltada de Amesterdão! Aos Onkrut, aos Kraks, aos movimentos urbanos, aos réprobos da Social/Democracia. E particularmente a todos os que são o dia negro da Monarquia» — escreve Carlos Gordilho num projecto de performance: Corrida Asténica, 84 voltaria.

Foi então sensibilizado para as questões sociais. De 74 a 76 fez parte do corpo editorial da revista «Acção Directa», de

tendência anarquista. Em 75 foi preso por motivos políticos.

Um «entrista» sentado na praia?

— O que acontece depois?

— Entre Monsanto e Paris apercebi-me de que me estava a lançar para um extremo irreversível. Optei pela criatividade artística à roda da qual girava de há muito a minha vida.

— Por resistência, para criares um outro espaço ou para fugires?

— Destruo fisicamente tudo aquilo de que não gosto. Sou feroz. Tive que desenvolver um processo de individualização que me defendesse do fim. Por outro lado não tenho jeito para ser um cidadão comum. E assim, a minha acção desenrola-se na esfera da arte. Contrário pressões, forças, valores do estabelecido.

— E aceitas propostas das instituições.

— Sou um «entrista», já falei disso publicamente. Elimino a partir do interior. Não é uma justificação barata, é que o Poder deixa uma margem mínima: a violência só advém dos que se constituem como confrontação. O «entrismo» é um modo de fazer as coisas, não visa a integração como valor de autoridade. De dentro veiculo o que se opõe a normas e discursos. Eu sei que tudo é assimilável mas esta é a tática possível, não é a desejável. E o anátema da recuperação da realidade artística por iniciativa do poder instituído é, presentemente, um sofisma insuportável.

Querem que me sente na praia à espera que o peixe salte ou que permita que me rebentem a cabeça numa cela?

Não acredito neles

— A Fundação Gulbenkian convidou-te a participar nos «Diálogos do Concelho da Europa». Aceitaste. Por quê?

— Não acredito na Europa, disse-o ontem à dra. Madalena Perdigão. Nem neles. Demoram quatro horas a almoçar. Eu passei anos sem documento nenhum. Nunca tive uma casa. Nos últimos três meses vivi em Paris com 10

cêntimos no bolso.

Mas o que me parece importante é que, nem que seja um só gajo, se passe o subterrâneo. É como ter muitos filhos e desejá-los todos pródigos. Estar no momento preciso.

Regiões não racionais

— O que é concretamente a «Performance-Art»?

— A singularidade deste género artístico consiste na capacidade de reunir e articular operacionalmente numa acção plástica total o que é imane na obra durante o tempo caótico da realização e do olhar, numa dupla comunicação do corpo presentificado e da imagem: a pintura nova.

— Podes concretizar?

— É uma pintura realizada a partir do interior dum estado emocional e que está indissociável da ambiência física da instalação que foi previamente concebida para um espaço determinado e no qual confluem múltiplos meios não tradicionais das artes plásticas.

Põe-se assim em evidência e em liberdade o que é implícito à acção de uma vontade criadora que nos reenvia para o ritualístico e as regiões não racionais, o sonho e o fantástico.

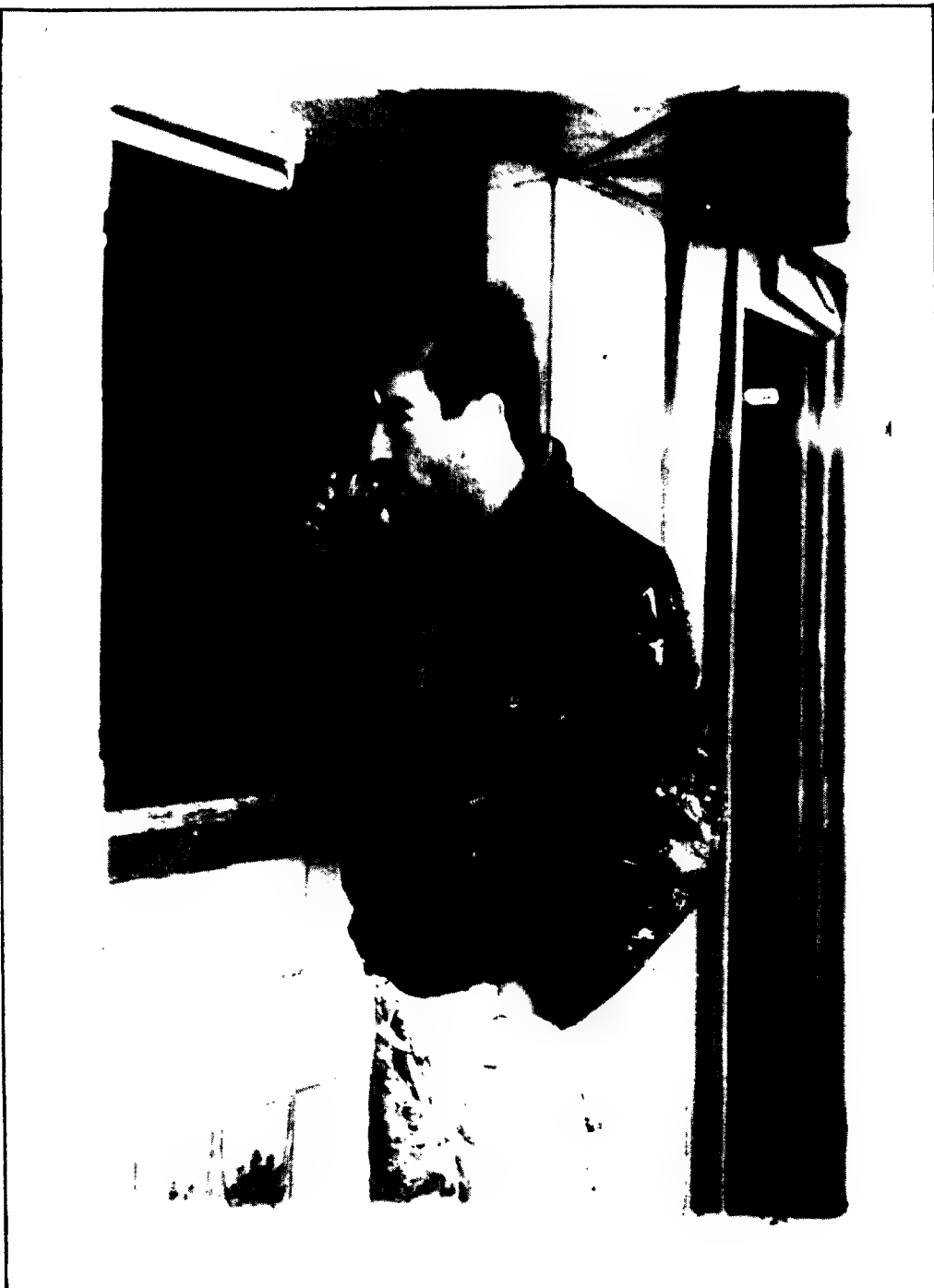
— A «body-art» está de algum modo correlacionada com a «performance-art»?

— A «body-art» é muitas vezes entendida como «performance-art».

Muitos portugueses fazem «body-art», embora digerida, apanhando as franjas da sua banalização. A «performance» deles é ainda assente na relação corpo/corpo, isto é: o corpo é o núcleo despoletador.

Mas isso corresponde ao recuo deste país. Aqui assimila-se o que se pode e at há uma grande capacidade para o fazer. Não falo de plágios prefiro acreditar nos indivíduos.

Falei da «body-art». E a «performance-art»? Bom, aqui o corpo é entendido como «território», e é levado à exaustão, suas propostas últimas. «Performance-Art» transce



Carlos Gordilho

de-se. Há um desenvolvimento das conjecturas artísticas.

— Artaud. Tem cabimento aqui?

— Claro: há o lado irredimível da acção criativa e a noção de natureza e de simulacro.

A pintura da expressão imediata

— E o teu trabalho, em específico?

— No meu caso o corpo já não é entendido como «território» mas sim como «corpo da pintura». Falo da pintura de expressividade imediata. A Nova-Subjectividade Post-Conceptualista da má pintura (Bad-Painting) ou ainda da pintura selvagem e violenta dos expressionismos actuais tem que ser empreendida com uma finalidade intencional outra, na periferia das Novas Figurações e, não apenas, como desejo manifesto do retorno à pintura.

O que é que isto quer dizer? No crescimento das linguagens há sempre o seu acanhalamento. Passa-se do núcleo para as periferias e, nesta passagem, há o sentido que se atenua, que se desvanece.

Eu só acredito nas linguagens individuais, só acredito no lugar da criação. Para mim a arte não é universal, não é comunicação. O que emana do objecto artístico é somente aquilo que socialmente pode ser aceite.

— Coisas que não te confundem?

— Se isto parecer contraditório que se entenda como o meu veneno. Costuma-se dizer: com uma mão lava-se a outra e com as duas os tomates. Uma coisa é criar um sistema unívoco de interpretação, um sistema que explique tudo. Outra coisa é dissertar, é a aproximação correndo-se o risco da inviabilidade do discurso. Não vejo o artista a dizer coisas autoritárias, conhecedoras. Estamos em cima da hora, o risco está por perto, o equilíbrio é necessário mas há a incerteza, a inquietude, tudo pode desabar. Falas instituídas sobre a arte? Não as sei?

A fórmula do mediador

— O teu lugar?

— Eu estou no sítio da afirmação, do fazer. O resto não me serve. E ainda por cima não sou universitário e não tenho esse preconceito. Explicar o «formalismo» ou o «estruturalismo» no meu trabalho faz-me rir. Tenho conceitos saqueados aqui e ali, mais ou menos rigorosos e

muito mais coisas que me advêm da vida, do que aprendi com ela. Possuo uma grande força de vontade, o que é perigoso. A loucura talvez não seja uma coisa assim tão má. Agora, ousar dizer que a performance é isto ou que é aquilo não o faço. Posso repetir: «a performance é um espaço para onde convergem energias, elementos, etc.» mas essa m... não me interessa. É especulação. Essa é a fórmula do mediador, do que estabelece a passagem ao público. Isso é fácil.

Ser único

— É certo que às formas se sucedem as formas?

— Os dadaístas fizeram «happenings» nunca se tendo falado disso, ninguém lhes chamou «happenings» a intervenção do dadaísmo era o escândalo. A intervenção Santa-Rita seria um «happening»? Antes de Pessoa terá havido Pessoa? Há momentos ou continuidades? Não vejo vínculos. Essa da genealogia da arte não é para mim. O que sucede é que numa determinada situação o indivíduo faz uma descoberta sem que ela seja, por vezes, o resultado de uma investigação. É o acaso. No processo criativo as formas também podem surgir do «carrefour» das muitas influências que sofremos, está-se vivo, olha-se, respira-se, conversa-se, sabe-se por exemplo de biologia ou de matemática ou de coisa pouca tão grande que é a vida e trabalha-se à roda dos dados que temos. O artista é o centro: observa. Quando alguém com uma formação de bailado opta por fazer «dance-performance» qual foi o estímulo que se ajustou a essa escolha? Há por aí catálogos que explicam os porquês: eu repudio esse espraiar, a partir daqui é o comboio da Costa para a Fonte da Telha e da Fonte da Telha para a Costa, é sempre a encher, é a massificação.

Eu sei, evidentemente, o que se sabe. Mas definir é perigoso, é a forma a esgotar-se, é a voz. Eu estou sentado numa cadeira estóica, a minha área é globalmente interiorizada, só os corvos de Van Gogh sobrevoam o meu corpo. Não tenho mais desejo nenhum. O meu espaço é iluminado, está por dentro, é o reforço total do indivíduo já que estou anelado a todo o comprimento de onda nesta p. de sociedade em que mergulho de cabeça. Eu arrisco a minha existência, mas daí obtenho prazeres inconfessáveis: é só a mesa, o meu tapete e os pequenos objectos que me seguem. Eu estou só, só, só, só, só: sou único.

— E sobrevives?

— Das muitas situações que me foram adversas aprendi a domar-me. Não me controlo, é diferente: eu sei lá onde é que ponho as mãos? Sou selvagem. Solto o meu antípoda constantemente: «se queres estar, se queres conseguir, tens que jogar no outro. Isto é o deserto, tens que percorrer tantos quilómetros, tens tanta água, tens que administrar». Eu quero chegar. Tenho que ser uma p. E a revolta é tanto maior quanto a luta não é contra dragões mas contra pixotes. Não tenho inimigos louváveis. Eu aposto no que faço de uma forma estoirada. Só um louco pode falar assim, alguém como eu, sem o sentido prático das coisas.

Estou fora da noção de vida de miséria ou de miséria da vida. Viver é uma arte. Consigo apanhá-la. Douro modo só dentro das grades. Certo que crio litígios, relações de rompimento. Sou um inadaptado, pronto, valha-me Deus.

Portuguesadas

— Por onde metes os pés?

— Para começar tenho joanetes. Os mais representativos, todos o dizem. Sou candidato ao partido joanete, porque aí sou o maior. Aliás os meus pés são desastrosos, é o único desastre físico que tenho. O que é curioso é que acabam por me ser de bom presságio já que danço muito bem, tenho boas pernas, elevo-me e isso acontece sobre estes mesmos pés.

Em 82 no Salão de Arte Moderna da S.N.B.A. apresentei dois dípticos de 2 por 2 metros: num, estavam figurados, em detalhe, os pés de uma das pinturas de Matisse (da época «fauve» — «nu bleu»); noutro, os meus pés, com os joanetes bem à vista.

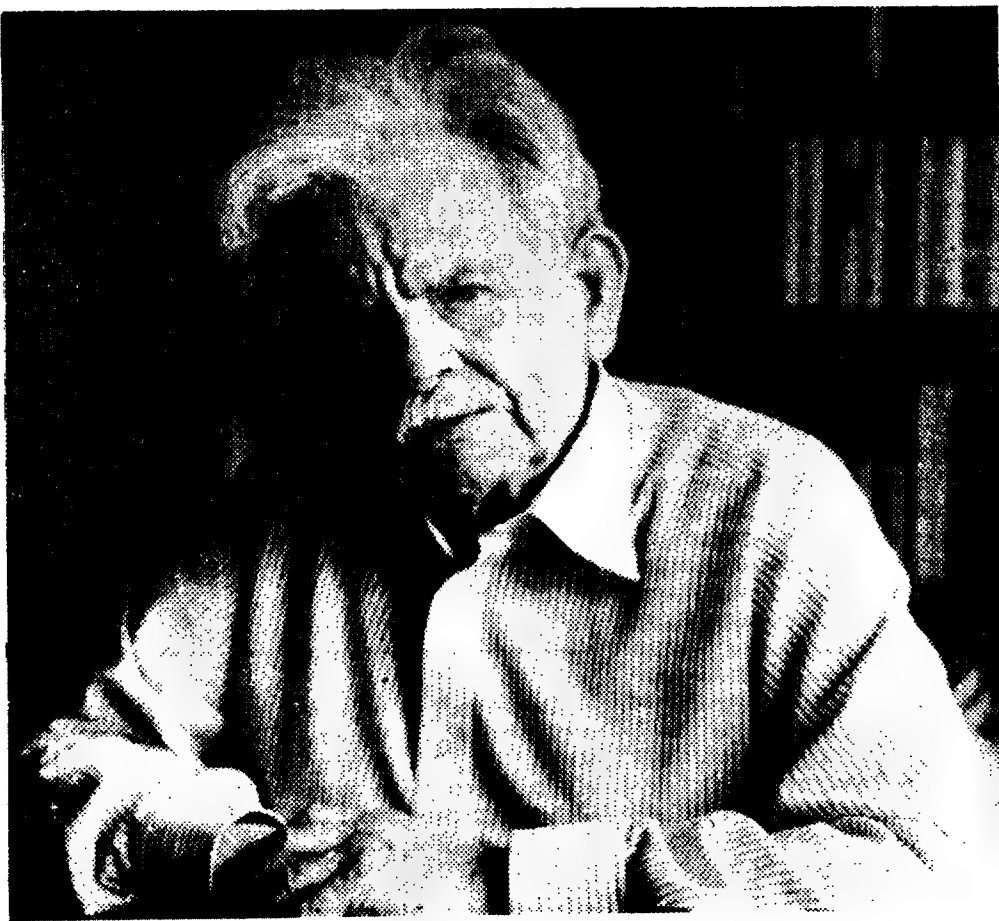
Brinco, mas o meu combate é outro: é este agouro que eu tenho, coisa muito secreta. Não suporto a humilhação nem tenho nada com situações de «portuguesadas». A pequenez. Estou num contexto desfavorável, os ventos sopram ao contrário do meu avanço, mas, como disse, esta é uma luta de anões, e andam todos a pensar no apocalipse. Ainda bem que há muitos milhões preocupados com as bombas: deixam-me espaço livre para me debruçar sobre outras questões.

Não dar em maluco

— Estás fora de perigo?

— Que mortos? Morrer é mau? Eu sou um chimpanzé. Não há milagres. Tenho muito poucos amigos e metade é putice: é a minha família e a periferia. Não peço nada a ninguém e ando com uns sapatos de defunto, a camisa do lixo, o cachecol deixado no metro. Até as peúgas foste tu que m'as deste, já nem te lembrás. A situação não é negra, eu não sou um desesperado, não sou um deprimido. Vivo é esta condição de solitário a tempo inteiro. Sou oceânico, espavorido, agressivo, tenho firmeza, conte-se comigo. Conte-se é uma anedota. No meu bairro, em Almada, toda a gente me cumprimenta e toda a gente me despreza. Ando a tentar não dar em maluco. As mulheres servem-me um bocado para isso. Baixam o céu à casa.

Um retrato dos nossos costumes | que poderia ser um jogo
| de sociedade Manipular com precaução



Os «Caracteres» de Canetti

Sabíamos que Elias Canetti era um moralista desde que lemos *le Territoire de l'homme* (1). Mas ele dedicou-se precisamente à pintura dos «Caracteres». O seu livro de retratos, publicado em 1974 em Munique, acaba de surgir em francês. Provavelmente a tradução não nos dá toda a ferocidade nem todo o sabor dos textos de Canetti. Dá, porém, o bastante para que acabemos de ler esse livro com um divertimento de que a inquietação não está ausente.

Graças a ele eis-nos pois desmascarados, postos a nu, com as nossas pobres astúcias, as nossas miseráveis manobras, as nossas desrazoáveis teimosias, as nossas cegueiras e as nossas crueldades, a nossa fraqueza e as nossas mentiras. Temos de confessar que não somos brilhantes. Canetti observou-nos tão bem — a nós, os seus contemporâneos — que precisávamos de continuar cegos para não nos reconhecermos num dos cinquenta «caracteres» que ele descreve. A leitura deste livro podia tornar-se num jogo de sociedade entre amigos. Cada um comparar-se-ia ou compararia os outros com esta ou com aquela personagem de Canetti. Mas atenção às consequências de um tal divertimento! Elas podiam ser muitas vezes desagradáveis...

Perante este retrato dos costumes em que a vaidade e mesquinhez, o rigorismo e a dissimulação, a bondade aparente e a malevolência se degladiam, hesitamos entre duas tentações: o riso e a careta. O riso dá-nos coragem e a careta modera-nos, porque é preciso sermos bons jogadores. Resta que os «Caracteres» de Canetti misturam, de um modo muito preverso, o cómico e a desolação, o humor e o trágico. No fim, que vemos nós senão seres que se debatem para exorcizar, do modo mais inábil, o seu medo de viver, o seu receio de morrer?

«A sua palavra existe para designar uma perturbação», escrevia Roland Barthes a propósito de La Bruyère (2). O mesmo se pode dizer de Canetti. Ele também não pretende indicar as causas da «desgraça humana» nem os remédios que ela exige. Ele mostra simplesmente os efeitos da nossa civilização sobre as nossas maneiras de agir e de pensar. Tal como La Bruyère, ele «dá ao público» o que este lhe «emprestou». Estende-nos o espelho das nossas angústias num mundo onde finalmente só importa o intercâmbio das mercadorias, apesar dos discursos que ainda se fazem para dissimular uma verdade tão trivial.

As personagens de Canetti são pobres fantoches que se assustam, se afligem, e se agitam, mas que são governados como coisas por uma espécie de mecanismo inflexível. O nosso mundo surge então como o resultado de uma maquinaria obscura...

Estranhas tribus

Claro que Canetti não receia o traço grosso. No entanto, a maior parte das suas caricaturas são de uma exacti-

dão impiedosa. Por exemplo, «o mexeriqueiro»: «Ele não gosta de guardar para si qualquer coisa que pode ferir alguém (...).

Di-lo muito depressa e é um segredo. Ninguém deve saber que ele o sabe. Tudo o que ele espera como agradecimento, é a discrição. «Só lho digo a si. Isto só a si diz respeito» (...).

O mexeriqueiro não deixa escapar nenhum insulto dito num momento de cólera, e arranja-se para que ele atinja o insultado. Gosta menos de contar louvores, mas para provar as suas boas intenções fá-lo ocasionalmente, com esforço (...), com muito pudor, como se a nudez do outro o perturbasse. O mexeriqueiro é «o melhor dos amigos».

Outro exemplo, «o cego»: «Ele possui um aparelho fotográfico que leva consigo para toda a parte, e o seu grande prazer é fechar os olhos.» Nunca olha para os países que visita. «É para a máquina fotográfica que percorre o mundo.» Quando regressa a casa, «o cego gosta de projectar na parede as suas fotografias ampliadas e mostrá-las aos convidados. Este género de festa dura duas ou três horas; silêncio, iluminações, glosas, indicações, conselhos, humor. Que divertido quando uma imagem é projectada ao contrário, que «momento» quando uma é repetida! (...). Enfim, a recompensa da cegueira presente em toda a viagem. Abram bem os olhos, agora podem ver (...)!»

Lembro-me de uma estadia em Hydra. Por volta do meio-dia estranhas tribos desembarcavam na ilha para aí passar algumas horas. Havia alemães, americanos, franceses, japoneses, suecos... Mas eram todos parecidos. Usavam as mesmas camisas, os mesmos «shorts», e tinham todos eles uma máquina fotográfica diante dos olhos. Metralhavam os habitantes, a aldeia, o porto, o mar, depois partiam sem que pudessemos ver o seu olhar...

Quanto à «testemunha por ouvir dizer» — que dá o título ao livro, tem como que a profissão de arrebatar a orelha e registar escrupulosamente os discursos de outrem. Depois repeti-los-á «sem a menor alteração». Ninguém pode comprar o seu silêncio. «Ele não poupa nem a mulher, nem os filhos, nem os irmãos. O que ele ouviu, ouviu-o, nem o próprio Deus pode mudar o que quer que seja.» Felizmente este indivíduo parte às vezes, como toda a gente, de férias. Põe os ouvidos em descanso. Nestas circunstâncias é quase amável. Ninguém desconfia de que está a conversar com o carrasco em pessoa. Custa a crer, diz Canetti, como as pessoas podem ser inocentes quando não estão a ser espiadas.»

Le témoin auriculaire, de Elias Canetti. Ed. Albin Michel

1) Albin Michel, 1978

2) La Bruyère: du mythe à l'écriture. Prefácio de Canetti.

ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu Filho a olhar para o lado esquerdo e para o lado direito antes de atravessar a rua



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

CADA mês que passa traz consigo as suas novidades: ao mesmo tempo, que os velhos se sucedem no Kremlin sem mudar de fato nem de gravata, o rock alastra pouco e pouco pelo país. A onda cresce, levada pelos jovens e por todos os que sonham com uma música diferente.

ROCK NA URSS

O marechal Ustinov bem pôde falar do alto do seu cargo de chefe da moral dos exércitos, isso nada mudou. Os grupos que nascem, morrem, se transformam ou se separam não sabem que são «decadentes», como o proclamava o defunto marechal. No país dos soviéticos, o **Requiem por John Lennon** do grupo **Autograph** domina o hit parade.

Autograph — cinco rapazes modernos de cabelos mais longos do que é vulgar — faz parte dos sessenta e cinco grupos rock oficialmente inscritos no país. Oficiais significa reconhecidos pela única casa de discos do país, **Melodia**, que lhes publica um álbum de vez em quando, ou que lho promete, segundo critérios dificilmente compreensíveis. Digamos que vale mais não nos espantarmos demais com o comitê de selecção. Situação que Stas Namin, o chefe de outro grupo resume sorrindo. «Neste país, é bom não esquecer, há um único produtor, Tchernenko.»

Diz isto sem nenhuma amargura, nos camarins de uma sala de Moscovo, onde acaba de tocar perante dez mil pessoas. Stas Namin tem trinta e três anos, e o seu grupo foi um dos primeiros a explorar músicas novas, há dez anos, na universidade de Moscovo. Depois de se ter inspirado nos Beatles, depois em Paul Mc Cartney, chegou a pouco e pouco ao rock, deixando o seu público ignorar que tem um nome célebre. Porque Stas Namin é muito simplesmente neto de Mikoyan, que foi, entre outros, chefe do Estado soviético. Parece que, no que diz respeito ao rock, isso não o ajuda em nada. Este grupo já tem quatro grandes discos (1) no seu activo, e o êxito pode medir-se pelo apartamento de Stas: algumas divisões num belo edifício à beira do Moskova, perto do hotel Ukraina.

Stas é um homem prudente: «Não vá dizer que há política escondida nas minhas canções. A política não é o meu problema. Só quero compor: tocar uma música que não é aceite por toda a gente transforma-me em contestatário.» Tem razão: a contestação, a evasão, a construção de uma sociedade civil que se afasta da sociedade comunista, é o problema dos auditores e dos espectadores que gostam dessa «outra coisa», inventam outro mundo à escuta de um som diferente.

Um divórcio que se cria longe dos clichés sobre um país imenso que imaginamos eternamente imóvel. Uma tarde de Novembro, estava no seio dos fãs de Stas Namin entre uma câmara e um som, demente. A pouco e pouco, apesar de um rock sobre a paz, um pouco convencional e lânguido, a sala ia ficando entusiasmada. De súbito, depois de um solo de bateria particularmente alto, voltou a calma, e os músicos do grupo recuaram um pouco para dar lugar no palco a três cantoras libanesas.

Surpresa: vinham-nos cantar as desgraças do povo de Beirute. E, pelo menos, o que me explica o apresentador introduzindo as vestais que sussuram os seus dramas ao som de um instrumento musical da região. Um autêntico desastre musical. E uma asneira porque na sala se murmurava sem ouvir nada. Com grande indignação de uma pequena parte do público que pedia respeito para esses «camaradas em luta». Sem êxito porque o maior número queria que isso passasse.

A situação foi prejudicada com a chegada de um grupo de salvadores que tinham vindo cantar em espanhol a tragédia que destrói o seu país. Os murmúrios amplificaram-se e os seus cantores terminaram a sua terceira canção com risos. Quando o concerto de rock prosseguiu, um terço dos espectadores tinham partido, persuadidos, afirmou a minha vizinha, que tinham sido vítimas de uma «armadilha política».

Esta história não precisa de comentários e explica as angústias do falecido marechal Ustinov e de outros. Quando estes jovens recusam falar de política não é por terem medo de se confiar ao estrangeiro mas porque não se interessam por política. Estes fans do rock estão a

anos-luz dos mais velhos e dos camaradas que ainda frequentam as fileiras dos Kom-somols, a organização da juventude do partido.

Um divórcio que dá por vezes resultados curiosos. É por vezes difícil encontrar lugares para os concertos de rock, em Moscovo e noutras cidades. Tanto mais que uma parte dos lugares são justamente distribuídos a Kom-somols mercedores. Que vêm ao concerto de duas maneiras. Ou são totalmente «inocentes» e suportam então o concerto consternados e sonolentos. Ou então sabem o que os espera e, como por princípio detestam o rock, arrastam-se até às portas da sala para vender os seus bilhetes aos interessados pelo rock que esperam precisamente conseguir bilhetes dessa juventude ajuizada.

Jovens que ainda nem imaginam que no clube rock de Leninegrado onde nascem

a maioria das reputações, e nas discotecas de Moscovo, Kiev ou Odessa, há garotos que exibem «bananas» ou penteados punk de cor. Que à saída dissimulam prudentemente sob uma chapka.

O entusiasmo pelo rock ultrapassa amplamente o entusiasmo outrora provocado pelo jazz. Não se trata de um caso de intelectuais mas de um movimento de massa. Se a palavra «vaga» surge muitas vezes nos textos dos comentadores soviéticos, é porque todos compreenderam que é impossível uma oposição ao fenómeno.

Em 1981, no Festival rock de Erivan, na Arménia, o grupo Stas Namin deu uma prova disso. No último espectáculo, por volta da meia noite, os organizadores explicaram ao grupo que era tempo e hora de parar. Havia um enorme calor na sala. Stas Namin voltou-se então para o público: «Querem que paremos? — Niet», gri-



tou a multidão. «Que vão dizer os vossos pais», prosseguiu o chefe do grupo «Não queremos saber!» replicou o público gritando mais ainda. Os organizadores não insistiram e, consternados mas prudentes, esperaram que a festa terminasse por volta das três horas da manhã. O festival, como todos os que reúnem grupos rock foi um imenso sucesso.

Tudo começara em 1980, no Festival de música pop de Tbilissi, na Georgia, onde os primeiros grupos de rock

Nasceu uma estrela

Alla Pugatcheva, rockeira oficial que anda de Mercedes

Alla Pugatcheva recebe raramente no seu apartamento da rua Gorki, no centro de Moscovo. Minisvestido de veludo vermelho e de cabedal preto, botas pretas, eila que se apresenta com uma star. Alguns dias adorável, outros perfeitamente odiosa. Recusa uma entrevista ou transforma «uma conversa de quinze minutos, não mais, numa tarde inteira de discussão agradável. Ela «mata» os que dela se aproximam e ao mesmo tempo sedu-los. É bela mas às três horas da manhã, batendo na mesa ou agitando os seus diamantes, pode ser feia. É sempre apaixonante, estranho produto de uma educação musical clássica...

O seu apartamento não é muito grande. É belo mas muito vistoso. O piano é, naturalmente, branco, e na pequena sala de estar há um bar de madeira escura tal como os tamboretos. Há também uma autêntica (e rara) lareira, fotografias grandes e retratos da star. No quarto vêem-se mais retratos e ícones muito belos. No soalho bem encerado, o basset-hound da vedeta faz um estranho barulho passando incansavelmente de uma sala para outra sem nunca perder o seu ar snob.

A porta do edifício, junto ao Mercedes 220, com a

matrícula P 0005 MO, jovens extasiados esperam pelo seu ídolo, na esperança de uma palavra, de um sorriso, de uma assinatura num disco. Isto acontece todos os dias. Neste, o termómetro indica 13 graus negativos.

— **A URSS converteu-se agora ao rock and roll?**

Esta música nasceu há muito tempo entre nós porque uma nova música desenvolve-se simultaneamente em toda a parte; com particularidades nacionais, com ritmos de evolução diferentes, mas com o mesmo espírito em cada país.

— **Como vê então a situação do vosso rock?**

Temos muitos grupos, mas o nível profissional é desigual, alguns grupos deixam na verdade a desejar. Mas nestes últimos tempos verifico uma selecção natural que deixa aparecer os melhores conjuntos. Penso, por exemplo, no grupo **Autograph** com o seu estilo próprio e muito bons músicos, nos grupos **Kruiz**, **Máquina do tempo**, **Dynamic**. Mas há, sobretudo, grupos muito jovens que me parecem ter mais futuro do que os antigos porque estão em busca de formas musicais originais e se lançam em adaptações em língua russa.

— **Isso parece-lhe importante?**

— Sim, porque é difícil

cantar esses ritmos em russo, a estrutura da nossa língua não dá bem com a música moderna. Penso que os franceses me compreendem. É mais fácil cantar em inglês, o inglês tem o génio da música contemporânea. Mas há algum tempo que estes jovens grupos obtêm resultados interessantes na utilização da língua russa.

— **Como se situa neste movimento?**

— Não sou uma cantora rock mas faço rock, portanto posso falar disso, mesmo que saiba que os jovens precisam de outra música diferente da minha, ainda mais forte, mais intensa, mais vibrante. Mas penso que sou a única cantora na União Soviética que trabalha nas novas tendências da música, tanto com os meus arranjos musicais como com os temas que abordo.

O que faço está longe de ser perfeito, mas trabalhamos muito. Porque não se pode enganar o público. Antes, «eles», maçavam-nos e nós criávamos obstáculos. Agora deixaram de nos aborrecer mas também não nos ajudam. É a melhor solução mesmo que espere que um dia sejamos bem reconhecidos. Então hão-de acabar por nos ajudar. De qualquer modo, o rock e a canção ritmada fazem parte de um movimento natural que nada pode deter.

— **E você é muito popular...**

— Talvez porque o público de hoje é exigente. De resto, creio que pessoalmente o fiz evoluir. Penso que as pessoas vêm em grande número aos meus concertos pelo meu nome, pela minha personalidade, mais ainda do que pelas minhas qualidades profissionais já reconhecidas. Já não tenho que provar os meus dotes de compositora, o meu sentido musical, as minhas qualidades artísticas. Creio que o segredo da minha popularidade provém da minha originalidade do que trago de humano, do meu carácter, da minha presença em cena, direi mesmo, da minha imagem de marca.

O público confia em mim porque sou sincera. Nem sempre consigo tudo o que queria, mas procuro-me continuamente, ponho-me em causa e o público é sensível a isso, é um dos segredos do meu êxito.

— **Como se traduz essa popularidade?**

— Através dos concertos e dos discos. Lanço um quase todos os anos. O último está em preparação e eu queria que ele surgisse na próxima Primavera, ao mesmo tempo que um filme sobre mim, actualmente a ser feito. Uma longa-metragem que tem muito de documentário e de romance na qual represento o meu próprio papel.

Também tenho um contacto com uma casa de discos sueca que acaba de lançar um álbum com as minhas canções. Estou a preparar outros, com eles, em inglês.

— **É interessante, difícil, ser uma star na URSS?**

— Ser star, diria antes, viver a sua hora de glória, é tão interessante e tão difícil na URSS como em qualquer outro país. Mas quando me dizem que é difícil ser star, isso faz-me sorrir: é muito mais difícil não o ser, mais difícil viver quando a estrela se apaga, quando a glória desaparece. A vida de star traz momentos extraordinários. E se há dificuldades, que elas durem sempre, nunca me queixarei!

— **E a França?**

— Fazer uma tournée em França só depende dos franceses. Quero assegurar-lhe que, se o «Gosconcert» que organiza aqui os espectáculos, receber um convite, eu não farei nenhuma objecção. O único concerto que dei no Olympia deixou-me boas recordações. A tournée poderia fazer-se em 1985, quando o filme e o disco tiverem sido lançados. Eles serviriam de publicidade prévia à minha visita. Porque chegar a qualquer parte como desconhecida já não me interessa. Quero ser conhecida do público antes de cantar para ele, como geralmente se faz.



amador obtiveram todos os prêmios. A música soviética acabava de explodir na cara dos oficiais: **Aquarium, Magnetic Band, Autograph e A máquina do Tempo**, todos grupos não reconhecidos, encontravam-se na primeira fila, plebiscitados pelo público à custa dos «pálidos moleiros de palavras e de músicas», escreveu então um jovem jornalista de uma revista estudantil de Moscou. Meses depois nasciam conjuntos agora famosos como **Dynamic, Kruiz, Cocktail**,

DDT, Médium, Arax, Ave rara ou Diálogo, um grupo siberiano que não hesitava, sob a direcção do pianista-cantor Kim Breitburgo, em se lançar naquilo a que chama o reggae-rock.

Impossível citá-los a todos visto em Leningrado serem pelo menos uma centena e o record perencer à Estónia com duzentas formações que disputam entre si os favores do público.

Leningrado é dominada pelo grupo **Aquarium**, que foi premiado no Festival de 1983 e no de 1984, princi-

palmente «por ter contribuído para o desenvolvimento no movimento rock em Leningrado».

Mas, compreenda-o quem puder, o grupo **Aquarium** continua um grupo «não oficial»; as pessoas preferem dizer «não profissional». Eles não têm nenhum disco mas várias cassettes que se vendem por todo o país. Por 7 a 8 rublos, em média. São distribuídas por verdadeiros representantes comerciais que comercializam a produção de numerosos grupos, ou os vendem à saída dos concertos, sejam eles oficiais ou officiosos. Não se trata de um mercado negro mas de um mercado puro e simples; mercado que compensa largamente a carência da firma Melodia, que não pode ou não quer interessar-se por estes grupos, no entanto famosos, através de um país de 270 milhões de habitantes, e que não beneficiam da menor

publicidade nem da menor passagem na rádio ou na televisão.

O movimento é tão forte que criou o nascimento de um verdadeiro sector privado. Do registo de qualidade feito em público ou em apartamentos-estúdios — onde também se fazem **mixagens** e montagens complexas — a uma distribuição muito mais eficaz que os circuitos oficiais. A «cultura magnética», como dizem os especialistas, fez mais do que modificar os hábitos de milhões de soviéticos...

Com um 45 voltas e um album simples, o grupo **Autograph**, que é considerado como o melhor dos oficiais, não conseguiria viver. São pois os concertos e as cassettes que asseguram os seus lucros. Com as tournées nos países irmãos. Para esses «não profissionais», cassettes e recitais são a única solução para viver. Com uma preferência pelos concertos officiosos que nunca são anunciados. Basta entenderem-se com um director de sala e fazer constar que determinado grupo conhecido estará ali durante uma ou duas noites. E, na caixa do teatro ou da sala, vendem-se bilhetes que não mencionam nenhum nome. Oficialmente ninguém sabe quem estará ali nessa noite. Vantagem: o director da sala e o grupo partilham entre si a receita sem entregar nada a qualquer organismo. Um bom negócio visto que na URSS os concertos oficiais são muito mal pagos.

Durante muito tempo, a célebre cantora **Alla Pugatcheva** organizou este género de tournées privadas. Agora já não o pode fazer... porque é demasiado conhecida. É um curioso preço de glória.

Esta cantora tem o seu lugar na história e no presente do rock, pelo menos por duas razões. Primeiro canta rock, que ela própria compõe, tal como a maior parte das suas canções, de que faz a música e as palavras. Depois **Alla Pugatcheva** inventou na URSS o «starsystem», tornando-se um animal de palco adulada pelo seu público. Foi a primeira a mover-se, a gemer, a berrar, a viver em cena. As suas músicas provocam o entusiasmo, aquecem o público, com a formação que a acompanha.

Constantemente em busca de sons e ritmos novos, recruta para os grupos rock os mais inovadores, aqueles a que na URSS se chamam «new wave», mesmo que isso não tenha as mesmas sonoridades que no ocidente.

«Quanto mais ignoram ou incomodam esses grupos na sua expressão, explica ela, mais os ajudam a melhorar os que julgam prejudicá-los, só os ajudam a sair do anonimato e a vender as suas cassettes.»

Aos trinta e seis anos, saída de um instituto de música muito clássico, **Alla Pugatcheva** representa perfeitamente essa nova geração de vedetas que se instala na URSS. Ela sonha com uma grande sala de Moscovo reservada à música contemporânea; mas também com uma rede de discotecas onde seriam permanentemente difundidas as músicas violentas, as músicas profundas que não suportam as grandes salas, e não têm praticamente acesso à televisão. Mesmo quando se é uma personagem oficial...

Uma noite, a uma mesa em casa de **Yuri Charnavsky** «vindo da nova onda onde morria de fome», ela improvisou e registou com este músico um espantoso «pesadelo», uma canção sem pés nem cabeça, só com as intonações da sua voz. «**Isto roubei-o eu à underground**, explica ela. É preciso procurar constantemente e ignorar os tabus.»

Um jornal como **A vida musical** teve de se resignar a referir cada vez mais novidades em matéria de rock, sob pena de perder a sua credibilidade. Jornais como **Moskovski Komsomoletz** ou **Smena** publicam muito regularmente hit-parades em que aparecem os oficiais e os officiosos. E, tanto nestes jornais como noutros discute-se muito sobre os grupos e os movimentos estéticos e musicais que os agitam. Uma única interdição e que não se sabe quanto tempo durará: ainda não são referidos os poucos grupos que se reclamam abertamente do movimento punk. O que não impede que formações como os **Gozadores automáticos** e **Canalizações**, em Leningrado ou os **Amanitas fálicos**, em Moscovo, de ter excelentes êxitos.

Porque, evidentemente, nem todos os grupos são tão inocentes como **Stas Namin**. Nos textos, para além de um vocabulário por vezes bastante cru e mesmo francamente grosseiros, dissimula-se — é um modo de dizer — uma crítica social mais ou menos forte. Estamos longe dos louvores ao realismo soviético e aos canons oficiais da literatura. Mesmo quando poetas de nome emprestam as suas canetas a estes cantores iconoclastas. Um dos últimos que apareceram nesta gesta veemente,

foi **Andrei Bitov**, um escritor que cheira duas vezes a enxofre.

A primeira por ter ideias muito marginais em matéria de literatura; a segunda vez por ser irmão de **Sergio Bitov**, o jornalista que «escolheu a liberdade» em Itália e que voltou recentemente à URSS, vindo de Londres, contando que fora raptado e drogado pelos ingleses. Entre os letristas rock também se encontra **Evtuchenko, Voznesensky**... ou defuntos gloriosos como **Ossip Mandelst**.

Todo este pequeno mundo inventou um universo de expansão contínua. Uma revolução cultural que parece difícil conter. Porque toca em todos os meios, a acreditar no segundo violino do Bolchoi, que improvisa em casa para uma cassette do grupo **Autograph**, que punha a tocar para os amigos. Porque à noite as pessoas realizam, em casa, recitais impossíveis, que se arriscam a indispor ou a atrair os vizinhos. A vaga penetra por todo o lado e invade completamente a juventude. Tal como num CES da periferia parisiense, uma professora de inglês de um liceu técnico do bairro **Taganskaia**, no centro leste de Moscovo, só acalma os alunos de dezassete anos e dezoito anos escolhendo o inglês do rock ou falando-lhes de **Alla Pugatcheva** «que evoca os seus problemas, as suas vidas, os seus sonhos, as suas recusas, os seus sentimentos secretos». «Ela sabe que num dia de concerto pelo menos metade dos jovens adultos que seguem a sua aula depois do trabalho, estão ausentes. Ela dá-se conta disso e chega mesmo a anular ou a adiar a aula.

O êxtase e os transe destes jovens e menos jovens que escutam os seus múltiplos ídolos, de que falam num câlao tão novo como incompreensível para os profanos, não diferem dos entusiasmos dos fãs franceses ao ouvir as suas vedetas. Ao mergulharmos neste mundo sentimos vertigens: no aparente silêncio da sociedade soviética, o barulho é fantástico.

Se quisermos adivinhar um pouco da URSS de amanhã, talvez seja melhor escutar essa música que sobe, do que apurar desesperadamente o ouvido na direcção dos muros do Kremlin.

(1) Entre os quais uma espantosa «Homenagem a Michel Legrand» que tem muito êxito.



NOCTURNO

A noite tem os seus habitantes, os seus protagonistas-testemunhas. Seguem algumas vozes recolhidas por aí, falando do que viveram e viram viver. Lugar do imaginário geral, dos desesperos pessoais, das perdições, a noite despoleta tudo aquilo que durante o dia está escondido ou apenas se entrevê — solta o recalcado de um quotidiano depressivo. É a verdade, a verdade que a noite guarda em si, apartada da luz do Sol, das ilusões. Nós somos assim, à noite. Mantive-se a oralidade dos testemunhos, e a ordem por que seguem é perfeitamente arbitrária. São casos, episódios, ocasiões, parecidos a milhentos outros. Fragmentos da noite.

RUI EDUARDO PAES

Lembro-me mal dos dias. A luz solar embaciava as cores, esmagava. Das noites, lembro-me. O azul estava mais longe que o céu, estava atrás de todas as espessuras, recobria o fim do mundo.

Marguerite Duras, O Amante

Depois, de repente, a imensidão das trevas pareceu adensar-se, engrossar, dilatar-se para ele ao mesmo tempo que avistou aquilo que lhe parecia um par de olhos injectados de sangue a aproximarem-se. Fearmax cobriu o rosto com as mãos e entregou-se mentalmente. Os seus lábios moveram-se mas sem produzir qualquer som. Sentiu-se apanhado por fim por uns lábios macios e húmidos de enormes dimensões e levado, quase sem sentido, para o fundo dos longos corredores bafientos do labirinto.

Lawrence Durrell, O Labirinto Negro

Essa noite de bruma era a sua última noite, o que o satisfazia. Ia saltar pelos ares com o carro, num relâmpago em bola que iluminaria por um segundo aquela avenida horrível e havia de cobrir uma parede com uma girândola de sangue.

André Malraux, A Condição Humana

Foi uma estranha noite. Não sei o que esperava, talvez a morte, talvez tiros e correrias na noite, mas nada aconteceu.

Ernest Hemingway, O Adeus às Armas

Surpresa

«Foi no (...): um tipo que eu não conhecia e nunca tinha visto chamou-me da porta da casa-de-banho. Desconfiei das intenções mas achei piada à situação e fui ter com ele. Lá dentro eis que me oferece nada menos que quatro pacotinhos de coca para snifar e sem mais uma palavra sai e vai-se embora. Delirei.»

Astral

«Ela era loura, lindíssima, todos os olhares confluíam para ela. Desde que entrara ainda não parara de dançar, parecia possessa, parecia que tinha que dançar tudo naquela noite pois morria já na manhã seguinte. Ela não via nada, vibrava só com a música. Não consegui perceber bem até que ponto ela estava vestida ou despida. O corpo revelava-se-lhe na mesma medida em que se cobria. Eu estava hipnotizado, desisti do meu vodka-laranja e tive que ir dançar para a frente dela. Nem reparou em mim.»

Verão

«Já tinha perdido o último comboio. Fui ao teatro ver o Marat/Sade e depois para o Bairro Alto, e acabei por distrair-me com as horas. Estava cheio de sono e com a cabeça um bocado pesada. Estendi-me num banco ali do Jardim do Príncipe Real (era Verão) e antes de adormecer aparece um cinquentão com um cão pela trela. Avisa-me do perigo de dormir ali e enquanto falava notei que ele era homossexual. Convidou-me para dormir em casa dele. Marimbei-me para o que pudesse acontecer, desde que dormisse num colchão mole. Fui com ele. A casa era muito confortável e estava muito bem arranjada. Só havia uma cama, por sinal de casal. Deitou-se ao meu lado mas não me fez nada. Melhor assim.»

Joalheria

«Foi ali nas Avenidas. Onze e meia da noite. Um rapaz cigano acerca-se de nós a perguntar-nos se queríamos comprar um material que então nos mostrou: jóias. Coisas valiosas, que valiam bom dinheiro. Metemos conversa com ele e o tipinho até aderiu, com ar de desafio. Tinha partido os vidros da montra de uma joalheria umas noites antes e andava à procura de clientes. A conversa desenrolou-se, contou-nos que um advogado se tinha mostrado interessado por algum do material que ele tinha roubado e que estava em vias de fechar negócio com outras pessoas da alta. Não lhe comprámos nada: apertámos as mãos e ele foi à vida e nós também. Vi-o mais tarde em Algés a

tomar conta de uma venda de jeans.»

Alfama

«Eu mais uns amigos temos o costume de ir a Alfama, onde damos umas voltas e jantamos em qualquer tasco. Foi num deles (servem um bife fantástico, enorme, que chega a compensar o excesso de gordura e o ranço das batatas fritas) que conhecemos um dos poucos personagens castiços de Lisboa que ainda restam: o Rouxinol. Um velhote que depois de dar de comer à mulher entrevada vem ao seu habitual tinto. Deram-lhe esse nome porque ele levou a vida a tocar tudo... que lhe parassem às mãos. Um supertalento que não pôde ser explorado. A sua especialidade é tocar uma flauta de bisel pelo nariz: foi o que fez na noite em que passámos por lá. Enquanto uns se penduravam ao balcão para não caírem de tão bêbados e outros se prometiam facadas, ele mostrou-nos as suas artes, entremeando com adivinhas e truques. Era o homem das habilidades, nós os estranhos ao bairro, a quem achava dever mostrar-se o melhor possível. Ficámos amigos, mas já há algum tempo que não o encontramos. Morreu-lhe a companheira ou ele já não se mete nos copos?»

Medo

«Tínhamos resolvido comemorar a nossa licenciatura em conjunto. Eu e um grupo de colegas mais chegados fomos até ao Jamaica, onde dançámos um pouco. Depois alguns de nós, entre os quais eu própria, resolvemos sair e ir beber umas imperiais noutro lado. Fomos calhar ao balcão de uma cervejaria e começámos a conversar — o tema de uma das conversas foi a liberalização do haxixe na Holanda. Foi então que os empregados da cervejaria, que não eram mais que agentes da Polícia disfarçados, saltaram para cima de nós e nos levaram para a esquadra. Éramos dois rapazes e duas raparigas, a eles durante o caminho bateram-lhes, a nós, quando chegámos, arranjaram o pretexto de nos revistarem, a ver se tínhamos droga connosco, para nos apalparem. No bolso de um dos meus colegas simularam a existência de uma prata com haxixe, só para nos atemorizarem. Chamavam-nos de putas. Passei na esquadra grande parte da noite, a um dos rapazes só o soltaram na manhã seguinte, talvez por terem visto que era o mais rebelde. Primeiro foram-nos embora a Fernanda e o Zé e depois, um dos polícias, quando chegou a minha vez, disse-me que me acompanhava até uma rua próxima, que era onde eles estavam à minha espera. Acreditei. Vi depois que estávamos a andar demasiado e aquilo era mentira. Tive medo. Ele metia-se comigo por eu ter um curso superior, assustava-me

dizendo que era membro de um esquadrão da morte e que qualquer dia nos matava a nós, «os drogados todos». Depois começou a perguntar se eu era virgem, se algum daqueles rapazes era meu namorado. 'E se eu te violasse?', disse ele então, 'não tinhas medo?' — ainda pensei que era basófia, até que ele me empurrou para o escuro da entrada de um prédio. Galguei pelas escadas acima: por sorte, aquele era o único prédio da zona onde eu conhecia alguém. Gritei a chamar e o polícia fugiu.»

Karaté

«Apanhei a camioneta para Carnaxide, devia ser meia-noite e meia. Vinha de fazer horas extraordinárias lá na empresa. Já tinha entrado um sujeito vestido com um camuflado, fazendo largos gestos que pareciam de karaté. Depois acalmava, encolhia rapidamente os ombros, olhava senhorialmente para quem subia. Umas pessoas evitavam encarar-lo, outras observavam os seus movimentos com espanto ou comisseração. É evidente que ele era um louco. Mas algumas pessoas riam-se ostensivamente e o homem acabou por reagir mal — 'Vocês julgam que eu não sei o que é psicanálise? Eu sei mais de psicanálise do que todos vocês. Não se riam. Vão para o raio que os partam.' Desceu em Linda-a-Velha, e pelo vidro de trás ainda o vi com as mesmas posturas de karaté à frente dos automóveis e a marchar. Contaram-me mais tarde: foi em tempos um capitão, torturado pela PIDE.»

Fado

boio, do Estoril para o Cais do Sodré. O Festival de Jazz de Cascais, ali no pavilhão dos Salesianos. Entra igualmente um grupo animado de mulheres, de idades diversas. Ao que percebi, uma delas fazia anos e tinha levado as outras a uma festarola no Estoril. Acho que eram de Alfama ou da Madragoa. A aniversariante era a que entre todas estava mais bem bebida — cantava o fado aos passageiros, contava anedotas picantes, metia-se com os homens que entravam nas estações. Era bonita, devia ter uns quarenta e tais, e brejeira como só na velha Lisboa. Ria-se perdidamente com as outras. A seu lado uma filha, com a neta ao colo. Mas lá no fundo havia uma certa melancolia.»

Mercedes

«A mãe trá-lo aqui ao (...) por volta das 11 e meia. De Mercedes. E vem buscá-lo às 4 da madrugada. Ela é do estilo: se encontra o filho juntamente com amigos, na rua, para o carro e diz-lhe que está farta de o avisar para não andar com drogados. Não sabe ela que o menino todas as noites se drunfa e dá espectáculo no (...). Mal consegue andar, ou fica curvado para a frente ou cai para trás. No outro dia estava ele nesse estado, com as notas de mil a saírem do bolso de trás das calças, e já estavam uns galifões de olho nele, a esperar o melhor momento. O pior é que a senhora até faz grande juízo dele, teme muito as más influências — enquanto que o filho é capaz de ser pior que os outros todos. Mas não é este o único caso: há uma outra, também muito fina, que leva a filha de Mercedes branco e a vai buscar altas horas da madrugada. Disse-me a miúda uma vez que ela faz isso para lhe calar a boca: acontece que o marido da tipinha anda muito por fora, em negócios, e ela tem uns esquemas e frequenta muito os serões de jogo da alta sociedade e, claro, não quer que o homem saiba. Assim goza a mãe e goza a filha: tudo bem.»

Fantasmas

«Eram duas e meia da noite. Uma mulher que ajeitava constantemente o cabelo, em gestos nervosos, andava de pessoa em pessoa, aquelas que passavam àquela hora na rua, a perguntar se

conheciam o José Manuel. Tinha um ar completamente tresloucado, e a dar o tom um cachecol muito esfiado e a roupa em desalinho. Também a mim se dirige, e igualmente me conta a história que vinha repetindo: dizia chamar-se Xana Hendrix (por causa do guitarrista com o mesmo apelido), que era a última dragona do 2001, e que o José Manuel, companheiro dela, tinha morrido. E que um dia, vinha ela precisamente do 2001, lhe apareceu um fantasma a dizer-lhe insistentemente que precisava de seguir o caminho do José Manuel e saber de todos aqueles que o pudessem ter conhecido. Era essa a razão, dizia ela, porque andava por ali a pairar. Acabou por me acompanhar durante algum tempo e até me ofereceu o cachecol. Depois, numa 'boite' algures por aí, eu dei o fora. Ela continuava a perguntar a toda a gente se conheciam o José Manuel. Dava um estrilho do caracas. A última coisa que eu vi dela foi deixar-se ir com dois tipos manifestamente à procura de mulher, por eles dizerem que tinham sido amigos do tal José Manuel. Mas para uma noite não chegou: cá fora vejo um velhote, aos tombos de bêbado, que tinha reconhecido numa montra de uma loja de modas um manequim que era parecido com a antiga noiva dele que depois lhe fez negaça. Vai daí e insulta o manequim, batendo com os punhos no vidro.»

Cama

«Foi uma noite incrível. Éramos três: eu, um amigo e a namorada dele. Resolvemos fazer o trajecto das 'boites' de cabo-verdianos, em S. Bento. Fomos encontrando gente e as conversas cruzaram-se, estilizaram-se. O meu amigo começou a ficar vexado por a namorada não lhe dar muita atenção: ela era a mais animada de nós todos, conversava com toda a gente, ia ter com este e com aquela. Até que o rapaz se foi embora, sem dizer palavra. A rapariga ficou a um bocadinho mais triste. A namorada ficou a aborrecidíssima, pois tencionava dormir essa noite com ele. Ainda fomos à procura pelos bares, mas nada. Ela estava visivelmente frustrada. Ofereci-me eu para ficar com ela. Pós o problema das dificuldades mas foi na cama dela que acordei depois.»

1.º de Maio

«Foi numa noite de 1.º de Maio. Tínhamos ido à manifestação e depois para uma jantarada tardia. Na volta cantávamos a 'Grândola Vila Morena' e dois velhotes juntaram-se a nós. Perto de uma esquadra dizem-nos para não fazermos barulho porque as pessoas queriam dormir àquela hora. 'Não é que sejamos contra as cantigas comunistas...', argumentam também. Um dos dois velhotes revolta-se contra o dito e desata a cantar a plenos pulmões. Um polícia, com as mãos cheias de anéis, desata à chapada ao homem, enchendo-lhe a cara de sangue e derrubando-o. Ia continuar a bater-lhe quando eu me pus no meio. Resolvemos então entrar na esquadra para apresentar queixa daquele agente. Eles apontam tudo o que dizemos, em gesto muito oficial, mas os escárnios, as ironias e as risadas diziam tudo: a verdade é que o polícia nunca foi castigado e o velho ficou preso até à tarde do dia seguinte.»

Rock

«Foi no Verão, na Caparica: um concerto rock ao ar livre. Acho que eram os UHF. Ela tinha chegado ali pouco antes. Bonita, mas com uma cara sombria. Pediu-me para encostar as costas às minhas pernas. Tudo bem. Daí a um bocadinho as mãos de ambos percorriam o corpo um do outro, por baixo das roupas. Havia nela uma sofreguidão que depressa passou para mim. Com o escuro ninguém reparava em nós. Daí a pouco levantou-se e foi-se embora. Nunca mais a vi.»

Solidão

«Desde o fim da tarde eu vou seguindo por aí. Entro aqui, fico ali, sigo ao acaso: é assim que eu gosto de viver a noite. Numa dessas ocasiões cruza-se-me no passeio um latagão de dois metros de altura e um corpanzil imenso. Abraça-me e pergunta-me se sou amigo dele. Eu respondo-lhe que sim mas que não gosto de ser apertado. O homem muda logo de comportamento e fica agressivo. Tenho de acalmá-lo para ele não me desfazer, dizer que gosto muito dele, etc. Não sabia se ele era maluco, se estava bêbado ou se era 'bicha'. No última hipótese seria muito difícil dar-lhe uma negaça no caso de ele querer ir mais longe com aquilo; o pior era se ele fosse maluco ou estivesse bêbado. Seguiu comigo durante algum tempo e em dada altura fingi que atava os atacadores de um sapato para me pirar. Dei uma corrida e refugiei-me no primeiro bar de putas. Fiquei lá uma hora, a ver se tinha uma aberta para ir para outro sítio. O tipo andava lá fora à minha procura.»

Piano

«Já viste o gozo que é transportar um piano de uma casa para outra bem à noitinha e percorrer uma série de ruas a tocá-lo em cima da camioneta? Não há sensação igual.»



Foto de Francisco Paraiso

Nova Iorque

Uma cidade atomista?

«O que é um começo? Um encontro. O que é um fim? Uma separação. Entre ambos, a duração, sempre relativa, de um mundo». Marie Cariou (1) punha nestes termos a problemática do cosmos atomista, a de um mundo sempre múltiplo. Encontramos hoje a curiosa atmosfera deste mundo plural em potência, como se assistíssemos, de certo modo, a uma efêmera passagem ao acto. Como num sonho que nos fugisse na sua realidade fluida e transitória, circulamos, de pés alados, na cidade mais democrata-cristã e lucreciana que existe: Nova Iorque.

CHAKÉ MATOSSIAN

Encontros: Edgar Morin, Karel Appel, Nova Iorque (2). Um texto, fotos cobertos de desenhos, um entrelaçar de vozes, de imagens, de matéria, de grafismo. Para voltar a dizer com insistência que «as coisas e os estados não são mais do que pontos de vista tomados pelo nosso espírito sobre o progresso.» (3). Ponto de vista portanto. Assim, Nova Iorque surge como o lugar por excelência onde se cruzam «as formas imprevisíveis recortadas pela vida» (3), o infinito vazio onde se acotovelam os átomos, o lugar onde tudo é possível.

Elohim e a termodinâmica

Por outras palavras, Nova Iorque seria a imagem desse «centro» bergsoniano «de onde os mundos surgiram como fo-

guetões de um ramalhete imenso», de um centro que não é, no entanto, uma coisa, mas «uma continuidade de produção» (3). Em Nova Iorque Morin faz-se átomo circulando no seu universo. Um universo em que a matéria é **energia**, em que a cor se revela como substância, em que nos perdemos com embriaguês nos cruzamentos energéticos, no **turbilhão termodinâmico**. A arquitetura, os monumentos, a polícia, os próprios pombos, dizem de novo a sua participação nos mundos de Demócrito e de Lucrecia. O polícia já não é um agente. Já não podemos situá-lo no tempo e no espaço, de uniforme, como na nossa terra. Não, em Nova Iorque a Polícia transformou-se em não-ser, em movimento perpétuo, a sua presença está na sua ausência, na sua mobilidade constante, e só o ruído das sirenes a manifesta.

Devido à sua erecção os arranha-Céus contradizem o sentido aristotélico do mundo.

Os corpos grandes e pesados põem-se a subir em vez de cair, porque a cidade, no seu infinito vazio, dá lugar à desordem, à espontaneidade do movimento dos corpos. A natureza e os seus elementos recebem a sua parte de infinito. Ao passo que em Paris o vento «chega definhado, temperado, muito Ile de France» ele adquire em Nova Iorque «a sua carga de infinito» (2,42).

Do mesmo modo os grandes pombos estúpidos da velha Europa surgem «gaivotizados» em Nova Iorque, onde «voam com embriaguês». Embriaguês provocada pela dimensão necessariamente caótica do universo que todas as cidades, todos os planos ten-

tam ocultar. Nova Iorque, como ilustração do universo atomista convida-nos com urgência a reconhecer a desordem, a sonhá-la, a circular nela. «Deixa-te atravessar, possuir pelo Elohim termodinâmico quando esse excesso físico se torna, por si próprio, metafísico» (2,68). Dar ao caos o lugar que lhe é devido, sem o mergulhar na ilusão dialéctica, continua a ser a condição para pensar o mundo. Em **O Método I** (4), Morin escrevia: «Nenhuma unidade dos contrários, nenhuma dialéctica poderá esgotar o mistério do caos, ou seja, duma só vez, o mistério da relação genésica/genérica de Caos a Logos (o desenvolvimento discursivo da ordem e da organização) de Ubris (a demência) a Diké (a medida); de Elohim (a génese) a Javé (a lei). O caos remete-nos para o que é simultaneamente subdimensão e sobredimensão do nosso universo...» (p. 62).

Em Nova Iorque parece que a própria estupidez engendra o espírito metafísico. Lembremos o maravilhoso texto de Michel Serres em **La distribution**, texto dedicado/ devido a um aduaneiro imbecil de Manhattan que «perguntava em voz dura se eu transportava queijo» (5). Nova Iorque anuncia-se sob o signo dos espíritos animais volteando no ar, penetrando nos poros. A seu modo o aduaneiro dava a entender o fim possível de Nova Iorque: a epidemia. Assim, até nas suas possibilidades mais terríveis, Nova Iorque mostra uma cidade lucreciana. E os aduaneiros idiotas anunciam a existência e a força dessa energia que um nada bastaria para fazer explodir ou destilar sob a febre da peste.

Comunicação dos átomos

«Átomo», como o escrevia Léon Robin (6), significa indivisível tem por equivalente la-

tino «individuus» e também pode servir para qualificar os indivíduos. Em Nova Iorque os indivíduos vivem por essência como átomos, emitem uma energia: «uma faúlha eléctrica crepita de súbito entre duas mãos que se tocam» (2,40). Nenhum lugar do mundo possui um tal «stock» genético, capaz de se mover num «shaker» gigantesco de onde surge o improvável. Nova Iorque ergue-se como um fundo imaterial e fluido, um não fundamento de um tempo sempre precedente. A linguagem é a Babel, de antes da comunicação:

«Uma cidade cósmica/plane-tária que ainda não encontrou o essencial; a comunicação» (2,66). A termodinâmica da cidade junta-se-á talvez outra, a dos media, tal como o propõe Mc Luhan, principalmente «uma bioquímica ou termodinâmica dos media e das suas operações interactivas» (7). Também temos que convir que o sistema comunicacional de Nova Iorque também se revela democristão. Ele aparenta-se à «teoria da interjeição». As primeiras palavras são simples interjeições e exclamações, elas exprimem a emoção. «Não é por acaso que esta teoria da interjeição foi introduzida por um fisiólogo, o maior dos sábios gregos. Demócrito foi o primeiro a propor a tese segundo a qual a linguagem humana tem a sua origem em certos sons de carácter puramente emocional» (8). Rousseau, na sua teoria da linguagem, estará muito perto de Demócrito, embora insistindo na importância do olhar «porque muitos objectos impressionam mais o nosso olhar do que o nosso ouvido» (9). A partir daí podemos perguntar se o queijo de Michel Serres não seria proibido em Nova Iorque por concentrar a química da comunicação própria da cidade? O queijo não concretizaria o perigo da dosagem, a possibilidade de cada indivíduo se ver «esmagado pela cidade»? Burroughs escrevia que «um vírus

talvez não seja mais do que ínfimos elementos de som e de imagem»... (10).

Em Nova Iorque, a comunicação, o movimento das construções, a variedade dos subterfúgios, a riqueza genética, o seu fluxo, a circulação do capital, fazem vertigens. De facto, como o dizia Bergson, a ideia de nada provoca a vertigem mas essa ideia é mesmo assim indispensável à reflexão indispensável acerca do mundo. Nova Iorque torna-se então como que um espelho móvel da complexidade do mundo, ela obriga a pensar o mundo como necessariamente complexo. Em **O Método**, Morin recusava a simples unidade, a homogeneização, o mundo encantado, e propunha «a unidade do cosmo, physis e caos, unidade de singularidade, de génese, de generatividade, de fenomenalidade». Uma unidade que, longe de ser calma, sublinha a complexidade do universo. «Este universo permanece uno, embora «stalado, múltiplo, policêntrico e diverso; produz por si mesmo desordem, ordem, organização, dispersão e diversidade. A unidade do universo é, portanto, a unidade complexa» (4,335).

(1) Marie Cariou, **L'atomiste**, Aubier, 1978, p. 157

(2) Edgar Morin, Karel Appel, **New-York**, Galilée, 1984

(3) Henri Bergson, **L'évolution créatrice**, P.U.F., 1969

(4) Edgar Morin, **O método I**, Europa América, 1

(5) Michel Serres, **La distribution**, Minuit, 1977

(6) Léon Robin, **La pensée hellénique des origines à Epicure**, PUF, 1967

(7) Marshall Mc Luhan, **D'oeil à oreille**, Denoel Gonthier, 1977

(8) Ernest Cassirer, **Essai sur l'homme**, Minuit 1975

(9) J. J. Rousseau, **Essai sur l'origine des langues**, Bibl. du Graphe 1971.

(10) William Burroughs, **Electronic Revolution**, London.



doces crónicas

O FESTIVAL R.T.P. DA
?CANÇÃO? NÃO PODIA DEI-
XAR DE SER ASSUNTO DE
CONVERSA, SOBRETUDO FALA-
VA-SE DA AFINAÇÃO DA
BANDA DE MÚSICA!



"SEM UM DESLIZE!"-DIZIA UM "E BARATINHA!"-DIZIA
OUTRO! ERA UMA ORQUESTRA IMponente, A ORQUES-
TRA **PLAY-BACK!** "CLARO!"-DIZIA O ALBINO "ISSO
AGORA DOS MÚSICOS NO
PALCO, JÁ NÃO SE USA
AGORA É TUDO GRAVADO
EM ESTÚDIO, TEM MUITO MAIS
PIADA E É MAIS MODERNO!"



COMO MAIS ESTA EXPERIÊNCIA DEU ENORME RE-
SULTADO, A R.T.P. PARA O ANO PODIA POR TAM-
BÉM OS CANTORES
EM **PLAY-BACK** E NO
ANO SEGUINTE ATÉ
PODIA JÁ SÓ POR O
GRAVADOR EM CENA,
AO VIVO, COM AS
CASSETTES, AINDA MUITO
MAIS MODERNO!



DEPOIS PODIAM ATÉ
POR OS TELEJOURNAIS
EM **PLAY-BACK** (JÁ NÃO
O SÃO?) E OS CON-
CURSOS, FICAVA MUITO
MAIS BARATO E MUITO
MAIS MODERNO!



E A R.T.P. EM VEZ DE ANDAR
SEMPRE A REPETIR OS FILMES E
OS PROGRAMAS DA SEMANA ANTE-
RIOR PODIA PASSAR A REPETIR OS FIL-
MES E OS PROGRAMAS TRANSMITIDOS NO
DIA ANTERIOR, FICAVA MUITO MAIS BARA-
TO E MUITO MAIS MODERNO!



e «Voando Sobre um Ninho de Cucos», de Milos For-
man, às 21 e 30. Para além dos ciclos, e em primeiro
lugar, não se esqueça que se encontra já em exibição,
no Quarteto, o filme de Andrei Tarkovski, «Nostalgia».

● Katia Ricciarelli e Maria João Pires são os nomes da
semana da temporada da Gulbenkian. A soprano está
hoje no Grande Auditório, às 18 e 30, onde interpretará
peças de Albinoni, Piccini e Vivaldi. Na quarta-feira, à
mesma hora, é a vez da pianista portuguesa que aí
interpretará obras de Schumann, Debussy e Beetho-
ven. Maria João Pires estará também na Câmara Muni-
cipal de Setúbal, na sexta-feira à noite. Na quinta-feira
pense em passar a noite no Instituto Franco-Português
onde, a partir das 20 e 30, é apresentado o espectáculo
«Le Temps du Regard»: a conjugação da dança, música
e artes plásticas feitas a partir de um texto de Philippe
Sergent e interpretada por Kurt Carter e Carlos Zingaro
(música); Michala Marcus (dança) e Joël Capolla Lar-
deux (pintor). Na sexta-feira, às 18 e 45, o espectáculo
pode ser visto na Torre de Belém.

● «Sangue no Pescoço da Gata» é o nome de uma peça
de teatro da autoria do realizador alemão Fassbinder.
Em Portugal ela é representada pelo Cénico de Direito
que a leva à cena, pela última vez, na quinta e na
sexta-feira à noite, no Teatro da Cantina Velha (Cidade
Universitária). Hoje à noite, pode ver na Barraca o
espectáculo «Dois Tempos de Teatro, um Tempo de
País» de um «autor com direito ao anonimato» e repre-
sentado por Leandra Baptista.

● Decididamente, Hitchcock entrou na moda lisboeta. A
par dos seus filmes em exibição no Quarteto e no Apolo
70, a Cinemateca decidiu dedicar-lhe um novo ciclo. A
repetição tem, no entanto, uma surpresa: na quarta-fei-
ra, às 18 e 30 e 21 e 30, é aí apresentada a versão em
três dimensões do filme «Dial for Murder» («Chamada
para a Morte»). Também na Cinemateca continua a
decorrer o ciclo dedicado a Antoine Bonfanti, conside-
rado um dos maiores técnicos de som do cinema fran-
cês. No âmbito do ciclo é hoje exibido, às 21 e 30, o filme
de Jacques Rivette, «La Religieuse». No que toca a
cinema francês, de assinalar também a exibição ama-
nhã, às 18 e 30 e 20 e 30, do filme de J. P. Melville, «Le
Cercle Rouge», no Instituto Franco-Português. «Direitos
Humanos» é o tema de um ciclo de cinema a decorrer no
Carlos Alberto do Porto e no âmbito do qual é amanhã
exibido «Estado de Sítio», de Costa Gravas, às 15 e 30,

Responsável de edição, João Mendes
Correspondência, Diário de Lisboa /Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA

sete mensagens pessoais sete

Actores/Figurantes (Cinema)

Enviem fotos cores, corpo inteiro com informações
(línguas, experiência, desportos). Qualquer idade. Rua
Padre Francisco, 18 r/c Dt.º 1300 Lisboa. Já!

Capa Fiat 127

Vendo, com muito pouco uso. Contactar Tel.
9260454, das 9 às 12h ou depois das 19 horas.

Emblemas

«Pretendo trocar emblemas de partidos políticos,
bases de copos e autocolantes ou cartazes sobre protec-
ção do meio ambiente. Luís Oliveira, Rua Luís Sommer,
23,2330 Entroncamento»

Excursão a Monsaraz

Visita cultural e convívio no próximo dia 23 de
Março, levada a efeito pela cooperativa PLATA-
FORMA e pelo clube cultural PROJECTO-CONVITE.
Passagem por Évora e regresso por Vila Viçosa, Estre-
moz e Arraiolos. Os interessados devem escrever para o
Apartado 1332, 1009 LISBOA CODEX, indicando
forma de contacto rápido, preferência telefone.

Oficina — Artes Plásticas

Pintura, desenho, barro, gravura, tecelagem, fanto-
ches, carpintaria. Um espaço para estar, ler, imaginar,
improvisar. Aberto a crianças e jovens a partir dos 6
anos. Tel. 665258.

Mensagem

Roulotte com dois quartos compra-se, indicar marca
seu estado, preço e restantes indicações sobre a mesma.
Resposta para: (A. Costa — Rua do Ouro, 50,1100
Lisboa.

«Abat-jours»

Fabrico e restauro. Bons preços. Se preferir traga o
seu próprio tecido. Adapto a candeeiros peças diversas.
Desconto aos leitores deste jornal. Av. do Brasil, 182-
traseiras. Fácil estacionamento. Tel. 881937-1700 Lx.

Trocas

Estou interessado em trocas de caixas e carteiras de
fósforos e de calendários de bolso de Portugal de qual-
quer data, em último recurso posso comprar. Álvaro
Antunes dos Santos, Rua Vale Formoso de Cima, 138-
1.º, Esq. 1900 Lisboa.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à
quarta-feira de cada semana, as suas «men-
sagens pessoais», que o Sete Ponto Sete pu-
blicará gratuitamente na edição seguinte.
Cada mensagem não deve ter mais de 60 pa-
lavras (incluindo a identificação), e nem o
Sete Ponto Sete nem o «Diário de Lisboa»
podem ser os destinatários das respostas,
quer dizer: cada mensagem deve mencionar
a morada ou telefone do seu autor. Dactilo-
grafe ou redija muito legivelmente o seu tex-
to, e envie-o para «Mensagens Pessoais»,
Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano,
44, 1200 LISBOA.